

MÔNICA RAHAL MAURO

O FIM DO SILÊNCIO:

**As dinâmicas relacionais e a reconstrução das
famílias com vítimas de seqüestro.**

Mestrado em Psicologia Clínica

PUC/SP

São Paulo

2007

MÔNICA RAHAL MAURO

O FIM DO SILÊNCIO:

**As dinâmicas relacionais e a reconstrução das
famílias com vítimas de seqüestro.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a
Orientação da Prof^a. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

PUC/SP

São Paulo

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

MÔNICA RAHAL MAURO

O FIM DO SILÊNCIO:

As dinâmicas relacionais e a reconstrução das famílias com vítimas de seqüestro.

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a Orientação da Prof^a. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

Aprovado

em:.....

Conceito:.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo

Orientadora

Prof^a. Dra. Ana Maria Fonseca Zampieri

Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Ferreira-Santos

Examinador

AUTORIZAÇÃO DE REPRODUÇÃO DO TRABALHO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e Data: _____

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as famílias que tiveram perdas.

Verdadeiras ou não...

Como a minha...

AGRADECIMENTOS

Inicio meu agradecimento a todos que sempre acreditaram na possibilidade de superações.

Agradeço a você José, por tudo, tudo mesmo.

Agradeço a vocês Thiago e Frederico, pela presença e pela ausência.

Agradeço a vocês Lolo e Edu, pela ajuda sempre.

Agradeço ao Fernando (*in memorium*) um grande incentivador.

Agradeço ao Arnaldo, fantástico motivador.

Agradeço aos meus colegas de classe pelo apoio e companheirismo.

Agradeço aos meus amigos pela compreensão da distância.

Agradeço a você Edinah, pois mãe é sempre mãe.

Especial e profundo agradecimento à minha orientadora Rosa, pela aceitação do meu projeto, pela paciência, e principalmente pelo carinho que me dedicou nos momentos tão difíceis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	07
3. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA.....	07
4. OBJETIVO GERAL.....	08
5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	08
6. TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO.....	09
6.1 <i>Estresse.....</i>	<i>10</i>
6.2 <i>Trauma.....</i>	<i>11</i>
6.3 <i>TEPT.....</i>	<i>18</i>
7. SEQÜESTRO.....	24
7.1 <i>O que é o Seqüestro.....</i>	<i>24</i>
7.2 <i>A História dos Seqüestros.....</i>	<i>26</i>
7.3 <i>A História dos Seqüestros no Brasil.....</i>	<i>30</i>
7.4 <i>Os números do Seqüestro.....</i>	<i>32</i>
8 FAMÍLIA.....	39
8.1 <i>Família e Perda Ambígua.....</i>	<i>48</i>
8.2 <i>Família e Seqüestro.....</i>	<i>51</i>
9 MÉTODO.....	57
9.1 <i>Reflexões sobre a Escolha Metodológica.....</i>	<i>57</i>
9.2 <i>Sociodrama Familiar Sistêmico.....</i>	<i>64</i>
9.3 <i>Participantes.....</i>	<i>67</i>
9.4 <i>Instrumentos e Procedimento.....</i>	<i>67</i>
10 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS SESSÕES.....	69
10.1 <i>Compreensão na perspectiva dos familiares, do que significou esta experiência (Trauma, Seqüestro, TEPT).....</i>	<i>70</i>
10.1.1 <i>Resumo das histórias</i>	<i>70</i>
10.1.2 <i>Análise do Impacto</i>	<i>76</i>
10.2 <i>Organização familiar, as mudanças na vida familiar, as mudanças na vida de cada membro da família, o sistema organizado pelo trauma, a perda ambígua.....</i>	<i>87</i>
10.3 <i>As soluções para os conflitos, traumas.....</i>	<i>108</i>
10.4 <i>O sociodrama familiar sistêmico e as dinâmicas relacionais familiares para o Fim do Silêncio</i>	<i>119</i>
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125

<i>12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</i>	<i>129</i>
<i>13. BIBLIOGRAFIA.....</i>	<i>134</i>
<i>14. ANEXOS.....</i>	<i>137</i>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro I – Quadro Clínico do Transtorno por Estresse Pós-Traumático (Ballone, 2005, p. 6).....	21
Quadro II – Estímulos Estressantes e Porcentagem de Transtorno por Estresse Pós-Traumático (Ballone, 2005, p. 5).....	23
Tabela I – Ocorrências de Seqüestros no ano de 2006 no Estado de São Paulo – dados fornecidos pela Divisão Anti-Seqüestro – DAS -(www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	33
Gráfico I – Análise Trimestral: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo - (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	34
Gráfico II – Análise Anual: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo - (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	35
Gráfico III – Análise Semestral: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo - (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	35
Gráfico IV – Análise Trimestral: extorsão mediante seqüestro na Capital de São Paulo (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	36
Gráfico V – Análise Anual: extorsão mediante seqüestro na Capital de São Paulo – (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	37
Gráfico VI – Análise Semestral: extorsão mediante seqüestro na Capital de São Paulo (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).....	37
Figura 1 – Modelos Sistêmicos de experiência na Família, no Indivíduo e na Sociedade – (Bentovim, 2000, p. 40).....	41
Figura 2 – Relações entre Indivíduo, a Família, a Sociedade e a Violência – (Bentovim, 2000, p. 41).....	42
Figura 3 – Fronteiras ou regras de um subsistema que definem quem participa e como, na estrutura familiar (Minuchin, 1982, p. 285).....	47
Genograma 1 – Família I.....	70
Genograma 2 – Família II.....	74
Figura 4 – Imagem obtida após dramatização.....	94
Figura 5 – Esquema da estrutura familiar da família I.....	100
Figura 6 – Esquema da estrutura familiar da família II.....	101
Figura 7 – Esquema da estrutura familiar da família I no meio do processo terapêutico.....	114

Figura 8 – Esquema da estrutura familiar da família II no meio do processo terapêutico..... 115

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fundamental compreender as dinâmicas relacionais e a reconstrução das famílias com vítimas de seqüestro. Aprofundar através da descrição teórica e prática a compreensão do processo de vivência das famílias que sofreram um evento traumático, o seqüestro. Discutir teoricamente as relações familiares, suas fronteiras, a perda ambígua, o trauma nas dimensões social, psíquico e político. Com base na literatura e na experiência clínica desenvolver uma ação terapêutica.

As pessoas e seus familiares que vivem situações de violência, de qualquer espécie, em especial o seqüestro, tendem ao isolamento, pelo sentimento de medo e insegurança que a situação gera e pelo desconhecimento da problemática. A normalidade e a tranquilidade rompem e o equilíbrio da família desaparece. Os problemas familiares que existiam antes do seqüestro, a partir deste evento, tornam-se piores e, por conseguinte, os atritos aumentam.

A experiência que se tem com famílias após o seqüestro (com cativo ou relâmpago) vem demonstrando que esta vivência traumática não termina. Algumas famílias retornam à vida que levavam, mas a grande maioria entra em um processo de reconstrução, que normalmente leva tempo e gera dor (TEPT).

No grupo em que vivem, o silêncio sobre o tema na maioria das vezes, se impõe, pela impossibilidade de acharem uma solução ou para evitarem reviver o sofrimento. A consequência é mais silêncio, pois não se pode tocar no assunto, nem em outros que possam lembrá-lo e assim, sucessivamente. No momento que se aceita que todos estão sofrendo os efeitos do seqüestro e que o sistema familiar deve reestruturar-se para canalizar e desenvolver novos esquemas de funcionamento foi possível achar a chave que ajudou a desemaranhar a confusão dos sentimentos de medo, tristeza, culpa e de raiva. O caminho percorrido foi o processo da elaboração deste “luto” por tudo o que foi perdido e que pôde ser expresso com o fim do silêncio, resultando em uma reestruturação dos sistemas familiares.

O enfoque de investigação selecionado para este estudo foi o Sociodrama Familiar Sistêmico que engloba a terapia psicodramática e sistêmica. O psicodrama possibilita uma correlação do mundo interno (intrapsíquico) e o mundo externo (realidade), procurando recuperar a espontaneidade, diminuir as tensões, contextualizar o conteúdo e falar de sentimentos. A abordagem sistêmica tira o foco do indivíduo para os sistemas humanos, portanto do intrapsíquico para o inter-relacional.

Palavras Chaves: Violência, Trauma, Estresse Pós-Traumático, Seqüestro, Terapia Psicodramática, Terapia Sistêmica.

ABSTRACT

This report has its fundamental goal by understanding relationship dynamics on kidnapped victims and their families' reconstruction. Get deeper on either practical or theoretical view giving a whole understanding of families' process who had suffered a traumatic event, the kidnap. Discuss theoretically view of family relationship, their frontiers, the ambiguous loss, and trauma in all its dimensions, social, psychological and political. Base on literature and clinical background, developing a therapeutic action.

Person and their families, who had suffered violence situations of any kind, especially kidnapping victims, might lead to isolation by feeling insecure and fearful created by the situation and the troubled unknown. Normality and tranquility disappears, breaking the family balance. All the problems that families had before the kidnap get worse after the event, rising conflicts.

The after kidnapping experience from families (brief kidnapping or captivity) has shown that traumatic situation never ends. Some families return to their previous life, but the majority gets into a reconstruction process that normally takes time and creates pain (PTSD).

Inside their living group, being silent about the theme in majority of time can be imposed by inability to find a solution, or to avoid suffer reviving. The consequence is more silence avoiding talking about the subject or anything that might remind them. The moment they accept that all of them are suffering from kidnap effects and the family system must be reconstructed to focusing and developing new schemes for family function, then it was possible to find the key that helped to untangle the fear feeling mess, sadness, guilty and anger. The followed road was the "grief" process for everything they had lost and were express by the end of silence, resulting to a new restructured family system.

The spot of this investigation were selected by the study of Systemic Familiar Sociodrama that encloses Systematic Psychodrama Therapy. Psychodrama allows a correlated function to the internal world (intra-psychic) and external world (reality), seeking to regain spontaneity, lowering tensions, textual zing contents and talking about feelings. The systemic approach takes human systems out of individual focus, in another word from the intra-psychic to the inter-relational.

Key Words: Violence, Trauma, Pos-Traumatic Disorder (PTSD), Kidnap, Psychodramatic Therapy, Systemic Therapy,

1. INTRODUÇÃO

“Quem tem um porquê para viver, encontra quase sempre um omo”.
Friedrich Nietzsche(1882)

João conheceu Maria e depois de um câncer, tiveram uma bela menina, Clara. Pais carinhosos e zelosos deixam a pré-adolescente ir ao baile de formatura do namoradinho de 16 anos. Esperam acordados o retorno, mas nenhum carro passa, nenhuma ligação. Já é muito tarde, vai amanhecer; aí o telefone toca: estamos com sua filha e ela vale...

José trabalha muito, Antonia cuida da casa e dos dois filhos: Lia e Júnior. Com muito suor e muito desgaste, José melhora de vida. Os filhos estudam e trabalham com ele. Um dia, ele e o filho, não voltam para casa. Negociam a vida, e a vida de um vale a do outro. Quanto vale a vida de um filho? A liberdade do pai. E agora quanto vale a vida de um jovem...

Se fôssemos os protagonistas destas histórias, não teríamos dúvidas de que precisaríamos de ajuda, mas somos apenas espectadores destes dramas. O que poderíamos dizer para João, Maria, Clara, José, Antonia, Lia, Júnior ou a qualquer outro personagem de uma história semelhante? Como enfrentaríamos estas situações contadas por amigos, na TV, no rádio, no jornal? Como falaríamos para nossos filhos, nossos sobrinhos, pais, amigos, parentes que ao saírem tenham cuidado, olhem para os lados, tranquem as portas, vidros fechados, não usem carros, não peguem dinheiro no Banco, no caixa eletrônico, não saiam, não saiam...!

A sociedade atual vive em um mundo de conflitos, tempos em que as mortes naturais e esperadas diminuíram (avanços da Medicina Moderna), as mortes violentas e abruptas aumentaram (violência urbana, ataques terroristas, acidentes tecnológicos, acidentes de carro, de avião e acidentes naturais como erupções vulcânicas, alagamentos, terremotos, maremotos, tufões e outros). Eventos assim, que envolvem morte ou ameaçam a integridade física individual ou de grupos, se caracterizam por provocar medo, sensação de vulnerabilidade, desesperança, horror, e são classificados como eventos traumáticos (Gregio, 2005).

Nos últimos 25 anos, mais de 25 milhões de pessoas por ano têm sido afetadas por desastres e acontecimentos traumáticos (Esparza, 2002). Hoje, a grande maioria da população mundial já viveu pelo menos um evento traumático como a violência urbana, acidentes de todo o tipo, desastres naturais, terrorismo, entre outros (Cia, 2001).

A violência é sempre um fato privado, em um sujeito ou vítima concreto, mas ao ocorrer em muitas pessoas, converte-se num fato social. A violência é uma força injusta, pois limita a liberdade, desvia e impede o progresso humano. Na opinião de Samayoa (1990) a violência produz a desumanização e implica: na perda da capacidade para se pensar lucidamente; numa relação defensiva com o mundo; num empobrecimento da capacidade e vontade para comunicar-se com veracidade, eficácia, pleno uso da liberdade, honestidade e respeito; numa perda e empobrecimento da sensibilidade frente ao sofrimento, à dor e ao sentido solidário, e por último, o que é o mais lamentável, a perda da esperança.

Um olhar mais profundo sobre o tema da violência na sociedade atual, leva-nos à reflexão sobre a saúde mental. A saúde mental é o resultado da satisfação ou da insatisfação da qualidade de vida de um povo ou uma sociedade em particular. É consequência e faz parte das relações sociais que se está vivendo, seja por ameaça, seja por agressões físicas e psicológicas impostas por desconhecidos ou conhecidos. A Constituição da Organização Mundial de Saúde - OMS (2004) lembra que “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas em ausência de doença ou enfermidade”. A saúde mental é um aspecto fundamental da saúde que permite ao ser humano aproveitar plenamente suas aptidões cognitivas, afetivas e relacionais. Uma boa disposição mental permite enfrentar as dificuldades da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para as ações da sociedade. Apesar dos progressos marcantes observados em quase todos os países no plano da saúde física, os problemas mentais – frequentemente agravados por fenômenos psicológicos e sociais complexos como guerras, migrações, violações dos direitos fundamentais, discriminação com relação às mulheres, exclusão social ou pobreza – são atualmente uma causa importante de doença e incapacidade.

Vivemos em uma sociedade onde as pessoas confiam: uns nos outros, na rotina que têm durante a vida, que vai se repetir hoje, amanhã e assim sucessivamente. Têm-se confiança nas pessoas, na comunidade, nos familiares, em tudo que se pode ter. A confiança é o foco central das relações sociais, sem a qual a sociedade não poderia existir e os grupos humanos se desintegrariam. Podemos então dizer que a falta de confiança proporcionaria a desintegração da sociedade e o aumento da violência. A falta de confiança do indivíduo fundamenta-se em experiências e momentos de violência real e presumida, onde os suspeitos são quaisquer pessoas que estão ao “meu” redor.

Constroem-se experiências na “naturalização da violência”, onde a forma de expressão das inconformidades são demonstradas por meio de uma construção falsa de “sensação de segurança” nas pessoas (Colorado, 2002).

Conceber a saúde mental nesta perspectiva, não deixa dúvidas que os efeitos nocivos e traumáticos, como o medo, podem resultar numa sociedade com uma elevada violência social. Os efeitos poderão ser individuais, no nível familiar, grupais, organizacionais, populacionais ou regionais.

A saúde está ameaçada. A violência dispara os gatilhos das fobias, da depressão, do estresse pós-traumático. Como disse Martin Luther King Jr¹, “não é a violência de poucos que me assusta, mas o silêncio de muitos”.

A violência é um fenômeno que sempre existiu e seria utópico pensar em seu desaparecimento; no entanto sua manifestação nos dias de hoje alcançou um nível tão devastador e incontrolável que é um dos temas eleito pela Organização Mundial de Saúde – OMS (2004) para estudo. No Brasil alcançou níveis dificilmente controláveis.

Em 2004, as mortes causadas por violência, acidentes e causas em geral que não envolvem nenhum tipo de doença, mortes classificadas como tendo “causas externas”, foram equivalentes a 46,44% na Região Sudeste do Brasil (DATASUS, 2007). No ano de 2005, no Estado de São Paulo, 18,43% das mortes ocorridas também foram por causas externas, só perdendo para as doenças do sistema respiratório e circulatório, sendo 49,20% na cidade de São Paulo (DATASUS, 2007).

A Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo registrou em 2004 um total de 594.380 casos de violência direta à pessoa (extorsão mediante seqüestro, estupro, homicídio doloso e culposo, tentativa de homicídio, lesão corporal dolosa e culposa e latrocínio). Estas estatísticas referem-se a ocorrências de situações que envolvem vivências de terror, fatos que acontecem de maneira repentina e inesperada, rompendo com a ordem do cotidiano. Trazem à tona, como já foi relatada, a consciência do quanto não estamos imunes e livres da possibilidade de viver episódios que ponham a vida em risco ou que levem à morte (Gregio, 2005). Na Pesquisa de Vitimização 2002, realizada pelo Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, pela USP e pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ministério da Justiça, 2007), 67% dos brasileiros entrevistados disseram acreditar que poderão ser vítimas

¹ 1929-1968 - Líder negro americano defensor dos direitos humanos e do princípio da não violência, assassinado em 1968.

de furto ou roubo nos próximos 12 meses. Estas pesquisas relembram de forma concreta a realidade da vulnerabilidade humana, do sentimento de insegurança, o que aumenta as possibilidades de se vivenciar uma situação traumática e, conseqüentemente, de desenvolver sintomas ou distúrbios relacionados a esta.

Seqüestros, seqüestros relâmpagos, assaltos à mão armada, estupro, violência doméstica, abuso na infância: vivemos o terrorismo em doses menores no nosso dia-a-dia. É como uma pedra jogada no lago que vai formando círculos cada vez maiores na água. “Se reconhecermos que a privação dos Direitos Humanos produz doença e que, inversamente, a promoção desses direitos produz saúde, estaremos bem próximos de um belo recomeço”, diz Auro Lescher (apud Stringueto, 2002), do projeto Quixote, entrevistado por Kátia Stringueto (2002).

O fundamento básico para esta questão é o fato de que uma grande quantidade de pessoas já foi assaltada, agredida, seqüestrada ou morta. Como cada atingido tem parentes próximos, que por vezes vivem na mesma casa, pode-se dizer sem exagero, que todos são direta ou indiretamente afetados pela violência. Reorganizar a vida pessoal e familiar torna-se muito difícil. A saúde física e psíquica fica comprometida, o que afetará, por sua vez, o trabalho e a vida social de todo o sistema familiar (Mello, 2004).

“Estes são eventos que marcam a vida das pessoas, atingindo-as de forma irreversível e exigindo sua adaptação a uma nova realidade. As pessoas afetadas por uma experiência traumática não se resumem àquelas envolvidas diretamente com o fato ocorrido, mas também àquelas que testemunharam, que tiveram pessoas próximas envolvidas, ou que souberam do acontecido (DSM-IV, apud Gregio, 2005, p. 4)”.

Um ato de violência abrupta destrói a capacidade da vítima² de construir a história, pois excede qualquer referência de previsibilidade. Não é possível imaginar “tal coisa”. Com isso, há o choque entre a necessidade de se encontrar algum sentido e a impossibilidade de se organizar de forma adequada este ato de violência, o que determina na vítima um grande esforço para conseguir algum controle sobre os eventos, por meio de uma re-edição da história do fato gerador (Mello, 2004).

Relembrar e narrar a verdade sobre os acontecimentos são pré-requisitos para a cura do indivíduo assim como o favorecimento da restauração da ordem social, da reconciliação,

² O conceito de vítima a ser considerado nesta dissertação, define-a como sendo pessoa atingida, na família nuclear e extensa. A rede social próxima, família, vizinhos, amigos, compõe-se de vítimas indiretas; o indivíduo diretamente afetado em sua integridade física e mental é uma vítima direta.(N.A.)

da paz, e do desenvolvimento econômico (Herman, apud Schauer, 2005). Então, porque iremos compartilhar da “*conspiração do silêncio?*” Às vezes parece que usamos a incomunicabilidade das vítimas de violência como justificativa para não ouvir suas terríveis histórias.

A experiência de violência implica para a vítima a não integração da história traumática, pois como afirma Cia (2001) o indivíduo “fica preso em um circuito: reexperimentação-ansiedade-evitação. Essas pessoas perdem a capacidade de assimilar novas experiências (Cia, 2001: p. 472)”.

Fernando Diaz Colorado (2002) acrescenta que “quando os canais de expressão da hostilidade e da agressividade, que são produto do sofrimento, não se dão no contexto que lhes corresponde, reprimem-se ou se deslocam a palcos ou situações menos perigosos e que permitem um controle desta (Colorado, 2002: p.6, tradução da autora).” Entre as condutas ligadas ao medo, o comportamento da maioria das pessoas tende a ser o **Silencioso**, inexpressivo, inibitório e autocensurado. No Silêncio, na inibição, o sujeito aparece incapacitado para a ação num sentido amplo, e não atuar é tentar evitar tudo aquilo que gera angústia.

As estruturas individuais e familiares tornam-se, assim, cronicamente silenciosas. O isolamento da rede social é uma consequência. A violência frequentemente instaura um clima e uma espiral de silêncio que na opinião de M. Beristain (2000, apud Esparza, 2002, p. 24), é o mecanismo social que desencadeia a alienação e produz a obrigação de silenciar-se impedindo manifestações públicas. “O não se ouvir, bloqueia a representação real e impede sua reprodução social.” A família, que viveu um trauma tem seus recursos emocionais e físicos minados e seus problemas exacerbados.

São muitas as famílias que tiveram que tirar forças de onde não se sabe, e seguir sozinhas, desorientadas, abandonadas na luta para ajudar o seqüestrado e a si mesmas. A família tanto quanto o seqüestrado necessita expressar seus sentimentos de dor, raiva, culpa e indefinição do que acontecerá no final. A família necessita demonstrar suas dúvidas, seus temores e expectativas que surgiram na ausência e no retorno do seqüestrado. Toda a tensão e a angústia devem ser colocadas para fora. A psicoterapia familiar é a forma eficaz para se

processar a tensão que produziu esta situação traumática e favorecer uma adequada assimilação desta experiência.

A base da reconciliação, para M. Beristain (2001,apud Esparza,2002, p. 24),

“constrói-se no compartilhar de sua experiência com os demais, dando-lhe uma dimensão social, rompendo o silêncio produto da intimidação, para falar da vivência por mais amarga e dolorosa que esta seja; é começar a descobrir a esperança e a reconstruir a história deste verdadeiro sofrimento. A segurança é um sentir e um viver, de um conglomerado social que o construiu como resultado de suas ações, onde as condições de respeito e dignidade surgem, da satisfação de necessidades fundamentais de existência, onde a comunidade assume sua quota de responsabilidade e o Estado atua no exercício hegemônico da justiça”.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Nesta dissertação, proponho-me a responder ao seguinte problema de pesquisa: Como se apresentam as dinâmicas relacionais e a reconstrução das famílias com vítimas de seqüestro?

Assim a proposta desta dissertação é tornar a pessoa e suas famílias, donas de suas histórias, a partir de narrativas e vivências que incluam o não historiado, pois experimentamos e ajustamos nossas vidas a partir de histórias. Reviver a experiência dentro de um contexto em que se possa dar apoio e produzir integração, favorecerá a reconstrução, a co-construção de uma história familiar e uma nova realidade.

3. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA

Diferentes pesquisas (Terr, 1981; Fundación País Libre, 1999; Torres & Uribe, 2004; Vaca, 1999; Ferreira-Santos, 2006-2006a) observam que a magnitude do trauma sofrido por indivíduos seqüestrados atinge profundidade comparável a grandes eventos traumáticos em que há percepção ou possibilidade de aniquilamento (acidentes, terremotos, alagamentos, maremotos, ataques terroristas e outros).

Este transtorno leva a prejuízos das principais funções psíquicas ligadas à ansiedade e ao medo (transtorno do estresse pós-traumático), causando um efeito devastador e muitas vezes por longo período. Como, observa Ferreira-Santos (2006) levam a “uma cicatriz” a ponto de incapacitar o indivíduo para suas atividades do cotidiano, notadamente no trabalho, lazer e vida afetiva. Conseqüências estas que não podem ser medidas em números, mas sim por grandes mudanças nas vidas após este trauma e, embora muitos não mantenham viva a ferida dolorosa e viva do acontecimento, guardam marcas profundas em suas almas”.

É de grande relevância mostrar à Sociedade, ao Poder Público, à Mídia em geral, aos Órgãos de Saúde e a quem mais interessar, que os seqüestrados e suas famílias são deixados no profundo silêncio, na dor, no sofrimento e na angústia. A família quando não é cuidada pode apresentar doenças físicas, emocionais, somatizações, que causaram danos e demanda

muito maiores aos sistema público de saúde. A demora no tratamento acarretará doenças muito mais severas e persistentes nestes pacientes.

Esta dissertação procura ir, portanto, na direção dos elementos que possam indicar: a) o trauma em uma dimensão social, psíquica e política; b) saídas na ação terapêutica; c) o fim do isolamento, do silêncio; d) profilaxia.

4. OBJETIVO GERAL

Esta dissertação tem como objetivo compreender a experiência das famílias com vítimas de seqüestro.

O estudo será realizado com as famílias e a vítima de seqüestro, tanto do chamado “seqüestro relâmpago” quanto do “seqüestro com cativo”, independentemente de sexo, idade, situação socioeconômica, que já tenham o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT.

5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender, da perspectiva dos familiares das vítimas de seqüestro, o que significou esta experiência.
- Levantar que implicação teve para o sistema familiar, um de seus membros ter sido vítima de seqüestro.
- Investigar e identificar as soluções para os conflitos, traumas, encontrados após esta experiência.
- Após a investigação e a identificação destas saídas, trabalhar por meio de intervenção psicológica com a vítima e os familiares, a fim de otimizar as dinâmicas relacionais.

6. TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO – TEPT

“A morte não chega mais de uma vez, mas a sentimos em todos os momentos da vida”.

Jean de la Brutère (1968)

Como a violência urbana e a agressão interpessoal constituem ameaça à vida, à integridade física e à sensação de segurança das pessoas de forma cotidiana, a resposta emocional das pessoas é identificada atualmente como Transtorno por Estresse Pós-Traumático. Trata-se dos transtornos emocionais desencadeados pelo esforço adaptativo do indivíduo ao seu meio e, quanto mais hostil for esse meio, maior as probabilidades de transtornos emocionais.

Ao longo da história da Psiquiatria, desde as primeiras descrições de casos clínicos de histeria, os fenômenos traumáticos foram recebendo maior ou menor atenção. Buscavam conexões psicológicas entre os sintomas apresentados e o evento traumático vivido pelo paciente. Se em um primeiro momento houve uma ênfase na experiência subjetivamente vivenciada pelo paciente, em um segundo, houve claramente um reconhecimento sobre a intensidade dos estressores traumáticos, como os horrores do Holocausto. Mais tarde, o que parecia ser um fenômeno restrito apenas à guerra, originando as chamadas "neuroses de guerra", mostrou-se ser muito mais amplo e inespecífico. Chega-se então, ao que nos dias de hoje denomina-se Transtorno de Estresse Pós-Traumático: um conceito que avalia o quão ameaçador foi determinado evento traumático, assim como os sintomas apresentados pelo paciente.

Não é nosso interesse realizar uma discussão profunda acerca das diferentes concepções que tanto a psicanálise como a psiquiatria realizaram sobre a problemática do estresse, do trauma e suas consequências. Nosso intuito é abordar a evolução do conceito sob a perspectiva histórica, pela relevância do Tema. Deve-se ressaltar que nesta dissertação, os participantes já têm o diagnóstico prévio de TEPT, tendo sido avaliados por equipe especializada nesta área, e encaminhados a mim posteriormente.

6.1 Estresse

O conceito de estresse foi cunhado pela Física referindo-se ao grau de deformidade sofrido por um material quando submetido a um esforço ou tensão. No dicionário eletrônico Aurélio (2004) o estresse é "o conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras capazes de perturbar a homeostase" (equilíbrio).

Hans Selye (apud Bernik, 2005, p. 1) médico austríaco, residente no Canadá, é o criador da moderna conceituação de estresse, e observa que o estresse corresponde a uma relação entre o indivíduo e o meio, de uma agressão e reação, de uma interação entre a agressão e a resposta. O estresse fisiológico é uma adaptação normal; quando a resposta é patológica, registra-se uma disfunção, que leva a distúrbios transitórios ou a doenças graves, mas, no mínimo agrava as já existentes e pode desencadear aquelas para as quais a pessoa é geneticamente predisposta.

Segundo Lipp (1996) :

“Stress é definido como uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que de um modo ou de outro, a irrite, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz. É importante conceituar o stress como sendo um processo e não uma reação única, pois no momento em que a pessoa é sujeita a uma fonte de stress, um longo processo bioquímico instala-se, cujo início manifesta-se de modo bastante semelhante, com o aparecimento de taquicardia, sudorese excessiva, tensão muscular, boca seca e a sensação de estar alerta”. (p.20)

O Dr. Vladimir Bernik (2005) descreve que o estresse tem três fases, que se sucedem quando os agentes estressores continuam de forma não interrompida em sua ação:

- A fase aguda

Esta é a fase em que os estímulos estressores começam a agir. Nosso cérebro e hormônios reagem rapidamente, e podemos perceber os seus efeitos, mas somos geralmente incapazes de notar o trabalho silencioso do estresse crônico nesta fase.

- A fase de resistência

Se o estresse persiste, é nesta fase que começam a aparecer as primeiras consequências mentais, emocionais e físicas do estresse crônico. Perda de concentração mental, instabilidade emocional, depressão, palpitações cardíacas, suores frios, dores musculares ou dores de cabeça frequentes são os sinais evidentes, mas muitas pessoas ainda não conseguem relacioná-los ao estresse, e a síndrome pode prosseguir até a sua fase final e mais perigosa:

- A fase de exaustão

Esta é a fase em que o organismo capitula os efeitos do estresse, levando a instalação de doenças físicas ou psíquicas.

Certos eventos em nossas vidas são tão estressantes, que caracterizam a situação de trauma (lesão ou dano) psíquico. O seqüestro é um deles.

6.2 Trauma

As teorias sobre Trauma estiveram quase sempre polarizadas entre causas inteiramente psicológicas, ou genético-constitucionais. Os fatores ambientais eram negados ou não obtinham maior importância. A história dos traumas nos últimos anos tem sido forçada a ser re-estudada por traumas maciços e generalizados (difíceis de serem negados, como as guerras, a violência), e ao fazer este levantamento, tenta-se resgatar esta evolução levando em consideração esta ampliação da identificação do Trauma como um Sistema, resultado de uma interação complexa de fatores individuais, relacionais, comunitários e sociais, que é a referência nesta dissertação.

Os primeiros estudos sobre Trauma vêm da Escola Francesa com as primeiras investigações entre traumas e doenças psiquiátricas. Foram conduzidos pelo neurologista Jean-Martin Charcot (1887), que também estudou a relação psicológica entre os "choc nerveux" induzidos traumaticamente e aqueles induzidos por sugestão hipnótica. Dois discípulos de Charcot, Pierre Janet e Sigmund Freud aprofundaram o tema dos *insights* de Charcot sobre os componentes emocionais das situações traumáticas – e de sua relação com a histeria.

Em 1887, Janet escreveu sobre os mecanismos de dissociação, traumas e histeria (*"L'anesthésie systématisée et la dissociation des phénomènes psychologiques"*). Entre 1889 e 1920, encontrou origens traumáticas para suas psicopatologias.

“Janet formulava assim a primeira compreensão mais abrangente dos efeitos dos traumas sobre a mente, baseada na noção, bastante contemporânea, de que estados de excitação extremos podiam causar o fracasso na integração de memórias traumáticas. Resíduos de memória do trauma permaneceriam inconscientes, como "idéias fixas", que não poderiam ser "eliminadas" enquanto não pudessem ser transcritas dentro do contexto de uma narrativa pessoal do próprio paciente. Enquanto isto não fosse possível, continuariam a se intrometer na consciência como percepções abundantes de terror, preocupações obsessivas e re-experimentações somáticas sob forma de reações ansiosas” (Schestatsky et al., 2003, p. 2).

Em 1885, Freud adotou muitas das idéias então em voga, afirmando que "os histéricos sofrem principalmente de reminiscências... (de uma) experiência traumática que está constantemente forçando sua presença na mente do paciente... (que permanece) fixado no trauma". Freud reconheceu também que algo se torna traumático porque fica dissociado e fora da percepção consciente ("estados hipnóides"). Em 1887, Freud chegou à descoberta da *sexualidade infantil*, às *fantasias inconscientes* e sua influência dentro da *realidade psíquica*, que será considerada tão ou mais importante do que o mundo externo na construção das neuroses. Assim fundamentou a psicanálise como uma nova ciência, cuja especificidade seria o estudo da mente, do mundo psíquico e dos seus fenômenos inconscientes e, relegou o mundo externo (a "realidade material") e o papel das experiências ambientais a um segundo plano de importância. Freud retomou o tema das neuroses traumáticas, de 1914 a 1918, após a Primeira Guerra Mundial. Ele re-enfatiza a importância da intensidade dos estressores traumáticos, da ausência de descargas apropriadas verbais ou motoras para aliviá-las e do despreparo dos indivíduos para seu enfrentamento, causando o rompimento do que chamou de "barreira de estímulos", que protegeria o ego das estimulações excessivas do ambiente externo. Assim, o organismo, incapaz de lidar com a intensidade da estimulação, veria seu aparelho mental inundado por ela, causando paralisia mental e intensas tempestades emocionais. Em 1920, Freud definiu o conceito de *Trauma Psíquico* sofrido pelos ex-combatentes como uma espécie de “ruptura da barreira aos estímulos”.

Freud, neste mesmo período, preocupou-se em integrar as dimensões intrapsíquica e a ambiental, no seu modelo etiológico das "*séries complementares*", perguntando-se: "são as neuroses endógenas ou exógenas? São elas o resultado inevitável de determinada constituição ou o produto de determinadas experiências traumáticas de vida? Quanto a sua causação, os casos ... neuróticos se inserem numa série, dentro da qual os dois fatores – constituição e experiência – estão representados..." (Schestatsky et al., 2003, p. 3).

Nesta época, metade do século XIX e início do século XX – a partir da utilização de locomotivas a vapor, o transporte ferroviário de passageiros popularizou-se e os acidentes tornaram-se freqüentes. Herman Oppenheim (1889, apud Ferreira-Santos, 2006) estudou as vítimas de acidentes ferroviários e atribuiu a um quadro de lesões cerebrais o termo "neuroses traumáticas".

Com o desdobramento destas teorias, o trauma deixou de ser visto apenas como uma vicissitude do sujeito individual, de suas angústias projetadas, para ser conceituado como um problema intersubjetivo, com ênfase na relação externa real com a mãe, o pai, o meio humano, e suas repercussões intra-subjetivas.

Na linha de autores que consideram essencial aos tratamentos a retomada do processo de desenvolvimento prejudicado precocemente por condições traumáticas, pode-se citar Ferenczi (1931, apud Uchitel, 2001:157) que colocou em relevo a intensidade física e psíquica do evento traumático e o estrago que provocou no eu do sujeito, endossando a idéia de neurose traumática e privilegiando o *desmentido* (a negação pelo adulto do que aconteceu com a criança) como poderosa força traumática; Winnicott (1951, apud Uchitel, 2001:157) observou que o trauma surgiu como fator etiológico ligado a diferentes momentos do desenvolvimento e às falhas do ambiente (entendendo-se por ambiente o bebê e sua mãe) e; Masud Khan (1963, apud Uchitel, 2001:157) e o Trauma Cumulativo. Khan (1963, apud Uchitel, 2001:157) explorou o conceito de *escudo protetor* (especialmente em relação à falha da mãe no exercício dessa função), descrevendo-a como a base emocional que pode constituir experiências subtraumáticas. A mãe seria este escudo protetor ou ego-auxiliar e estabelece com o filho a relação de dependência tanto fisiológica como psico-emocional. Esta relação de intensa troca emocional resultaria em um Cúmulo de experiências subtraumáticas resultando no Trauma Psíquico. O que é importante nesta teoria é que Khan (1963, apud Uchitel,

2001:157) destaca a díade mãe-filho como o cenário interacional do trauma. Ao situar a origem da experiência perturbadora no conflito com o outro abre uma interessante perspectiva para se analisar o problema que tem a ver com o limite desse outro e que é o interesse desta dissertação.

O psicanalista Bruno Bettelheim (2000) traz importantes e novas considerações sobre a Traumatização Extrema. Bettelheim (2000) elaborou suas teorias sobre o Trauma impregnado pela vivência pessoal dos campos de concentração nazistas. A sua teoria baseia-se em referências com um marco histórico e sóciopolítico, demonstrando a necessidade metodológica de se contextualizar o evento traumático. É esta uma das principais características da concepção de Trauma. Ele analisa a qualidade do evento traumático, por exemplo, o político, o clima psicossocial, que ele chama de “situação limite”, a temporalidade incerta e desestruturante. Em situações como estas, onde há persistência das situações limites, destroem-se as barreiras psíquicas desembocando no que ele chama de “traumatização extrema”. Nestas situações, o autor observa que, não só existe um lado psíquico do trauma, mas também um lado fisiológico (a agonia da espera pela morte nas câmeras de gás). Bettelheim (2000) descreveu uma nova perspectiva do trauma: o contexto histórico e a dimensão psicobiológica.

Também a partir das condições de guerra (ocupação da Holanda pela Alemanha) Hans Keilson (1979) colocou o contexto político para definir o evento traumático. São as condições sócio-históricas concretas que produzem o trauma nas pessoas. O autor observou que durante o processo de poder daquele governo, as táticas de subordinação, tipos de violência, torturas, agressões, vão se transformando e marcando a população. Analisando as mudanças particulares do processo desencadeado com as violações sistemáticas ao direito da integridade física, psíquica e moral ocorridas ao longo do tempo, o autor identifica três seqüências traumáticas: 1- expressa o impacto da invasão militar e a ocupação do território; 2- o derramamento de sangue, os massacres, perseguições, deportações, destruições das famílias, etc. que aconteciam durante as ocupações; 3- as conseqüências psicossociais do pós-guerra. O evento traumático assim, transforma-se em uma situação estrutural de violência global na qual não existe mais um único evento particular, mas sim um contexto horrorizante, um trauma coletivo. O conceito de “situação traumática extrema” é uma condição psicopatogênica de toda a população, estará no tecido social. Nestas condições os transtornos psicológicos

individuais podem cronificar-se e também se projetar transgeracionalmente. Assim, as consequências do Trauma manter-se-iam com o tempo mesmo que o evento traumático já tivesse terminado. As expectativas de reparação e de reconhecimento social não ocorrendo, provocam um silêncio, que leva ao que Keilson (1979) chama de “Seqüência Traumática”.

Nesta linha de pensamento, analisando as consequências dos conflitos armados na América Latina, Martín Baró (1989) elaborou uma proposta de integração conceitual sóciopolítico e psicossocial levando em consideração a estrutura socioeconômica. Baró (1989) observou que as diferenças econômicas geram a princípio relações sociais perturbadas que se expressam em conflitos políticos e sociais, levando à violência. Destes conflitos surgem inúmeros eventos traumáticos. Sua obra “Trauma e Terapia” (1990) é um autêntico manual da psicologia e psiquiatria latino-americanas, relacionadas com as situações de guerra e repressão.

Para Martín Baró (1990) a saúde mental não deve ser entendida a partir de uma dimensão exclusivamente individual, onde se analisariam as consequências sobre cada indivíduo isolado do processo da guerra. Não é possível reduzir o evento traumático ao indivíduo. A saúde mental se constituiria, sobretudo, numa dimensão das relações entre as pessoas e grupos, ainda que essa dimensão produza em cada pessoa diversas manifestações (sintomas) e estados (síndromes). Para o autor, a relação trauma – sujeito não é passiva. Cada pessoa elabora de um modo peculiar, mas sempre socialmente isto é, no seu contexto ressocializador (na família, comunidade, organização social, partido político, outros.). O trauma passa a ser visto como causa e também efeito da dinâmica social. O trauma psíquico será, para Martín Baró (1990), “uma ferida ou cicatriz particular que uma experiência difícil ou excepcional deixa numa pessoa bastante concreta”. Quando se fala em trauma social, estaríamos nos referindo à maneira como os processos históricos podem deixar afetada toda uma população.

Martín Baró (1990) descreveu esta experiência histórica como um *processo grupal*, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano, e ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente, vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo: “*O grupo tem sempre uma dimensão de realidade referida a seus membros e uma dimensão mais estrutural, referida à*

sociedade em que se produz. Ambas dimensões, a pessoal e a estrutural, estão intrinsecamente ligadas entre si.” (Martin Baró, 1989: 207)

Ao meu ver, este autor consegue fazer a reunião de aspectos teóricos que são utilizados nesta dissertação: o referencial desta experiência traumática como um processo grupal que é muito próximo ao posicionamento teórico psicodramático.

Jacob Levy Moreno (1889-1974), idealizador do Psicodrama, não se preocupa com esta questão do trauma especificamente. *“Por “patológico” não entendemos nada de absoluto. Do ponto de vista do universo, não há “patologia” alguma; ela só existe do ponto de vista das ciências humanas. Com este termo se faz alusão aos desvios das normas culturais e das leis sociais ou ao vazio psíquico que de varias maneiras prejudicam o status sociométrico dos indivíduos”.* (Moreno, J. L , 1993:71). Para ele, o adoecer não é uma qualidade do sujeito, mas está entre as pessoas. O homem para Moreno (1992) é um homem em relação, o que o leva a afirmar que uma relação doente é o resultado da interação de pessoas doentes.

Não existe, no Psicodrama uma definição de *sintoma*, por exemplo. Moreno (1992) disse que o sintoma representa padrões fixos que operam quando não se tem *espontaneidade*; adoecer está unido à falta de liberdade criadora. “Freud diagnostica que a razão da enfermidade de Ana é um trauma passado, o que o levará a uma concepção biográfica e determinada do homem. Moreno, que chegou à terapia a partir da representação espontânea de Bárbara, proclamará a liberdade criadora. Logicamente, Freud se inclinaria para o passado, e Moreno para a representação atual”. (Garrido , 1996:53).

Moreno descreveu que o homem é o resultado de forças hereditárias, sociais e ambientais. Elas só podem ser estudadas de forma direta, com fatos imediatos e espontâneos. Moreno acreditava que o homem é por natureza espontâneo e criador e que só adoece quando não pode utilizar estes dons naturais. (Garrido, 1996)

Moreno não nega o trauma como a cicatriz que Baró (1990) observou, e colocou que “não devemos fixá-lo ou enrijecê-lo e sim enfatizar a criação e valorizar as possibilidades de mudanças”. Assim, a meu ver, o trauma é a falta de espontaneidade e criatividade, e assim como Martin Baró (1990), creio que é no grupo que as dimensões pessoais e estruturais

podem ser construídas e reconstruídas e os traumas redimensionados. Eliminando a visão de uma realidade objetiva e única e possibilitando posições mais pessoais e criativas nas relações, favorecemos transformações nos diversos contextos.

Cabe ressaltar neste momento, que ao fazer este levantamento reafirma-se a idéia de que o trauma pode ser visto sobre diferentes aspectos conceituais. Acredito que a situação aqui pesquisada, a família vítima do seqüestro, proporciona uma amplitude de impactos, que podemos chamar de trauma, mas que a meu ver, não são cristalizações individuais e sim relacionais.

Esta postura direciona para que olhemos esta questão do trauma como um elemento que compõe um sistema. Anderson, Goolishian e Windermans (1988) introduziram o conceito de sistemas determinados ou organizados por *problemas*. Eles definem como “sistemas de ação social”, pois a comunicação dos problemas cria um sistema. O trabalho terapêutico de um sistema determinado ou organizado por problemas (no caso o trauma) pode ser visto como uma nova via de comunicação.

Arnon Bentovim (2000), médico psiquiatra, descreve os Sistemas Organizados por Traumas pensando na conexão dos vários níveis existentes – individual, familiar, profissional, social e cultural. O trabalho de Bentovim (2000) sobre as situações de violência familiar e abuso sexual infantil, levaram-no a contextualizar o trauma psicológico derivando do conceito do trauma físico (lesão física que implica em conseqüências de longa duração ao organismo): um acontecimento que, com intensidade e violência iguais, rompe a capa protetora da mente com conseqüências igualmente duradouras para o bem estar psíquico.

Ele demonstrou que a abordagem sócio-interativa compreende a pessoa, a família e a sociedade como elementos chaves, cada um, um sistema. As experiências que definem a sociedade, as famílias e as pessoas são diferentes mas dependem uma da outras. As experiências na sociedade definem-se em termos de atitudes, modelos, direitos e valores. A família é um agente transmissor e reproduz a cultura, apoiando-se neste contexto para legitimar seus valores. As experiências da família definem as interações e significados dos indivíduos. Bentovim (2000) observou então que fecharíamos o círculo, pois o indivíduo se adaptaria, reagiria ou transformaria a sociedade.

Para Bentovim (2000), não só o indivíduo vitimizado é vítima de um abuso como também todo o sistema familiar está organizado em torno do trauma. Sistemas organizados por traumas são, na essência, sistemas ativos. Os autores principais neste sistema são: o que “traumatiza” (vitimizador) e o que é “traumatizado” (vítima). Os acontecimentos da vida das pessoas criam histórias, que são a forma de viver, de estabelecer relações, de iniciar ações, de responder aos outros e de se manter. Os fatos traumáticos podem ter um efeito poderoso quando criamos nossas histórias que perpetuam e criam os sistemas organizados por traumas onde os fatos se reeditam e reforçam. A resposta a um estresse traumático converte-se; de maneira imperceptível, em um estado de estresse pós-traumático.

A resposta ao estresse traumático do seqüestro, tanto no indivíduo seqüestrado como na família é o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). O seqüestro provoca uma mudança no estilo de vida, nas rotinas, nas relações, nos planos, na relação com o tempo, na qualidade de vida. Não se questiona o medo, mas esta constante ameaça, que se concretiza, gradualmente, como um outro inimigo silencioso que se generaliza, expressando-se em alterações somáticas, no estado de ânimo, nas relações distorcidas e em uma gama de alterações da saúde em geral.

Estas condições são propícias para que se ative um quadro clínico complexo. Embora não se possam reduzir os fenômenos psíquicos aos neurológicos, tornam-se cada vez mais evidentes as relações estreitas entre eles. Com todos os enigmas que ainda velam nossos conhecimentos, ganha força a hipótese de que a vida mental é superveniente aos processos neurológicos. Respeitam-se as propriedades do somático e do psíquico, mas se reconhece a íntima interação que os mantém integrados estrutural e funcionalmente, a serviço das necessidades vitais.

6.3 TEPT

Com o intuito de abordar a evolução do conceito do que hoje reconhecemos como Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), levantarei os principais trabalhos na área, buscando entender as origens do que é hoje definido como TEPT.

Evidências de reações pós-traumáticas datam do século sexto antes de Cristo e fundamentam-se nas reações dos soldados durante os combates. O primeiro estudo sobre Transtorno de Estresse Pós-Traumático foi realizado primeiro por Jonh Erich Erichen (1866) e depois por Mitchel e da Costa (1861-1865, apud Gregio, 2005) e descrevia os sintomas experimentados pela vítima após o evento traumático. Depois da Segunda Guerra Mundial ressurgiu o interesse pelas manifestações clínicas desta síndrome, que passou a ser conhecida como neurose traumática ou de guerra. Abram Kardiner (apud Schestatsky et al., 2003:9), psicanalista, publicou, em 1941, um livro sobre As Neuroses Traumáticas de Guerra. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, muito se desenvolveu na área das síndromes traumáticas, especialmente no seu tratamento. Walter Menninger (1950, apud Schestatsky et al., 2003:9;10), nos EUA, Bion (1950, apud Schestatsky et al., 2003:9;10), na Inglaterra, relatam a importância dos tratamentos com pacientes traumatizados pela Guerra. Estudos sobre prisioneiros que estiveram em campos de concentração ("síndrome do campo de concentração"), evidenciavam que, “pessoas submetidas a maciças situações traumáticas desenvolviam graves conseqüências biológicas, psicológicas, sociais e existenciais, incluindo uma capacidade diminuída de lidar com futuros estresses psicológicos e biológicos ao longo da vida” (Schestatsky et al., 2003:9;10).

Em 1970, dois psiquiatras americanos, Chaim Shatan e Robert J. Lifton (apud Schestatsky et al., 2003:9;10), começaram a ler Kardiner, a literatura sobre sobreviventes do holocausto, os trabalhos existentes sobre vítimas de acidentes e queimaduras, mais os trabalhos com soldados do Vietnã e descrevem os 27 sintomas mais comuns de neuroses traumáticas, surgindo, assim, o primeiro diagnóstico de TEPT. Dentro desta nova categoria, foram incluídas diversas síndromes como a do trauma do estupro, da mulher espancada, dos veteranos do Vietnã e a da criança abusada.

No DSM-III³ (1980) que se encontra pela primeira vez a descrição de TEPT como uma entidade diagnóstica diferenciada. Foi categorizado como um transtorno de ansiedade com a presença de ansiedade persistente, hipervigilância e condutas de evitação fóbicas. No

³ O Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais é uma publicação da American Psychiatric Association, Washington D.C., que fornece critérios de diagnóstico para a generalidade das perturbações mentais, incluindo componentes descritivas, de diagnóstico e de tratamento, constituindo um instrumento de trabalho de referência para os profissionais da saúde mental.

DSM-III-R o trauma é uma experiência fora da normalidade, um grande número de evidências sugeria que os desencadeantes típicos do TEPT eram eventos relativamente comuns na vida das pessoas. A Organização Mundial de Saúde - OMS em 1984 e em 1987 incluem na CID-10⁴ a categoria diagnóstica de Transtorno de Estresse Pós Traumático (anexo 1). Em 1994, o DSM-IV foi publicado e é nele que se reconhecem, os critérios diagnósticos de TEPT, enfatizando o quão ameaçador e aterrorizante foi o trauma para aquele determinado indivíduo, sem mencionar a anormalidade do evento. No DSM-IV (anexo 2), especifica-se como TEPT o desenvolvimento de sintomas característicos após a exposição a um extremo estressor traumático, envolvendo a experiência pessoal direta de um evento ameaçador real, que envolva morte, sério ferimento ou outra ameaça à integridade física (Critério A), o que ocorre no evento do seqüestro.

Os sintomas característicos, citados pelo DSM-IV, consistem em uma revivência persistente do evento traumático (Critério B); esquiva persistente de estímulos associados ao trauma, embotamento da responsividade geral (Critério C); e sintomas persistentes de excitação mental (Critério D). O quadro sintomático completo deve estar presente por mais de 1 (um) mês (Critério E) e a perturbação deve causar sofrimento ou prejuízo clinicamente significativos no funcionamento social, ocupacional e/ou outras áreas importantes da vida da pessoa (Critério F).

Os sintomas do Transtorno por Estresse Pós-Traumático do CID-10 (Ballone, 2005) baseia-se no seguinte:

- ▶ **reviver o trauma**, por meio de sonhos e de pensamentos durante a vigília;
- ▶ **evitação** persistente de qualquer coisa que lembre o trauma e embotamento da resposta a esses indicadores; e
- ▶ **hiperexcitação** persistente.

⁴ A 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças adotou a denominação "Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde" sendo, na prática conhecida por "CID-10". Esta Classificação foi aprovada pela Conferência Internacional para a 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças, convocada pela Organização Mundial de Saúde, realizada em Genebra no ano de 1989, tendo a CID-10 entrado em vigor apenas a 1 de Janeiro de 1993, após a necessária preparação de material de orientação e formação. O copyright da CID-10 pertence à Organização Mundial de Saúde - OMS.

Abaixo, para ampliar e esclarecer este tema, tabela em porcentagem do Quadro clínico do Transtorno por Estresse Pós-Traumático e os sintomas (Ballone, 2005, p. 6):

Quadro Clínico do Transtorno por Estresse Pós-Traumático	
Sintomas	%
1. Tensão no corpo	95
2. Mal-estar em situações que recordam o trauma	90
3. Sentimentos depressivos	90
4. Frequentes mudanças de humor	90
5. Dificuldades para conciliar ou manter o sono	88
6. Sobressaltos com ruídos ou movimentos imprevistos	88
7. Se irrita ou enfada com mais facilidade	82
8. Tendência ao isolamento dos demais	81
9. Sonhos desagradáveis ou pesadelos sobre o acidente	69
10. Sentimentos de culpa, auto-acusações	39
Condutas de re-experimentação do trauma	
Sintomas	%
1. Mal-estar diante dos estímulos que recordam o trauma	86
2. Reação fisiológica a estímulos que recordam o trauma	79
3. Sonhos desagradáveis e recorrentes sobre o ocorrido	67
4. Lembranças desagradáveis e intrusivos do ocorrido	65
5. Sentimentos como se o fato ocorresse de novo	51
Sintomas e condutas de evitação	
Sintomas	%
1. Evitação de atividades, lugares ou pessoas	85
2. Evitação de pensamentos, sentimentos ou conversas	64
3. Incapacidade para recordar aspectos importantes do ocorrido	50
4. Diminuição do interesse por coisas ou atividades significativas	86
5. Sensação de um futuro curto	82
6. Limitação na capacidade afetiva (incapaz de querer)	74
7. Distanciamento ou estranheza a respeito dos demais	71
Sintomas e condutas de hiperativação	
Sintomas	%
1. Dificuldades para conciliar ou manter o sono	92
2. Dificuldades de concentração	90
3. Resposta de sobressalto ou alarma incrementada	86
4. Hipervigilância (hiper-alerta)	82
5. Irritabilidade (explosões de ira)	81
Transformação persistente da personalidade	
Sintomas	%
1. Isolamento Social	90
2. Sentimento constante de vazio e desesperança	85
3. Sentimento permanente de estar em perigo ou ameaçado	77
4. Estranheza de si mesmo e apatia afetiva	74
5. Atitude permanente de hostilidade e desconfiança	74

Quadro I – Quadro Clínico do Transtorno por Estresse Pós-Traumático (Ballone, 2005, p.6)

“De fato, não se pode fazer um diagnóstico de Transtorno do Estresse Pós-Traumático a menos que realmente se satisfaça o "critério do estressor", que significa que o paciente se expôs a um evento histórico que é considerado traumático. A experiência clínica com o diagnóstico de Transtorno do Estresse Pós-Traumático tem mostrado, contudo, que há diferenças individuais com referência à capacidade de enfrentar estresse catastrófico, de modo que, enquanto algumas pessoas expostas a eventos traumáticos não desenvolvem Transtorno do Estresse Pós-Traumático, outras prosseguem para o desenvolvimento da síndrome completa” (Ballone, 2005, p. 3).

Existe uma diferença, que devemos ressaltar sobre o Transtorno por Estresse Pós-Traumático e a Reação Aguda ao Estresse. *“Podemos dizer que a Reação Aguda ao Estresse, como o próprio nome diz, é uma reação emocional aguda e exuberante que se segue imediata ou mediatamente ao evento traumático, durando, no máximo, de dois dias a quatro semanas. O Transtorno por Estresse Pós-Traumático seria, igualmente, uma reação emocional a algum evento traumático que surge algum tempo depois deste e dura no mínimo um mês.”* (Ballone, 2005, p.5). O intervalo pode ser breve como uma semana, ou longo como trinta anos. Os sintomas podem variar ao longo do tempo e se intensificar durante períodos de estresse.

O estresse pós-traumático pode representar uma das mais severas e incapacitantes formas de estresse humano conhecido. As vítimas diretas ou indiretas (familiares, testemunhas, etc) da violência correm um risco de desenvolverem algum transtorno emocional em torno de 60%. Só é encontrado, na literatura nacional e internacional, uma citação do seqüestro como agente do TEPT: a referência a Terr (1981), que apresenta o seqüestro como estímulo estressor responsável por um grau máximo (100%) no desencadeamento do TEPT. Terr (1981) analisou vinte e três crianças envolvidas em um seqüestro de um ônibus escolar e observou que todas desenvolveram algum sintoma de TEPT.

A Tabela abaixo apresenta alguns dados significativos de estímulos estressantes e porcentagem de Transtorno por Estresse Pós-Traumático (Ballone, 2005, p. 5):

Estímulos estressantes e porcentagem de Transtorno por Estresse Pós-Traumático			
AUTOR	ANO	ACONTECIMENTO	%
Terr	1981	Seqüestro	100
Pynoos	1987	Ataque de franco-atirador	93
McLeer	1988	Abuso sexual	48
Reinherz	1993	Agressão física	25
Shaw	1996	Furacão	70
Najarian	1996	Terremoto	32
Savin	1996	Guerra	71
March	1997	Incêndio	12
Korol	1999	Desastre nuclear	88
Sack	1999	Guerra	50
McCloskey	2000	Violência doméstica	24

Quadro II – Estímulos estressantes e porcentagem de Transtorno por Estresse Pós-Traumático (Ballone, 2005, p.5)

Segundo pesquisa recente de Ferreira-Santos (2006), 97,5% de vítimas de seqüestro apresentam de fato um tipo de transtorno psíquico compatível com o diagnóstico de Transtorno do Estresse Pós-Traumático.

As pessoas que sofreram esses crimes estão com uma dor enorme, incapacitadas por seu enigmático código emocional para compartilhar estas histórias. As atrocidades não podem permanecer enterradas para sempre e eventualmente a vítima será compelida a falar. É esta dicotomia que dá o pontapé inicial para a aproximação desta dissertação.

O calar versus a vontade e o medo de destampar os eventos formam a central dialética do trauma psicológico. Existe um conflito natural ocorrendo entre o querer esquecer os horríveis eventos e o sentimento de que urge colocar para fora a totalidade das atrocidades. Recuperar a própria dignidade, tanto como encarar a verdade, são fundamentais para o processo próprio de cura.

“A resposta comum para as atrocidades é bani-las para fora da consciência. O esquecimento, a repressão e a dissociação operam no nível social e no individual...Na maioria das vezes o segredo prepondera e a história do acontecimento traumático vem à tona não como uma narrativa verbal, mas com um sintoma. A lembrança e a narração da verdade sobre os terríveis acontecimentos são pré-requisitos, ambos, para a restauração da ordem social e para a cura das vítimas, individualmente.”

(J.L.Herman, 1992)

7. SEQÜESTRO

7.1 O que é o Seqüestro

Etimologicamente falando, a palavra seqüestro tem sua origem na palavra *sequestrare* (latim) que significa "*apoderar-se de uma pessoa para exigir resgate ou conter uma pessoa ilegalmente.*" Também era conhecido na antiguidade com a denominação de "plágio", termo que vêm do grego, plágios, que significa trapaceiro. Segundo o Dicionário Eletrônico Aurélio (2004), o seqüestro é definido como um "*Crime que consiste em reter ilegalmente alguém, privando-o de sua **liberdade***".

O seqüestro é considerado a forma mais fácil para se alcançar algum objetivo, seja da ordem pessoal ou coletiva, por meio de ameaça contra a vida. É uma guerra de características tanto terroristas quanto de pressões psicológicas. Não tem barreiras e nem fronteiras, não tem local pré-fixado, independe de qualquer raça ou religião. O seqüestro afeta todos: ricos, pobres, brancos, negros, cristãos, pagãos, chefes, operários, mulheres, homens, crianças, poetas, jornalistas, políticos, artistas e outros. A pratica do seqüestro nas últimas três décadas, infelizmente, tornou-se um negócio rendoso. Segundo a "Fundación País Libre" (1999), organização na Colômbia de vítimas de seqüestro, "quando os seqüestros acontecem em um contexto de guerra (civil), ou em um conflito armado, o uso do vocábulo" tomar como refém "é mais frequente". Este termo é empregado na Declaração dos Direitos Humanos, mais exatamente no artigo 1(b) do Artigo comum 3 da Convenção de Genebra e do artigo 4(2) do Protocolo II. O seqüestro constitui uma violação aos direitos humanos que tenta contra a liberdade, integridade e tranquilidade das vítimas e das famílias (artigos 1, 3, 5 e 9 da Declaração dos Direitos Humanos, adotados e proclamados pela Assembléia Geral das Nações Unidas na resolução 217^a (III) de 10 de dezembro 1948) (Torres&Uribe, 2004).

Observa-se através de declarações de vítimas, de notícias veiculadas na mídia e de pessoas próximas de cada um de nós , que o seqüestro não só afeta a vítima como a família toda, já que todos são submetidos, ao que profissionais que trabalham com as questões de mortes e perdas, ao processo da morte suspensa ou perda ambígua (vide pág 48 desta dissertação), e que os juristas chamam, a perda de liberdade (Ferreira-Santos, 2006).

Em termos gerais, os motivos dos seqüestradores definem a classificação do tipo de seqüestro. Distinguem-se três tipos de seqüestro:

1- **Seqüestro Simples**: que se refere aos casos em que os seqüestradores não fazem exigências concretas, como exemplo: tráfico ilegal de menores para adoção ou prostituição, violação da custódia durante um assalto, para assédio ou abuso sexual, ou como desaparecido político.

2- **Seqüestro político**: Quando se tem um objetivo claramente político e com pedidos e demandas politicamente claras, exemplos: excluir políticos de seus postos ou cargos de chefia, forçar a libertação de prisioneiros, de narcotraficantes, entre outros.

3- **Seqüestro Extorsivo**: Extorsão é a obtenção, por meio da coação ou de algum outro tipo de estratégia, de dinheiro ou outras vantagens materiais, como carros, quadros e jóias valiosas, para si ou para outrem. É o crime mais conhecido por questões econômicas, onde os seqüestradores exigem algum resgate em dinheiro ou espécie. Dentro do seqüestro extorsivo temos o Seqüestro Relâmpago, onde a vítima fica poucas horas sobre ameaça e, atualmente, o Seqüestro Virtual, que ocorre por telefone. Os criminosos, contratam alguém para lhes dar informações sobre a vida da pessoa escolhida, ou as obtém por meio de roubos de carteiras, documentos, celulares, entre outros e passam a extorquir dinheiro, com ameaças de matar alguém da família.

Cabe ressaltar, que pouco se tem estudado, principalmente no Brasil, sobre este tipo de crime e suas conseqüências. Ferreira-Santos (2006a) em sua tese de doutoramento, após uma avaliação de vítimas de seqüestro nos trouxe dados relevantes, inspiradores e instigadores. Concluiu que:

*1. As vítimas de seqüestro, tanto aquelas que permaneceram dias em cativeiro quanto as que sofreram por poucas horas nas mãos dos bandidos (seqüestro-relâmpago) apresentam, de fato, um tipo de transtorno psíquico compatível com o diagnóstico de **Transtorno do Estresse Pós-Traumático**, cuja magnitude é elevada.*

2. Este transtorno leva a prejuízos das principais funções psíquicas ligadas à ansiedade e ao medo, o que possui um efeito devastador, permanecendo por longo período, algo assim como uma “cicatriz” a

ponto de incapacitar o indivíduo para suas atividades do cotidiano, notadamente no trabalho, lazer e vida afetiva. (...)

*3. Observou-se, como é mostrado pelas escalas aplicadas, que não há diferenças significativas entre o transtorno de estresse causado após o trauma de seqüestro com **cativeiro** e o trauma do **seqüestro relâmpago**.*

4. Observou-se, também, que não há variação estatística, nem clínica, na magnitude do transtorno de estresse sofrido tanto por homens quanto por mulheres, nem quanto à idade da vítima. (...)

(Ferreira-Santos, 2006a p.163/164)

7.2 A História dos Seqüestros

O seqüestro foi utilizado durante a história da humanidade como uma arma poderosa para obter dinheiro, refazer a desonra, pressionar trocas políticas, liberar prisioneiros (de guerra) e como vingança pessoal.

O exame do fenômeno seqüestro depende das circunstâncias históricas, políticas e culturais. Na Antiguidade o seqüestro era o meio para subjugar ou comercializar pessoas durante a conquista dos territórios. Na época Medieval, o seqüestro tinha fins lucrativos pelo resgate, apesar desta prática comum durante as guerras e as cruzadas, ser considerada como um assalto ilegal.

O seqüestro surgiu desde os tempos primitivos, quando princesas, príncipes e heróis eram seqüestrados. Não somente com o propósito de obter benefícios e recompensas em espécie ou dinheiro, mas também para determinar condições da guerra. A Pirataria, conhecida desde 1500 AC, é a fonte de inspiração e mítica para o seqüestro, pois se consolida como um sistema econômico.

Na Antiguidade o seqüestro era uma forma normal de sujeitar o comércio de pessoas, pois a superioridade era dada pela guerra e quem vencida tinha o direito de tomar para si o território conquistado e também as pessoas derrotadas.

Estas guerras foram favorecendo este negócio com pessoas. Assim nasceu a escravidão. Os fenícios seqüestravam as mulheres e os homens gregos e exigiam um resgate por eles, ou enviavam a Delos, uma ilha do mar Egeu, que era o centro internacional deste tipo de negócio.

Nesta época ocorre o famoso rapto da bela Helena, realizado por Paris, o que provocou a guerra de Tróia. Ambos fogem e Menelao, o esposo enganado, viaja com seu exército para obrigar sua mulher a voltar com ele. Esta história que de confronto, durou mais de doze anos é o eixo da *Ilíada*, obra poética de Homero.

No mundo romano o crime de seqüestro aconteceu com o roubo dos escravos. Era utilizado pelo Império para derrotar seus inimigos, pois capturava as principais pessoas do Reino e depois cobrava resgate por elas.

Ficou famoso o seqüestro do jovem Julio César, que ocorreu em uma ilha do Mediterrâneo, pois quando ele soube do valor que exigiam por ele – vinte talentos – ficou enfurecido pois considerou muito pouco. Dada a posição que tinha, deveria valer mais de cinquenta e advertiu seus seqüestradores que quando fosse libertado, crucificaria a todos e foi o que fez.

Os judeus vivenciaram profundamente este sofrimento por meio do seqüestro, quando José, filho de Jacob, foi vendido por seus irmãos aos egípcios, simplesmente por ser o filho preferido do “grande patriarca”, provocando indiretamente a escravidão do povo Judeu. Muito tempo depois, Moisés, pôde libertar seu povo da escravidão.

Encontramos outros casos de seqüestro narrados no Antigo Testamento. Nas escrituras sagradas encontramos a descrição do seqüestro passional de Sarai, mulher de Abrão, que foi seqüestrada pelo Faraó do Egito, pois era uma mulher de grande beleza. O Faraó não conseguiu tocá-la, pois ela era protegida por anjos. O Faraó, após terríveis pragas, libertou-a. Na época, o desfecho deste seqüestro foi considerado uma prova da proteção de Deus (*Bíblia Sagrada, Gênesis 12:10-20*).

Outro caso bíblico interessante foi o de Diná, filha de Jacó (judeu) Ela foi seqüestrada e violentada pelo filho de Hamor, Siquem (cristão). Os pais negociaram e

chegaram ao fim quando Jacó aceitou o casamento deles, se Siquem se submetesse ao ritual da circuncisão (ritual judaico). Esta proposta foi feita pelos irmãos de Diná que pretendiam resgatá-la durante o ritual. Hamor, o pai, ficou tão feliz com o acordo que obrigou todos os homens da cidade a se submeterem à circuncisão. No terceiro dia quando todos estavam enfraquecidos e se recuperando da cirurgia, Simeão e Levy, dois filhos de Jacó, mataram todos os homens e libertaram a irmã (Bíblia Sagrada, Gênesis 34:2).

Na Idade Média especialmente na Alemanha, o seqüestro era considerado roubo e castigado como tal. Durante as Cruzadas, Ricardo Coração de Leão, Rei da Inglaterra Cristã, foi raptado, não pelos seus inimigos os Muçulmanos, mas por um aliado, o Duque Leopoldo da Áustria, que o entregou ao Imperador Henrique VI, da Alemanha. Após dois anos de prisão no castelo de Dürrenstein, no Danúbio, foi libertado em troca de valioso resgate (Ferreira-Santos, 2006a: 8).

Já nos séculos XVI e XVII era muito freqüente, no Mediterrâneo, a captura dos cristãos pelos piratas Mouros ou Muçulmanos, que exigiam resgates para libertá-los. Também surgiram ordens religiosas que ajudavam a coletar o dinheiro. Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote, ficou em cativeiro por muito tempo, depois de ser preso na batalha de Lepanto. Vêm desta experiência pessoal as questões vividas por Dom Quixote, sempre pronto para ser arrebatado.

Na Inglaterra do século XVIII apareceram os *press-gangs*, bandos de seqüestradores que trabalhavam para o exército e para a marinha, e obrigavam os homens a se alistarem nos regimentos britânicos. Na China do século passado era muito freqüente o *shanghaien*, o seqüestro de pessoas que eram drogadas e obrigadas a subir nos barcos especializados em comércio e tráfico de escravos. O czar Nicolas II foi seqüestrado e assassinado, junto com toda a sua família em 16 de julho de 1918, em Ekaterinemburgo (Rússia).

Alguns seqüestros ficaram marcados, não só pela violência, mas também porque foram divulgados pelos meios de comunicação.

Em 5 de setembro de 1972, o grupo Setembro Negro, um comando terrorista árabe, foi à Olimpíada de Munique e invadiu o prédio onde estava a delegação de Israel. Muitos atletas conseguiram fugir, alguns foram mortos e outros foram feitos reféns. Os

seqüestradores fizeram uma exigência: a libertação de 250 palestinos presos nas prisões israelitas. O término deste seqüestro foi trágico, pois as vítimas foram assassinadas brutalmente, 5 seqüestradores também e três foram presos.

No dia 10 de julho de 1973 um seqüestro que também teve repercussão mundial, foi o neto do bilionário americano Paul Getty, J. Paul Getty III de 17 anos. Este seqüestro repercutiu pelo grau de violência. Como as negociações não evoluíram, os seqüestradores enviaram à família um embrulho contendo uma orelha e uma mecha de cabelo que pertenciam à vítima. As negociações foram refeitas e ele foi solto após pagamento do resgate no valor de 2,7 milhões de dólares. Segundo a polícia, os seqüestradores basearam-se no romance inglês, de 1873, *A Tragédia de Mountheron* de Frank Barrett, que romaneia um rapto, no qual partes do corpo da vítima são enviados, começando pelas orelhas (Borges, 1997:45).

Em março de 1990 seqüestradores libaneses libertaram o jornalista britânico John McCarthy, que ficou em cativeiro durante mais de 5 anos. Ele chegou a Damasco, na Síria, poucas horas depois de ter sido entregue a funcionários sírios no Líbano pelo grupo Jihad Islâmica. Este grupo utiliza o seqüestro, até hoje, como uma modalidade comum para suas reivindicações.

Na Colômbia, o seqüestro começou a ser praticado pelo movimento guerrilheiro 19 de abril (M-19) durante os anos 70. Atualmente se expandiu principalmente nos grupos guerrilheiros como: FARC (Forças Armadas Revolucionares da Colômbia), ELN (Exército da Libertação Nacional) e pela AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia) e também nos grupos de narcotraficantes e delinqüentes comuns como fonte de dinheiro e de caráter político.

Atualmente, o seqüestro é um crime comum nas guerras Irã/Iraque, Israel/Líbano, Palestino-Judeus, e entre grupos muitos outros grupos religiosos em diversos países. Muitos jornalistas, civis ou soldados foram seqüestrados durante estas guerras.

7.3 A História dos Seqüestros no Brasil

Diferentemente dos países da América Latina, o Brasil não tinha tradição em seqüestros, que começou exclusivamente por motivações políticas, e por isto costuma-se chamar esta fase, de fase dos seqüestros políticos.

Estão registrados no Brasil seqüestros desde a era dos Bacharéis (1900-1910), a partir de um seqüestro de importância política, em setembro de 1902. Uma menor (16 anos) – Carmilia Eulina do Amaral – foi seqüestrada por um comerciante e, na tentativa de envolver num escândalo, o presidente da época, Rodrigues Alves. Após esta época, várias crises políticas invadiram o país, e não se soube, ou não se considerou entre os mortos e desaparecidos a questão seqüestro. Em 1964 desencadeou-se em todo o país uma onda de repressão com prisões e seqüestros de líderes sindicais, políticos e camponeses por questões políticas. Os seqüestros desta época foram executados por grupos da esquerda revolucionária, como Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), a Aliança Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a Frente de Libertação Nacional (FLN), o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-PALMARES), dentre outros. Com o propósito de desacreditar o governo brasileiro e mostrar ao mundo a insatisfação com o regime vigente, estes grupos realizaram quatro seqüestros de diplomatas estrangeiros, que provocaram grande repercussão nacional e internacional.

1- No dia 4 de setembro de 1969, foi seqüestrado o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Elbrick, sendo exigida a libertação de quinze presos políticos. O governo atendeu prontamente às exigências. Após 76 horas de cativeiro o embaixador foi libertado.

2- No dia 11 de março de 1970, foi seqüestrado o cônsul japonês em São Paulo, Nobuo Okuchi, e para soltá-lo exigiu-se a liberdade de cinco presos políticos. O governo aceitou imediatamente e o cônsul foi liberado no dia 15 de março.

3- Neste mesmo ano, três meses depois, em 11 de junho, foi seqüestrado no Rio de Janeiro o embaixador da República Federal da Alemanha, trocado dias depois por 40 presos políticos. O embaixador declarou à revista *Manchete* (apud Borges, 1977:30) que “sempre andava com um baralho no bolso para jogar paciência se fosse pego como refém” e que “esta precaução salvou-me de um tédio horrível, durante o cativeiro”.

4- Este último seqüestro foi o mais longo: 40 dias. O embaixador da Suíça, Giovanni Enrico Bucher, foi seqüestrado no dia 07 de dezembro de 1970 e foi trocado por setenta presos políticos.

O Brasil ainda vivia no terrorismo e sob a repressão, quando o presidente General Ernesto Geisel assumiu em 1973. Em 1976, aconteceu o ultimo seqüestro político que se tem notícias, o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

“O grupo autodenominado “Movimento Anti-Comunista Brasileiro”, seqüestrou o bispo na saída da Cúria Diocesana, tiraram sua batina, deixando-o totalmente nu, borrifaram seu corpo inteiro com uma tinta vermelha e o abandonaram, amarrado por cordas, pouco tempo depois, na calçada de uma rua no bairro de Jacarepaguá, local bastante distante de Nova Iguaçu, conforme denuncia, juntamente com diversos crimes contra padres e índios, um “Comunicado Pastoral” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em outubro de 1976 sendo este, talvez, o primeiro “seqüestro relâmpago” que se registrou no Brasil”(Ferreira-Santos, 2006a:20).

A situação econômica no Brasil se agravava cada vez mais, desencadeando um descontentamento geral. Nesta situação crítica, cada vez mais os seqüestradores trocavam a recompensa da libertação de presos políticos por milhões de dólares. Surgiu assim uma segunda fase dos seqüestros, os seqüestros dos banqueiros e grandes empresários. No Brasil o primeiro seqüestro com extorsão foi o de Eduardo André Maria Matarazzo na década de 50. Matarazzo libertou-se na hora em que os seqüestradores iam pegar o pagamento (168 mil dólares). Outros casos são os de: Beltran Martinez, em 1986 – Vice-Presidente do Bradesco ficou em cativeiro por 41 dias e foi libertado após pagamento de resgate de 4 milhões de dólares; Luís Salles, em 1989, ficou em cativeiro durante 65 dias e libertado por 2,5 milhões de dólares; também em 1989 o empresário Abílio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar, foi seqüestrado quando ia ao trabalho e libertado após sete dias de cativeiro pela polícia (não se sabe até hoje se o crime foi político ou não).

Este tipo de seqüestro pegou as autoridades despreparadas e provocou uma corrida por segurança. Este tipo de grande seqüestro foi desaparecendo, mas surgiu então um terceiro tipo, o seqüestro a profissionais liberais, pequenos e médios empresários. Em 1990 o publicitário Roberto Medina, foi seqüestrado no local de trabalho, e ficou em cativeiro por 16 dias, sendo libertado após pagamento de resgate (aproximadamente 2,5 milhões de dólares); pouco tempo depois foi seqüestrado o filho do dono das indústrias DuLoren, ficando em cativeiro por 14 dias e seu resgate custou 420 mil dólares; em 1991, Wagner Canhedo de

Azedo Filho, filho do dono da VASP (companhia de aviação), foi seqüestrado na garagem de sua casa em Brasília, ficou por seis dias em cativeiro e conseguiu fugir, sem nada ter sido pago.

Os valores dos resgates foram diminuindo muito, mas o número de seqüestro aumentou assustadoramente entre os anos de 1992 e 1993, dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo (2005). Iniciou-se assim a quarta fase, chamada “a banalização dos seqüestros”. Qualquer um poderia ser seqüestrado, sendo a preferência pessoas sem notoriedade e com a possibilidade de levantar dinheiro rápido. Entram em cena os amadores e oportunistas que chegam a realizar seqüestros pelo resgate de um simples eletrodoméstico (Borges, 1997:33).

7.4 Os números do Seqüestro

Baseado em estatísticas da Companhia de Seguros *Hiscox Group*, uma subsidiária da empresa britânica de Seguros Lloyds de Londres (apud, Figueroa,2003), encontramos dados sobre o número de seqüestros muito interessantes. Junto com o narcotráfico e a comercialização de armas, a indústria do seqüestro representa um negócio em lamentável ascensão. Nos últimos oito anos subiu 70% em escala mundial, segundo informações publicadas pela *Hiscox Group*. “A estimativa mais realista é de 20.000 a 30.000 seqüestros anuais”, colocou a filial francesa de *Pinkerton*, sociedade especializada em seguros (apud, Figueroa,2003). O número de seqüestro com fins lucrativos cresceu muito nesta última década. Entre 1968 e 1982 este mesmo estudo , registrou 951 casos de seqüestro em 73 países. No final do ano de 1997 ocorreu um aumento dos seqüestros, pulando de 1.367 casos em 1996 para 1.407 casos em 1997. Comparando com o número de casos de 1991 o número duplicou. Em 1999, o número de casos de seqüestro extorsivos alcançou um recorde de 1.789 casos, sendo que 92% destes seqüestros aconteceram em 10 países. É na América Latina onde três quartos dos seqüestros aconteceram. Especialistas destas companhias de seguros estimam que 500 milhões de dólares foram pagos por ano aos grupos de seqüestradores, na maioria das vezes na América do Sul (apud Vaca, 2006).

No Brasil encontramos o seguinte panorama: foram registrados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça 375 ocorrências de extorção mediante seqüestro no ano de 2003; em relação a 2001, a quantidade de seqüestros-relâmpagos aumentou em 119% no Distrito Federal; 29% dos jovens brasileiros entre 16 e 24 anos e pertencentes às classes sociais A, B, C, D e E consideram o seqüestro sua maior preocupação. Essa também é a porcentagem de jovens da mesma faixa etária que cita o assalto como o maior medo; nas regiões Norte e Centro-Oeste, o seqüestro e o assalto são considerados a maior preocupação de 20% e 23%, respectivamente, dos jovens entre 16 e 24 anos; é na região sudeste onde estão concentradas as maiores porcentagens de seqüestro - (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas).

Dados divulgados pela Secretária de Estado da Segurança Pública de São Paulo - SSP/SP, em 2006, demonstram o volume deste crime hediondo.

SEQÜESTRO – DAS

Ocorrências	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Capital	6	12	7	4	5	9	4	5	9
Grande São Paulo	2	1	2	1	4	1	3	3	1
Interior	0	0	0	2	2	1	1	0	1
Estado	8	13	9	7	11	11	8	8	11

Tabela I – Ocorrências de Seqüestros no ano de 2006 no Estado de São Paulo – dados fornecidos pela Divisão Anti-Seqüestro – DAS - (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas)
Fonte: Elaboração própria.

Nos casos de extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo, comparamos os trimestre de 2004, 2005 e 2006. Na comparação entre o 2º trimestre de 2005 com o 2º trimestre de 2006 houve um aumento de 46,15 %, com 6 seqüestros a mais. Se compararmos o primeiro semestre de 2005 com o primeiro semestre de 2006, encontraremos um aumento de 14,28% , 08 casos a mais.

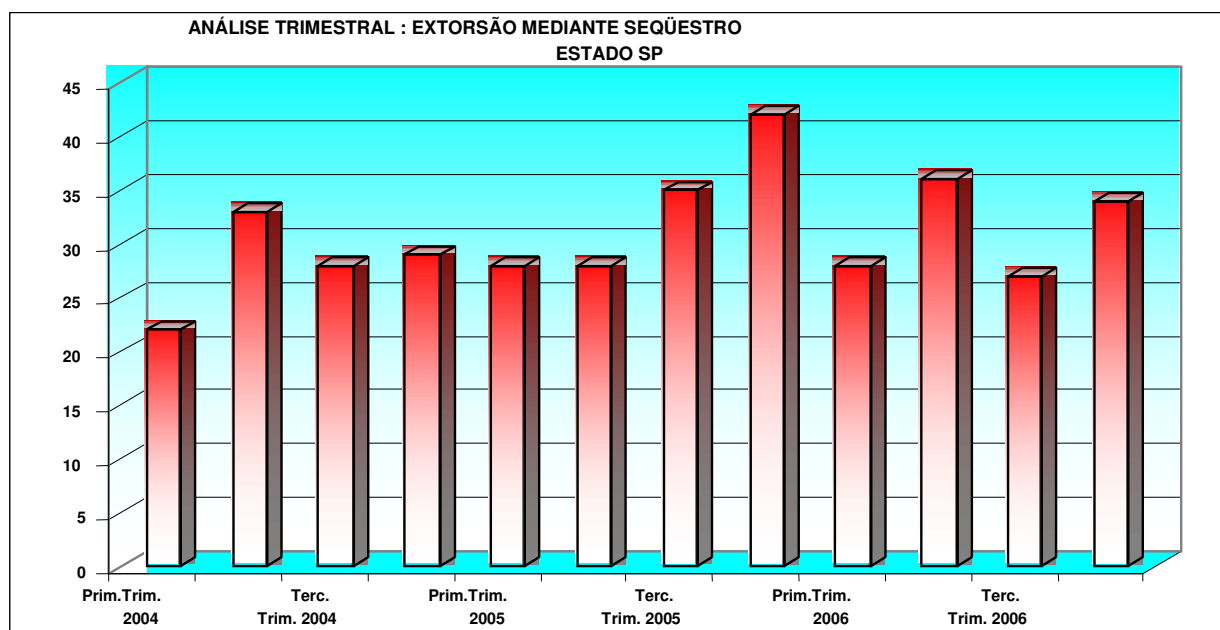


Gráfico I – Análise Trimestral: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo -
Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

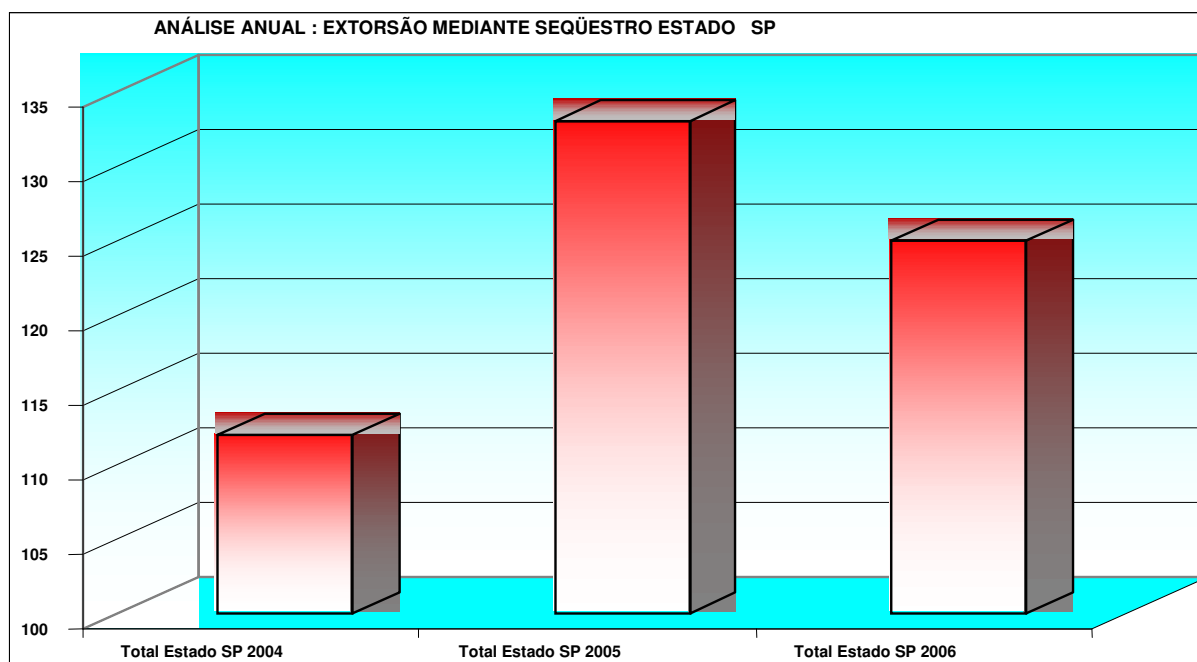


Gráfico II – Análise Anual: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo -
 Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

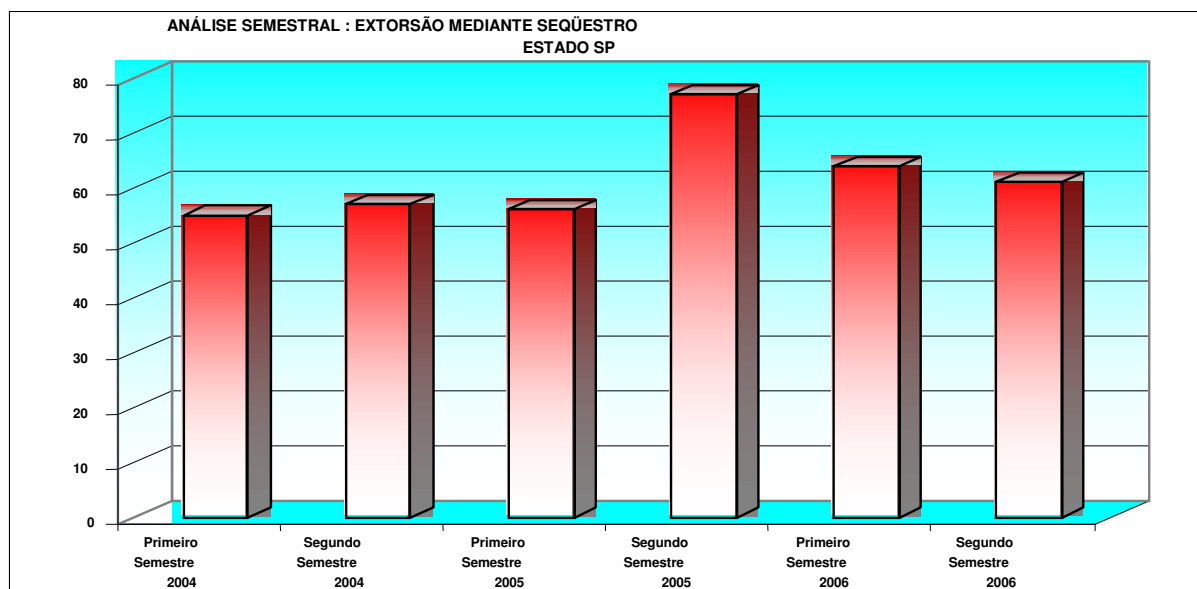


Gráfico III – Análise Semestral: extorsão mediante seqüestro no Estado de São Paulo -
 Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

Seguindo esta mesma tendência, o índice, na cidade de São Paulo de extorsão mediante seqüestro foi 26,66% maior na comparação entre o 1º e o 2º trimestre de 2006, com 04 pessoas a mais seqüestradas. Entre o 2º trimestre de 2005 e o 2º trimestre de 2006 o aumento foi bem maior, 46,15% (6 casos). Este índice fica menor se compararmos os dois primeiros trimestres de 2005 (31 casos no total) com os de 2006 (34 casos no total), tendo um aumento de 9,67% de seqüestros.

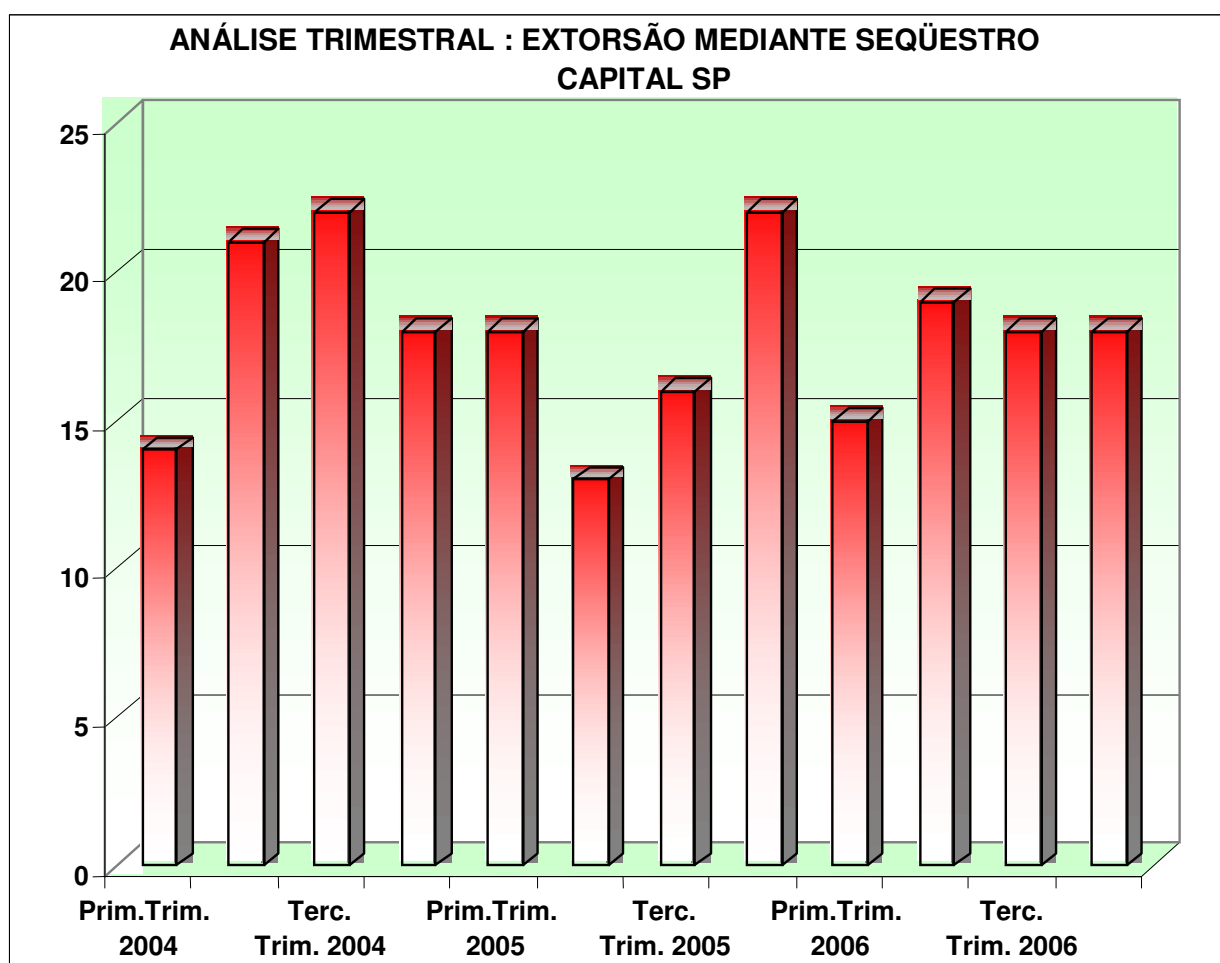


Gráfico IV – Análise Trimestral: extorsão mediante seqüestro na Capital São Paulo
Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

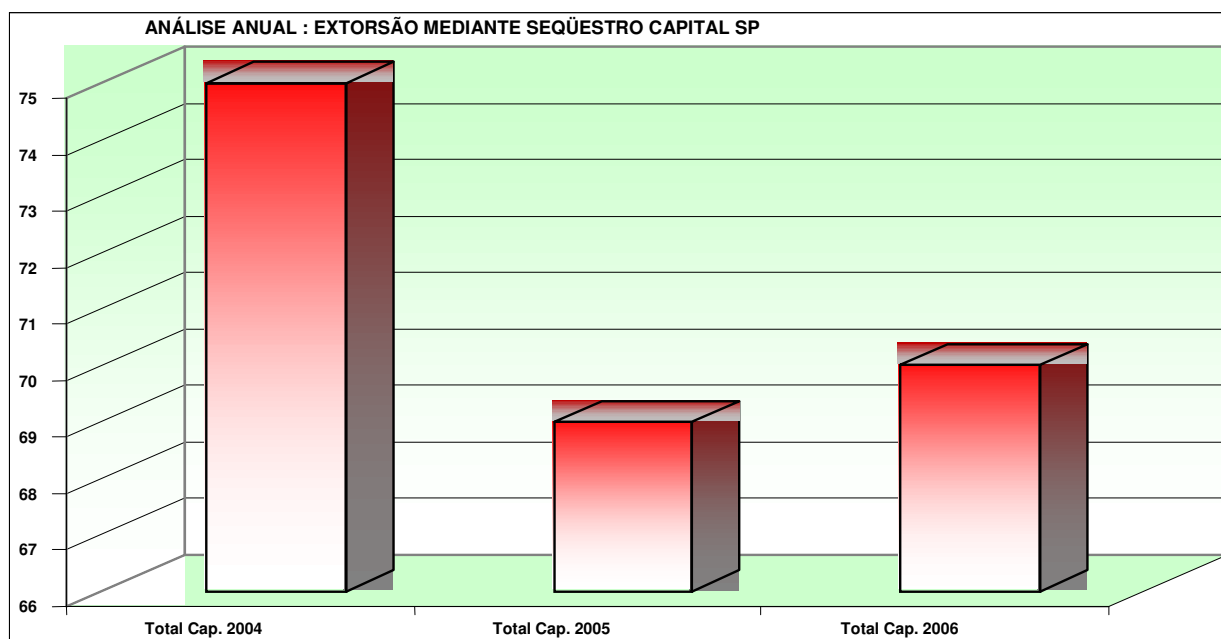


Gráfico V – Análise Anual: extorsão mediante seqüestro na Capital São Paulo –
 Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

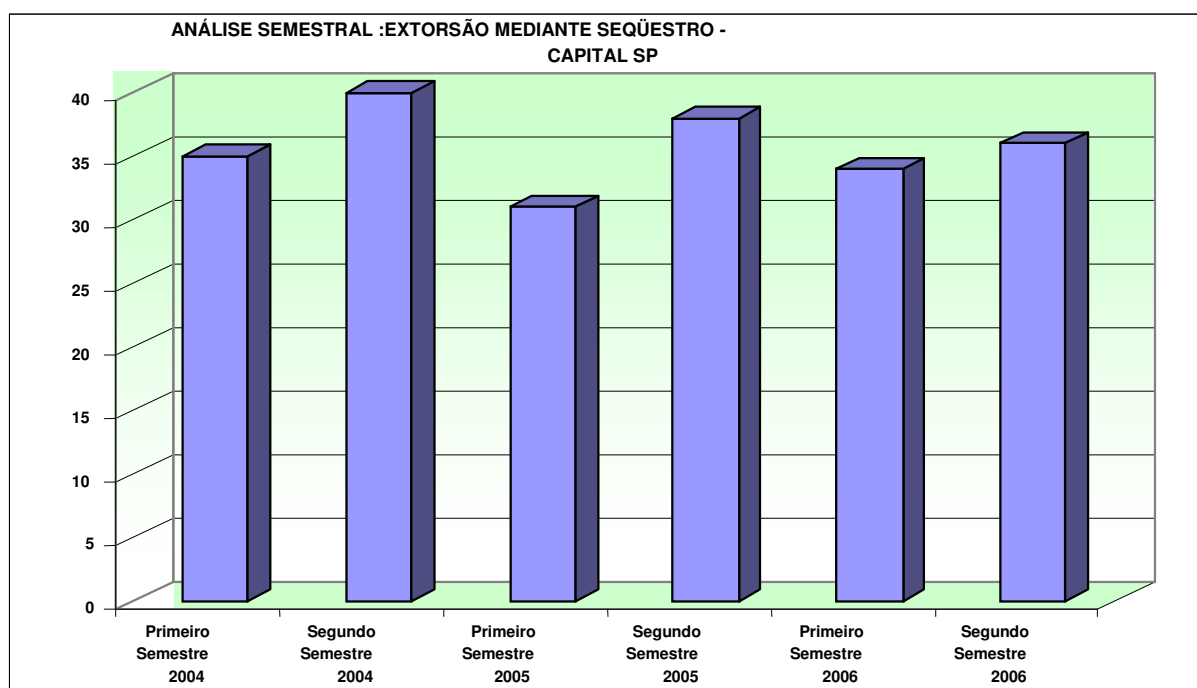


Gráfico VI – Análise Semestral: extorsão mediante seqüestro na Capital São Paulo
 Fonte: (www.ssp.sp.gov.br/estatisticas) Elaboração própria.

A Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo-SSP/SP não oferece dados separados para seqüestro em cativeiro e seqüestro relâmpago.

Devo esclarecer que estes dados foram aqui realçados para que possamos identificar a realidade em que se vive. Estes são os números das pessoas e podemos supor que se cada indivíduo vive em uma família com mais duas pessoas, e que cada pessoa desta família convive com outras, o número de vítimas sobe em proporções alarmantes. É uma pena que estes dados não possam ser contabilizados, pois só assim poderíamos realmente alcançar o volume de pessoas que são vítimas deste crime.

8. FAMÍLIA

A família tem sua organização determinada pela forma como os homens se relacionam entre si, em cada período histórico. Para entendermos um pouco mais, faremos um breve levantamento.

Na Idade Média, a família era responsável pela transmissão da vida, dos bens e dos nomes; não tinha função afetiva. Segundo Áries (apud Costa, 1999), as crianças, por volta dos sete anos, já não precisando mais dos cuidados da mãe ou das amas, iam participar dos trabalhos do dia-a-dia, e muitas eram enviadas para serem educadas por outras famílias.

A partir do século XVIII a família começou a valorizar a intimidade, necessitando de uma identidade, unindo-se pelo sentimento. A instituição família então responsabilizou-se pela transmissão de valores, conhecimentos e pela socialização. A família moderna como conhecemos, é centrada no afeto, na privacidade do lar.

A família moderna burguesa caracterizava-se pela necessidade de acúmulo de capital. O casamento e os papéis bem definidos do homem e da mulher garantem aos filhos a paternidade e a herança. Fechou-se a porta da casa para um mundo público.

A família limitou-se em um mundo privado, passando a ser a única responsável pela transmissão de valores, normas, bons costumes e também pela segurança. Assimilar e retransmitir estes valores aos seus filhos é sua grande função. A vida privada responsabilizou os pais pela criação de seus filhos e ao menor problema, fechavam-se mais no seu mundo privado.

Quando falamos na família contemporânea ou pós-moderna, estamos falando desta mesma família burguesa, onde ocorre a coexistência do novo com o velho. Ela é nuclear, composta de pais e filhos, no seio da qual as relações afetivas entre os membros são intensas e a autoridade concentra-se na figura paterna. Embora predominante nas sociedades capitalistas, essa estrutura apresenta algumas variações que implicam em diferentes formas assumidas: a família contemporânea é mais impessoal, objetiva e também mais racional, eficaz e produtiva. As características centrais de nossa sociedade são a competência, especialização e competição.

No que se refere ao estudo psicológico das famílias, a partir da década de cinquenta foram iniciadas algumas importantes pesquisas sobre a dinâmica interna de grupos familiares. A mudança fundamental é a substituição do modelo linear de pensamento científico (causa-efeito) para o modelo circular (interativo). Antes as questões psíquicas eram só consideradas no intrapsíquico, e após estes estudos, incluiu-se o interpessoal, a interação.

Um dos estudos mais importante e difundido foi a abordagem Sistêmica, que valorizou o conhecimento e a compreensão dos fenômenos, a não diretividade na terapia familiar e garantia a espontaneidade do sistema. Estes estudos demonstravam que a família possui dinâmicas e regras próprias, criadas e desenvolvidas ao longo da vida familiar e são transmitidas de geração a geração.

A partir desses conceitos iniciou-se um novo movimento dentro das ciências em que o interesse de muitos estudiosos (Bateson, Pakman, Von Foerster, Prigogine, Watzlawick, Haley, Minuchin apud Osório, 2002) contribuiu para o avanço e desenvolvimento do conhecimento, inaugurando um novo modo de pensar. As mudanças que estas descobertas trouxeram para as ciências levaram ao rompimento com o paradigma moderno.

Para esta dissertação, pela afinidade teórica e crença da autora, enfocaremos as teorias familiares, incluindo o Psicodrama, que consideram o fenômeno interacional dentro do contexto familiar e sua dimensão sócio-cultural. Esta dissertação considera o enfoque interacional envolvendo a sociedade, o indivíduo e a família co-produtores do fenômeno no sistema.

Uma maneira de se compreender o fenômeno da violência no contexto familiar é adotar uma abordagem que englobe a sociedade, a pessoa e a família. A abordagem sócio-interativa que Bentovim (2000) descreve é uma delas. Este autor expõe a família como agente transmissor e reproduzidor da cultura, o que a leva se tornar dependente de um contexto social, legitimando seu senso de valor. Descreve este esquema demonstrando que ao mesmo tempo em que os indivíduos são cuidados e socializados pela família é nas interações sociais que ele atribui significados (fig. 1). Quando acontece a violência, nesta dissertação o seqüestro, a extensão é maior, abarcando as relações entre o indivíduo, a família e a sociedade (fig. 2). A violência aparece no centro para destacar que não pertence exclusivamente a nenhum marco particular, mas afeta a todos.

A violência provocará na família um processo de vitimização, de desorganização e coação, que a levará, como já descrevemos, aos efeitos traumáticos do estresse, que compõem o sistema organizado pelo trauma. Podemos colocar no centro, o Seqüestro, onde encontraremos a confirmação deste processo descrito acima: o indivíduo, a família e a sociedade adoecem.

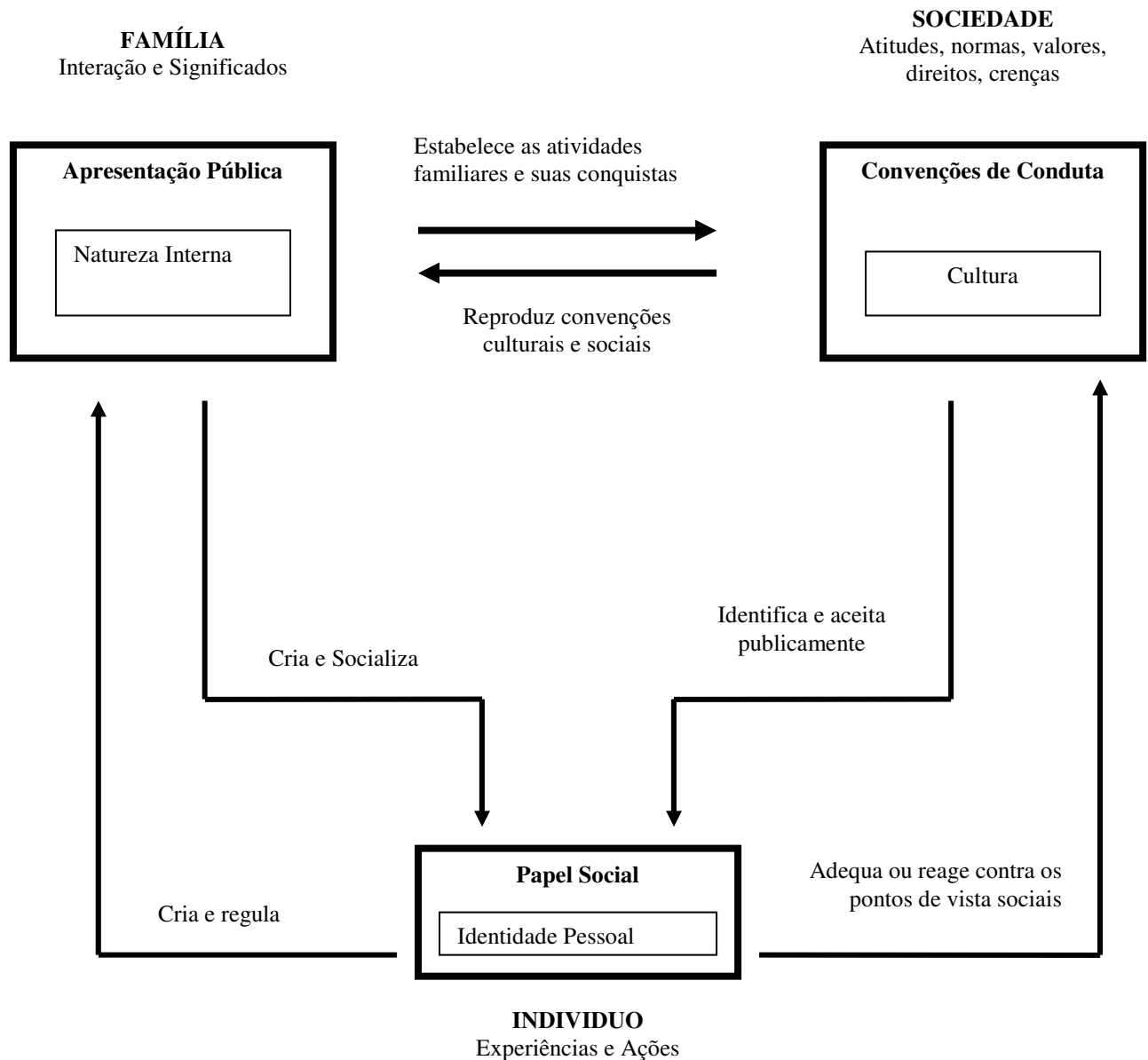


Figura 1 – Modelos Sistêmicos de experiência na Família, no Indivíduo e na Sociedade.
Fonte: Bentovim (2000, p. 40, tradução da autora).

“(…) esta abordagem, sócio-interativa, compreende a pessoa, a família e a sociedade como elementos chaves, cada um, em sua vez, um sistema. As experiências que definem a sociedade, as famílias e os indivíduos são diferenciáveis, mas dependem uma da outra” (Bentovim, 2000, pág.38, tradução da autora).

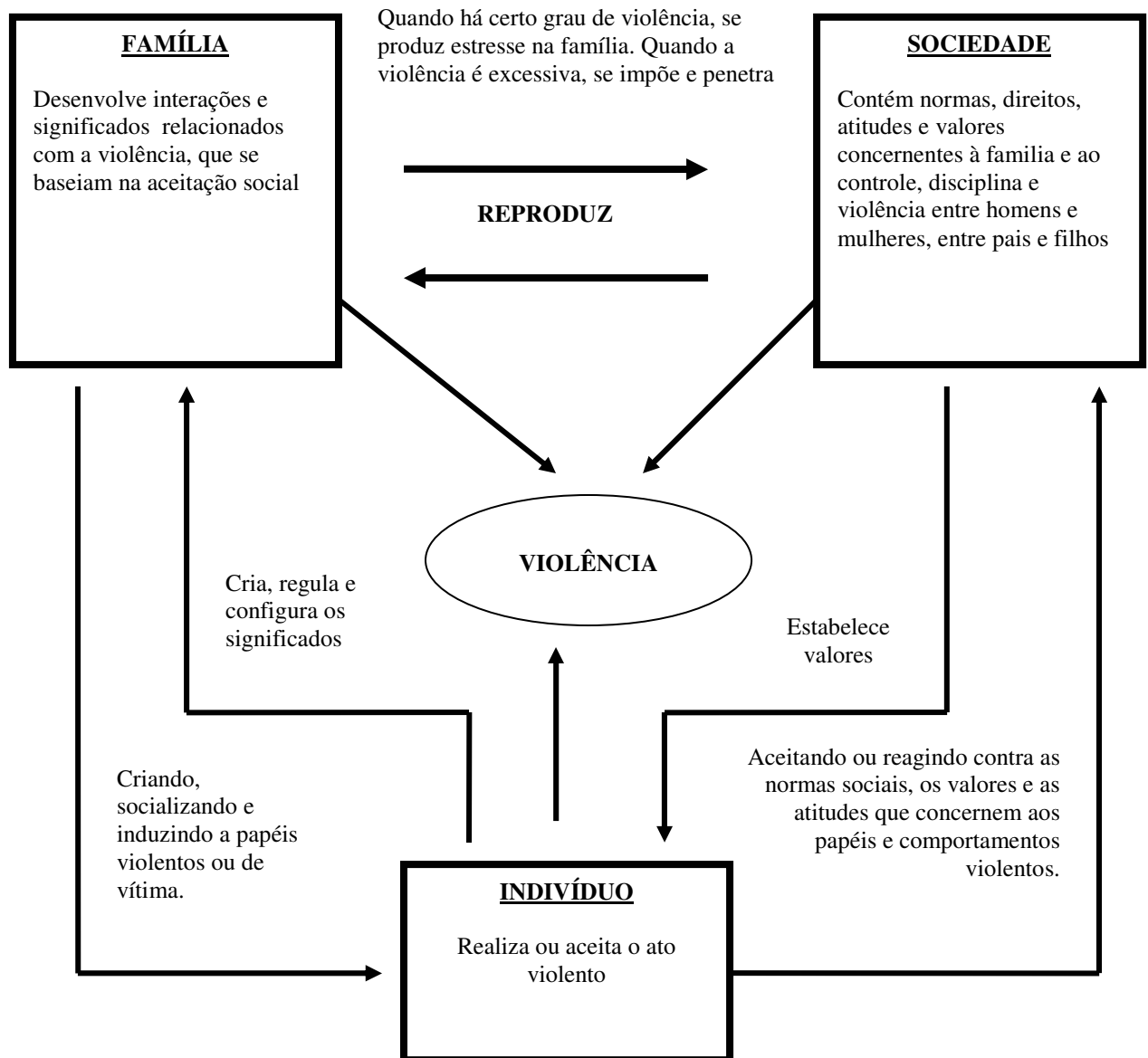


Figura 2 – Relações entre o Indivíduo, a Família, a Sociedade e a Violência.
Fonte: Bentovim (2000, pág 41, tradução da autora).

Carlos Sluzki (1997) ao estudar as redes sociais (“trama interpessoal que nos molda e que contribuímos para moldar” p.15) colocou a importância desta conexão entre indivíduo, família, sociedade e violência:

“Existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde, acelera os processos de cura, e aumenta a sobrevivência, ou seja, é geradora de saúde. E também existe evidência de que a presença de doença numa pessoa (...), deteriora a qualidade de sua interação social e, a longo prazo, reduz o tamanho (o número de habitantes) e a possibilidade de acesso a sua rede social. Esta dupla ação permite delinear círculos virtuosos nos quais a presença de uma rede social substancial protege a saúde do indivíduo e a saúde do indivíduo mantém a rede social, assim como círculos viciosos nos quais a presença da doença (...) numa pessoa afeta negativamente a rede social dessa pessoa (frequentemente com maior intensidade a rede que ultrapassa a família nuclear), o que, por sua vez, terá um impacto negativo na saúde do indivíduo ou do grupo íntimo, coisa que, por sua vez, aumentará a retração da rede, e assim por diante, em espiral de deterioração recíproca.”(p. 67)

Assim quando pensamos em violência, devemos compreender esta relação que se inicia e se mantém violenta dentro desta rede social. A violência não pertence a nenhuma das partes mas afeta a todos, indivíduo, família e sociedade. As inter-relações e os papéis violentos, são um dos aspectos deste processo que criam e regulam significados dentro desta rede social de Sluzki (1997) ou da matriz de Minuchin (1982) ou Moreno (1991).

Podemos, portanto, ao falar sobre família vê-la funcionando como matriz de identidade social e pessoal, pois é onde o indivíduo desenvolve o sentimento de pertencer e fundamenta a identificação social (Minuchin, 1982). A família exerce o seu lugar de matriz de identidade, possibilitando aos seus membros a experiência de pertinência a um grupo, assim como a experiência de sua separação (autonomia). A família seria o laboratório onde estas experiências são misturadas e administradas, construindo assim a matriz de identidade. Esta matriz, por sua vez, transmite os papéis que vão orientar o comportamento no mundo.

“O homem jamais deixa de expressar-se por meio de papéis. Os papéis expressam as formas reais, imaginárias e simbólicas do que o EU adota ao inter-relacionar-se com o outro, e

traz consigo uma identidade que, mesmo caótica e indiferenciada, existe” (Zampieri, M, 2004, p. 149). Estes papéis, que podem ser oficiais ou desinteressados, estão relacionados, conscientes ou não às funções que as pessoas assumem na sociedade (fig.1 acima). O conceito de papel, desta forma, pressupõe inter-relação e ação.

Moreno (1991) define que papel envolve duas partes, exigindo uma vinculação, mesmo que fictícia, com um outro: “O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (Moreno, 1991, p.27). Daí decorre a principal característica de papel: sua função complementar. A cada papel, supõe-se a complementação via contrapapel, compondo uma célula relacional que permite ao indivíduo expressar-se, ser identificado e apontado como ser atuante.

Quando a pessoa percebe o seu contrapapel de forma clara, télica⁵, faz comunicações interacionais. Quando ela não está livre para perceber objetivamente o outro, acaba por transferenciar⁶, ficando impossibilitado de responder na interação e acaba por reagir na relação com o outro. O indivíduo com TEPT, por exemplo, pode estar percebendo de forma distorcida o ambiente e reagindo inadequadamente a ele, adoecendo.

Ao entender a matriz como uma área de vínculos (Moreno, 1991) torna-se “como um universo de ações e interações fundamentais e constituintes; uma área onde o homem desempenha todos os encontros e desencontros; um *lócus* peculiar, onde vão surgir todos aqueles papéis (...) que determinam e marcam...” (Menegazzo, 1995, p. 124). A matriz de identidade favorecendo o desenvolvimento de ações e funções nas relações, favorecerá o trânsito saudável de conteúdos de um papel para outros, contribuindo para identificação dos limites pessoais.

Cabe, neste momento, distinguir o que considerarei sobre limite individual. O limite individual ou limite de si mesmo, pode assumir dimensões que expressem um horizonte entre o intra e o interpsíquico. O limite se expande ou retrai conforme o clima emocional, que pode ter origem interna ou externa. Quanto mais ampliados os limites do si mesmo, mais engolidos

⁵ Tele: relações interpessoais; emissão, recepção e percepção de sentimentos; empatia recíproca.

⁶ Transferência: desvio patológico da tele. Moreno diz que “a relação tele é o processo interpessoal geral, e a transferência uma excrescência psicopatológica especial” A transferência é um obstáculo à cura.

estão os papéis exercidos pela pessoa e, portanto mais difíceis de alcançar o meio ambiente e conseguir conectarem-se os contrapapéis. Segundo a teoria do núcleo do EU de Rojas-Bermudez (1978) :

“uma boa delimitação possibilita ao indivíduo a identificação do que sente, do que pensa e do que percebe no mundo externo. No caso de haver uma má delimitação, isto é, carências, tensões, elementos não satisfeitos, verifica-se a interligação de duas áreas através de porosidades nos papeis. Assim, podemos ter uma dificuldade de incorporação e insatisfação com o incorporado: de elaboração e comunicação; e de organização interna e a correspondente ação no meio, isto é, inadequação da ação no meio externo. Desta maneira, se um esquema é desenvolvido com porosidade, a vivência de confusão é constante. O indivíduo pode apresentar um sintoma básico que é a confusão desde que um dos papéis apresente porosidade e uma ou mais áreas entrem em contato direto. Desta maneira pode surgir confusão entre sentir, perceber o ambiente, pensar-perceber o ambiente, pensar-sentir, pensar-sentir-perceber. É muito penoso para o indivíduo viver na confusão; ele se utiliza, então, de mecanismos de defesa que tendem a reparar a porosidade no modelo, impedindo, assim, que as áreas se interliguem. Estes mecanismos, muitas vezes, trazem transtornos sintomáticos” (p. 69).

Na figura 2 acima, este aspecto está evidenciado, quando a violência se impõe e penetra em todas as estruturas, do indivíduo, na família e na sociedade.

O desenvolvimento da espontaneidade, que propõe Moreno (1992) favorece este trânsito saudável, pois quanto mais desenvolvido estiverem seus papéis, mais relações interpessoais, maior o parâmetro de sua saúde. Se uma pessoa encontra-se tensa ou relaxada, numa proporção inversa, o limite do si mesmo infla ou se contrai e aí teremos uma doença. Situações estressantes tendem a expandir o limite do si mesmo.

Como podemos então identificar estes papéis e os limites nas famílias?

Vamos retomar alguns pontos importantes. A família para Minuchin (1982), é como um conjunto, nem sempre visível, que se organiza pela delegação ou por exigências que levam seus membros a interagir de modo peculiar. Neste sistema, composto por subsistemas (holóns), as unidades interagem entre si. Estas interações são denominadas de estrutura, que se caracterizam por:

- 1) Alianças: relações diádicas;
- 2) Coalizões: formação de equipes entre os membros da família;
- 3) Fronteiras ou Limites: interações governadas por regras que permitem a diferenciação entre os subsistemas e o sistema total e filtram o que entra e o que sai do sistema (informações, energia e material) para regulá-lo;
- 4) Hierarquia: organização hierárquica de poder executivo.

Minuchin (1982), considera a família como um organismo que, quando está bem, é funcional e em caso contrário, é disfuncional. Para ele, a família sofre contínuas transformações com o intuito de adaptar-se e reestruturar-se para garantir a sua funcionalidade. Nesse equilíbrio dinâmico a família apresenta uma estrutura na qual se destacam, a cada tempo, certos padrões relacionais, na medida em que atende à demanda.

Essa abordagem sistêmica assim como a Teoria Moreniana do psicodrama, levam em conta a contextualização da família, as influências mútuas entre sistema familiar e o meio exterior. Também dão ênfase na relação constante e dinâmica, entre o indivíduo e o ambiente, podendo assim dizer, nas relações entre os papéis desenvolvidos.

Dentro destas estruturas o que nos interessa realçar são as fronteiras ou limites. Como situamos, elas têm a finalidade de delimitar os subsistemas, de forma que não se percam nem se misturem. As fronteiras devem ter permeabilidade para que os elementos possam fazer contínuas trocas sem, no entanto, perder suas funções. Em uma família saudável, as fronteiras devem ser flexíveis, o suficiente para permitir alterações, quando se fizerem necessárias, porém firmes para garantir a segurança aos membros da estrutura. Essa flexibilidade deve existir a ponto de permitir reestruturações. Entre pais e filhos, como entre o casal e o mundo exterior, é preciso que haja fronteiras bem definidas e reguladas por regras que determinam quem participa e como, das relações familiares.

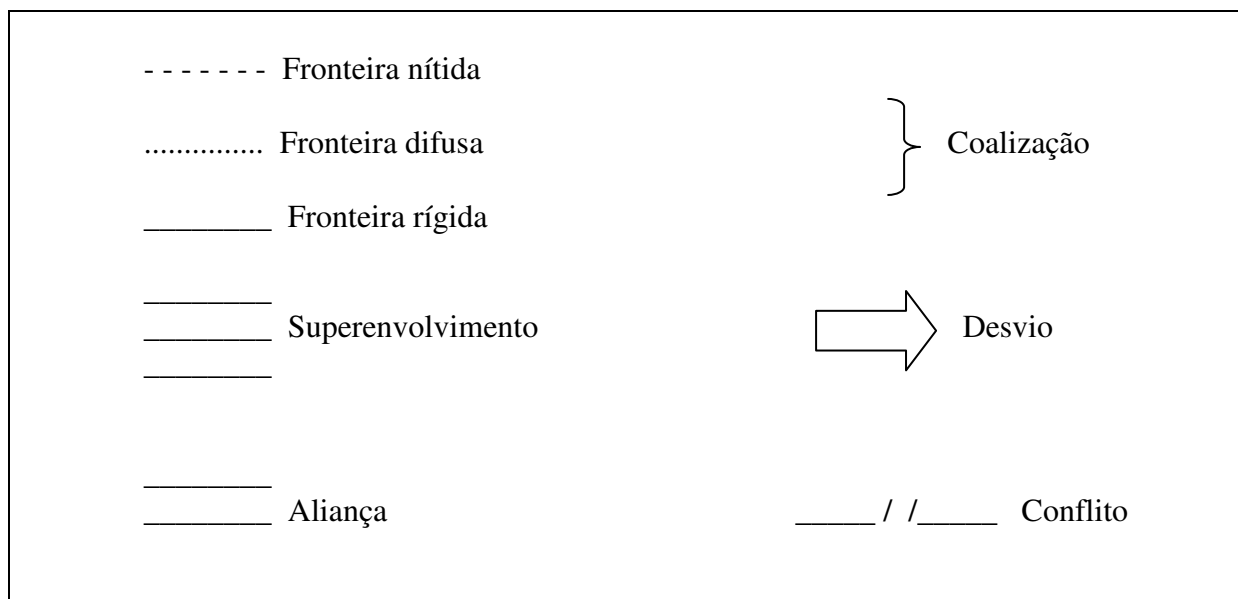


Figura 3 - Fronteiras ou regras de um subsistema que definem quem participa, e como, na estrutura familiar, segundo Minuchin (1982, p.59).

Fronteiras nítidas permitem uma funcionalidade adequada, com possibilidade de contato entre os subsistemas, propiciando o desenvolvimento da família. Fronteiras rígidas dificultam a comunicação e a não proteção, impondo funções fixas, não funcionando como matriz de desenvolvimento. Fronteiras difusas permitem um superenvolvimento, não propiciando a diferenciação do subsistema, empobrecendo os recursos, as adaptações e mudanças necessárias normais da vida familiar.

Minuchin (1982) apresentou a importância de se observar em ações “aqui e agora” a qualidade das fronteiras, que irão determinar o padrão de interação das famílias, inclusive no processo terapêutico. Quando se buscam as áreas de possível disfunção do sistema, pode-se criar um novo sistema terapêutico por meio da interação terapeuta-família. O terapeuta pode, portanto, ajudar as famílias a restaurar o processo interacional e construir padrões comunicacionais positivos. Outra característica, se encontra nas formulações de Andolfi (apud Zampieri, M., 2004, p. 25), sobre a possibilidade de a terapia ser propícia ao questionamento do *status quo* familiar, ou seja, a Terapia de Família constitui um espaço democrático, no qual os papéis são intercambiáveis, transformando as relações familiares. O fato de se experimentar em posições relacionais diferentes, permite aos membros do sistema sair do

script familiar, no qual cada um possui um papel definido com base no significado atribuído a este *script* da rede de relações.

8.1 Família e Perda Ambígua

Considerando que no enfoque sistêmico, a família é vista como um todo e suas partes, sistema e subsistemas, quando acontece o seqüestro, todo o sistema é afetado. Com o seqüestro, a atividade diária e a vida familiar sofrem uma desorganização. Dificuldades para dormir, para se concentrar, para comer, memória prejudicada e até os detalhes mais óbvios podem ser esquecidos. Concluiremos, estresse presente. A desorganização das rotinas, rituais, estrutura da família e da comunidade também determinam um aumento da violência e do abuso em famílias que foram atingidas por trauma severo (Bentovim, 2000).

O seqüestro é considerado como uma “muerte suspendida” (morte suspensa, apud Portal Del Secuestro, 2006) onde o sentido da vida tanto para a vítima como para a família, é interrompido temporariamente, colocados na posição de impotência onde as mãos e a consciência estão quase que literalmente atados. Não se tem dúvida do valor que os seres humanos atribuem à vida como direito fundamental. Bettelheim (2000) expôs que: *“do ponto de vista psicológico tem sentido começarmos a nos preocupar com o significado da vida quando estamos padecendo provas e tribulações sérias e que portanto a busca de uma resposta tem um propósito. Nos parece que se pudermos dar um significado mais profundo à vida então também podemos compreender o verdadeiro significado de nossa aflição (e com certeza, a aflição dos outros) e isto responderia à pergunta de porquê temos que suportá-la, porquê isto aconteceu comigo (a morte)?”* (Bettelheim, 2000: p. 151, tradução da autora).

A violência, a perda de segurança, a perda da esperança de vida de uma pessoa é esta morte suspensa ou como descreveu Pauline Boss (2001) é uma perda ambígua e, portanto, traumática. No caso de perdas imprevisíveis, quando não se pode fazer nada antecipadamente, precipita-se um conflito inevitável com estresse e suas seqüelas.

A situação do seqüestro pode ser vista como uma perda ambígua desde o primeiro momento (o desaparecimento da pessoa) até depois do término deste (sintomas do TEPT).

Segundo Pauline Boss (2001), este fenômeno foi sempre descrito nas Óperas, na literatura e no teatro, mas pouco desenvolvido na Psicologia, apesar de ser tão comum nas nossas vidas. “De todas as perdas que experimentamos nas nossas relações pessoais, a perda ambígua é a mais devastadora, porque permanece obscura, indeterminada” (Boss, 2001: p.18 – tradução da autora). A perda nunca é oficialmente documentada ou ritualizada. Segundo esta autora, a perda ambígua é sempre uma consequência da guerra e da violência, mas atua de forma mais insidiosa na vida diária.

“A ambigüidade é a mais estressante das perdas que as pessoas devem enfrentar. Não só desorganiza a família, ao diminuir o número de membros que participam nela, exige uma “substituição”, obrigando assim, as pessoas a questionarem sua família e o papel que desempenham nela” (Boss, 2001, pág.30 – tradução da autora). Ainda esta autora, descreve que ambigüidade de fronteira é esta falta de clareza a respeito da perda que gera confusão e conflito (Boss, 2001). “É definida como o não saber da família sobre quem está dentro e quem está fora do sistema”. (Boss, 2001: p. 188). A fronteira familiar é ambígua. “Se uma família não consegue esclarecer quem está dentro e quem está fora de seu sistema, ela não consegue se reorganizar; o processo de reestruturação morfogênica do sistema é bloqueado, o sistema fica no limbo”.(Boss, 2001: p.188). Baseado na percepção própria da perda da família pode-se começar a responder as perguntas sobre porque algumas famílias são resistentes enquanto outras ficam imobilizadas pela perda e nunca se recuperam.

Vale ressaltar que para Pauline Boss (2001) família é um grupo íntimo de pessoas com as quais se pode contar por um longo tempo. A família assim pode ser constituída por pessoas que nos criam (família de origem) ou por pessoas que elegemos (família de eleição). Segundo a autora este conceito de família realça o critério da presença psíquica e física mais que o parentesco biológico. Os seus estudos demonstraram que a presença de um membro da família é mensurável psicologicamente, não só fisicamente, e que a perda ambígua é estressante e conduz a sintomas depressivos. Também assinala que nem a presença nem a ausência física dizem tudo com relação a quem está dentro ou fora da vida das pessoas, pois existe a família psicológica (Boss, 2001: p. 25).

Boss, (apud Walsh,1998: p. 188) descreve as suposições gerais que tem a respeito da família e da questão de mudança:

- 1- *As famílias são sistemas e devem manter suas fronteiras a despeito das mudanças internas, para sobreviverem e não se desfazerem sob pressão.*
- 2- *As fronteiras familiares não podem ser mantidas por pessoas de fora; elas devem ser mantidas a partir de dentro, pela própria família. Fronteiras familiares claras e saudáveis facilitam o manejo dos eventos estressantes da vida familiar e possibilitam a família administrar as inevitáveis perdas e mudanças normativas e resolver as mudanças evolutivas de seus membros, bem como administrar eventos e situações inesperados.*
- 3- *Para que um sistema familiar mantenha suas fronteiras, seus membros devem saber quem está dentro e quem está fora da família. Isto é determinado solicitando a todos os membros da família a falarem sobre sua percepção individual e coletiva de quem está na família. As fronteiras familiares também são determinadas perguntando quem está presente nos momentos de comemoração e dos rituais familiares.*
- 4- *Uma barreira significativa para o manejo do estresse familiar, portanto, é a ambigüidade em torno de uma experiência de perda, quando não sabemos se a pessoa está dentro ou fora do sistema familiar.*
- 5- *Um certo grau de ambigüidade é normal em todas as famílias, mas, a longo prazo, ela é um forte estressor e vai tornar vulneráveis até mesmo as famílias mais fortes.*
- 6- *Embora a idéia da ambigüidade das fronteiras como disfuncional tenha surgido a partir das pesquisas com famílias de DEC (desaparecidos em combate), ela parece ter relevância para outros eventos familiares de perda, como doenças crônicas e mortes.*
- 7- *Quando um evento de perda não pode ser alterado, a mudança ainda é possível na percepção que a família tem daquele evento.*

São duas formas de desenvolver a ambigüidade de fronteira. “Na primeira, a perda mesma pode se apresentar como ambígua (seqüestro) ou seja, os fatos que a cercam são

incompletos ou pouco claros” (Boss, apud Walsh, 1998: p. 189). É extremamente difícil para a família. Na segunda, a perda é clara mas a família não vê – “hesitação em aceitar a perda ... algumas famílias constroem uma realidade que define artificialmente suas fronteiras porque não podem tolerar uma morte súbita ou uma doença prolongada” (Boss, apud Walsh, 1998: p. 189).

Também se pode falar em perda ambígua num sentido cultural mais amplo. Jan Goldman (apud, Brody, 2006) diz: *"Nós todos sofremos uma perda ambígua. Perdemos nossa inocência e nossa sensação de segurança. A perda está aí, diante de nós, mas somos incapazes de pô-la em perspectiva. Não conseguimos encontrar nenhum alívio interior e, quanto ao exterior, quem vai nos consolar se estão todos sofrendo? Nem a experiência adianta: quem já tinha sofrido um grande trauma está sentindo a nova perda ainda mais" .*

8.2 Família e Seqüestro

Quando o Seqüestro é efetivado, podemos descrever vários momentos que geram estas crises:

- 1- *Fase Inicial, onde acontece a captura e a notícia do seqüestro (no seqüestro relâmpago esta última às vezes não acontece);*
- 2- *O cativeiro, onde acontece o período de adaptação e negociação;*
- 3- *O desenlace através da libertação;*
- 4- *O reencontro familiar, e*
- 5- *A superação do Trauma. (Agudelo,2001: p. 2, tradução da autora)*

Nas primeiras fases, a família enfrenta uma série de medos e conflitos que podem ameaçar a organização familiar. Cada membro da família reage ou assimila esta situação de um modo diferente. Isto pode gerar conflitos pelo grau diferente de manifestação dos sentimentos por cada membro da família. Nestes momentos, a normalidade e a tranquilidade

rompem e o equilíbrio familiar desaparece. As pessoas não sabem mais como lidar no meio familiar, no trabalho, no meio social. A família vive o temor da ausência, não sabe o que fazer, teme os telefonemas que se tornam portadores de notícias boas ou ruins, iniciando a ambigüidade. Os problemas familiares que existiam antes do seqüestro, podem, a partir deste evento, tornar-se piores e, por conseguinte, podem aumentar os atritos.

Os primeiros momentos primam pela confusão, o estado atordoado, a angústia, o medo e o desespero (Fundación País Libre, 1999; *apud* Portal del Secuestro, 2006). No caso do seqüestro com cativo, a tranqüilidade e o equilíbrio da família desaparecem, as pessoas não sabem como assumir esta nova família, mesmo que temporariamente. A vida pessoal, social (em quem confiar?), emocional, financeira se desorganiza. Acontece um processo de ajuste dessa nova realidade pois assuntos cotidianos têm que ser resolvidos. A maneira que ela se desorganiza e ao mesmo tempo se organiza nesta nova referência é muito importante. Viver o seqüestro é realmente uma perda que vai além do seqüestrado, mas também da tranqüilidade, da liberdade, da privacidade e de um lugar no mundo.

Instaura-se a necessidade de assumir papéis e cumprir funções interrompidas abruptamente. Como qualquer sistema, também na família o todo é mais que a soma das partes e por isso ela tenta manter o equilíbrio quando se sente ameaçada. A situação é propícia para que se reativem conflitos anteriores não resolvidos e perdas passadas não assumidas. Surgem, mais uma vez, sentimentos de culpa, impotência e desesperança.

Como a família lida com os períodos de silêncio dos seqüestradores? Normalmente é o momento de maior desorganização familiar. A família busca seus próprios recursos para sobreviver a esta situação. A impossibilidade de agir é o que mais caracteriza este momento familiar. É com esta vulnerabilidade familiar que os seqüestradores jogam.

As famílias apresentam fronteiras difusas em um primeiro momento, permitindo de forma indiscriminada a entrada de informações, energia e pessoas no sistema. Depois começam controlar a flexibilidade de suas fronteiras, com limites abertos, onde há um controle seletivo da entrada e saída de informações, energia e material no sistema familiar.

A Fundación País Libre (1999; *apud* Portal del Secuestro, 2006), através da larga experiência nessa área, ao cuidar de famílias vítimas de seqüestro com cativo, colheu

informações sobre o impacto do seqüestro nas famílias com uma pessoa seqüestrada e cita os sentimentos mais freqüentes durante os primeiros meses do seqüestro:

- 1) A culpa: dormir, comer, ver televisão, divertir-se, podem ser vistos como atos de traição ou infidelidade; pensa-se em viver debaixo das mesmas condições da pessoa seqüestrada para se solidarizar com ela.
- 2) A impotência: a família por não saber o que fazer, onde pedir ajuda, transforma-se em uma frustração constante que produz raiva, o que aumenta as discussões e conflitos, muitas vezes sem razão aparente.
- 3) A repressão: a família e os amigos consideram que tudo seria melhor se eles não experimentassem, e nem expressassem os sentimentos desta situação, mas não os expressar é prejudicial e em longo prazo isso conduz a mais dificuldades (grifo da autora).
- 4) O temor: tem-se a sensação de estar sendo vigiados e perseguidos permanentemente, tanto pelos seqüestradores como por outras pessoas que podem causar danos.
- 5) O medo: os parentes temem o que pode acontecer com o ser querido ou com alguns deles.
- 6) A angústia: aparece quando se está diante do desconhecido; a incerteza é, muitas vezes, consequência do longo silêncio dos seqüestradores (Grifo da autora).

O reencontro familiar é outra situação de crise e implica em um novo período de adaptações. Surgem sentimentos contraditórios: alegria e tristeza, raiva e remorso, ira e compaixão. Terminado o período de grandes sofrimentos, agora começam outros; as condições emocionais e físicas da pessoa que voltou, o trauma. Poderá aparecer em um momento inicial a negação do trauma, pois frente a uma situação impossível de se aceitar, pode-se optar por diminuir o valor da dor. Estas pessoas preferem não falar do que aconteceu e apagam este período da vida. Outras pessoas, ao contrário, se vitimizam ainda mais e buscam atenção especial. Em outros casos a reação é de um abandono total, deprimem, sentem que perderam o sentido da vida.

Nos trabalhos realizados com as vítimas de seqüestro é muito importante dar novo sentido à experiência vivida. Sabe-se que o fato não pode ser apagado, trocado, escondido, mas como escreveu um sobrevivente dos campos de concentração à Bettelheim (2000: p. 99): *“... mais uma vez me dei conta de que existem problemas que não podemos resolver mas mesmo assim temos que aprender a viver.”*

As pesquisas realizadas com famílias após o seqüestro (com cativo ou relâmpago) vêm demonstrando que esta experiência traumática não termina. Segundo algumas famílias é uma situação estressante, pois: *“temos que enfrentar as conseqüências do ocorrido”*. Algumas famílias retornam a vida que levavam mas a grande maioria entra em um processo de reconstrução, que normalmente leva tempo e gera dor (Navia y Ossa, 2001; *apud* Portal del Secuestro, 2006).

As famílias que entram em crise necessitam realizar diversas mudanças que permitam “reaver suas vidas” (Navia y Ossa, 2001; *apud* Portal del Secuestro, 2006). Destruíram suas crenças sobre o mundo, sobre os outros e de si mesmos, como se a estrutura de suas vidas não existisse mais. A família que antes acreditava que as coisas negativas só aconteciam com os outros agora vivencia ela própria. A vida defraudou isto, as coisas não são mais como eram antes, perdeu-se a confiança e a sensação de controle da sua própria vida.

Pauline Boss (*apud* Walsh, 1998, p. 190/191) baseada nas premissas sobre as famílias e a perda, faz as seguintes proposições:

- 1- Quanto maior a ambigüidade de fronteira do sistema familiar, maior será a impotência (baixo controle) e maior probabilidade de disfunções individuais e familiares (depressão e conflito).*
- 2- Em curto prazo, a ambigüidade das fronteiras familiares pode não ser disfuncional. Com o tempo sistemas familiares resistentes se organizam e as fronteiras são esclarecidas e mantidas de forma mais realista.*
- 3- Um alto grau de ambigüidade das fronteiras familiares persiste ao longo do tempo, o sistema familiar está em risco de se tornar estressado e disfuncional... bloqueia a cognição,... nega, se imobiliza.*
- 4- Contextos culturais diferentes variam a percepção das fronteiras familiares.*

Durante este período de crise é importante lembrar que o sistema familiar inteiro faz parte dela. Muitas vezes parece que um único indivíduo é que está manifestando os problemas e os outros são os observadores impotentes do que está acontecendo. No momento em que se aceita que todos estão sofrendo os efeitos do seqüestro, e que o sistema familiar deve reestruturar-se para canalizar e desenvolver novos esquemas de funcionamento, é possível achar uma chave que ajudará a desemaranhar a confusão dos sentimentos de medo, tristeza, culpa e de raiva. (Navia y Ossa,2001; *apud* Portal del Secuestro, 2006)

Muitas vezes a impotência gerada pelo seqüestro leva a família a voltar para si mesma a raiva e a culpa gerada por este crime. Na realidade sente-se raiva dos seqüestradores mas não podendo expressar isto diretamente a eles, direciona-se para os outros membros da família ou reprimi-se. Manifestar a desaprovação, compartilhar com os outros, canalizar para novas alternativas que possibilitem uma reestruturação da família como um todo é a saída. O caminho a ser percorrido é o processo da elaboração do luto por tudo o que foi perdido e que pode ser expresso com o fim do silêncio (Navia y Ossa,2001; *apud* Portal del Secuestro, 2006, grifo da autora).

É importante como estratégia para a família, sair do lugar passivo que os seqüestradores a coloca. A grande dificuldade que se observa em famílias com vítimas de seqüestro é o reconhecimento da necessidade de todos buscarem alguma ajuda.

Como podem, então, as famílias viverem funcionalmente com a incerteza? É a pergunta que Pauline Boss (*apud* Walsh,1998, p. 195) tenta responder propondo através de um processo terapêutico que:

- 1- As famílias assumam as responsabilidades em equipe;*
- 2- Devam tornar-se flexíveis para poderem redistribuir os papéis designados tradicionalmente;*
- 3- Continuem com seus rituais e comemorações;*
- 4- Usem regularmente períodos de descanso – férias e contato com outras pessoas.*

A proposta desta dissertação é, assim como colocou Boss (2001), auxiliar as famílias a reconhecerem este processo de confusões dos sentimentos, ambigüidades, identificando que todos estão em crise, através da possibilidade de expressão do que foi perdido, pondo fim a este silêncio. *“Objetivo terapêutico de remover tanta ambigüidade quando possível para que não fiquem bloqueados no controle da situação. Quando algumas ambigüidades não podem ser esclarecidas ou resolvidas, as famílias devem aprender a viver com a incerteza. Paradoxalmente, a ambigüidade é reduzida quando há uma expectativa clara de que o curso ou o desfecho da situação é incerto”*. (Boss, apud Walsh, 1998 p. 196).

“Quer a ambigüidade comece no evento em si ou se origine primariamente na percepção da realidade, é através desta janela perceptiva da família que o terapeuta pode entrar. Somente pelo reenquadramento de como os membros da família vêem a situação é que a mudança pode acontecer... Devemos ver a perda através dos olhos deles (grifo da autora) para que possamos descobrir como apoiá-los e guiá-los na resolução dela” (Boss, apud Walsh, 1998 p. 189/190).

Cabe lembrar que esta é a mesma proposta que o Psicodrama faz:

*“... Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.”
J.L.Moreno (1914)*

Conflitos, ambigüidades entre muitas outras sensações que o seqüestro provoca escapam de uma compreensão mais ampla e ao alcance desse trauma, podendo contribuir a proposta psicoterapêutica que descreverei a seguir.

9. MÉTODO

“Os pioneiros são pessoas que correm onde os anjos temem andar”.
Zerka T. Moreno (2004)

9.1 Reflexões sobre a escolha metodológica

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo pois não se procura mensurar comportamentos ou intensidades de experiência, e sim entendê-los. Neste estudo a convicção da impossibilidade de separar o objeto de estudo da subjetividade do investigado e do investigador, é o eixo fundamental.

A construção de novos significados; a complexidade do real; o compromisso ético de participação; a teoria e prática do *socius* na compreensão relacional do sujeito; bem como todas as teorias que falam da importância da construção de uma realidade na interação são consideradas idéias pós-modernas. Essas idéias transformam padrões e posturas e promovem novas possibilidades de intervenções interativas e abordagens, gerando mudanças epistemológicas e paradigmáticas (Nery, 2003).

Segundo as visões Psicodramática e Sistêmica do mundo, tanto os indivíduos quanto os sistemas familiares, os grupos, as organizações e as instituições, formam uma rede de inter-relações, construindo e sendo construída por eles mesmos, o que significa compreender que estão intimamente ligados, são interdependentes e não podem ser entendidos no âmbito de uma perspectiva fragmentada.

Esta dissertação pretende por meio da articulação filosófica teórica e técnica comum aos fundamentos epistemológicos das concepções do Psicodrama e da Abordagem Sistêmica, propor que possamos ver, na metodologia de ação e na narrativa, os instrumentos viáveis e necessários para as questões desta dissertação. Esta dissertação utilizará o estudo de casos por meio do Sociodrama Familiar Sistêmico, que não só particulariza a ação mas também, leva em consideração a narrativa.

As narrativas fazem parte das relações assim como nas ações. O significado vai ser interpretado a partir do como as pessoas, que estão fazendo parte deste grupo, o descrevem, o

vivenciam no aqui e agora das ações. O significado pode ser assim co-construído e re-significado.

“A realidade é multifacetada e o observador interfere em tudo o que vê. Se ele tiver oportunidade de ver com outras lentes, tem possibilidades de ampliar o Universo. Caso se atenha à história contada, prender-se-á à história dominante, difícil de mudar. Na medida em que usamos técnicas de ação, já usamos uma intervenção que faz a família reconstruir sua história. Se utilizarmos as questões interventivas de Karl Tom (1990)⁷, também estamos empregando uma outra forma de produzir reconstruções, que podem complementar a anterior”(Seixas, 1992, p. 24/25).

Preocupada em tecer uma correlação entre a teoria sistêmica e a teoria moreniana, por meio do Sociodrama Sistêmico, procurarei acrescentar agora algumas questões teóricas que me ajudaram neste processo.

A pesquisa psicodramática apresenta-se como uma pesquisa participante em ação interventiva por dar conta do acesso às dimensões humanas. O Psicodrama pode ser considerado como um marco de ruptura com as concepções individualistas, uma vez que desenvolveu conceitos sobre a formação e a dinâmica dos vínculos, a medida das relações sociais e o tratamento dos grupos e das relações.

Moreno (1983), entendeu a Humanidade como uma unidade e o Universo como um todo relacional, o que o levou a estudar os grupos sociais por meio de sua teoria Socionômica. O autor observa que a Socionomia (do latim *sociu* – companheiro, grupo e do grego *nomos* – regra, lei), é uma teoria relacional onde a preocupação básica é a compreensão das estruturais grupais, sua mudança e, a interação entre os elementos de um grupo, é a “Ciência das Leis Sociais”. Os ramos principais da teoria Socionômica são: Sociodinâmica – funcionamento ou dinâmica das relações interpessoais através do método dos jogos de papéis ou *role-playing*; Sociometria – medir as relações entre as pessoas através do método do teste sociométrico; e a Sociatria – terapêutica das relações sociais, e seus métodos são a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. O psicodrama é o tratamento do indivíduo e do grupo através da

⁷ Desenvolveu a técnica de encorajar pacientes a falar com base na “voz interna” de membros da família, mediante perguntas a respeito de “outras questões internalizadas”. Esta se assemelha a inversão de papéis do psicodrama.

ação dramática. A psicoterapia de grupo é o tratamento das relações interpessoais inseridas na dinâmica grupal (Gonçalves, 1988). Todas as vezes que fazemos uma dramatização, segundo Moreno, onde o protagonista⁸ é o próprio grupo, fazemos um Sociodrama. “Moreno, quando fez a distinção entre psicodrama e sociodrama, deixou claro que no psicodrama, colocado à disposição da psiquiatria, o sujeito é o indivíduo que sofre. No sociodrama, que se coloca a serviço da sociometria, o sujeito é o grupo e a preocupação é o sofrimento de uma coletividade. Genéricamente, chama-se de psicodrama qualquer destas formas, porque o termo foi consagrado pelo uso” (Seixas, 1992: p.29)

Para Moreno (1983), a posição do investigador social só é possível estudando um grupo enquanto se estiver participando. Não se pode conhecer uma estrutura grupal observando-a de fora, sem considerar as trocas afetivas e espontâneas e o movimento interno do grupo, ou seja, a própria condição humana.

A metodologia Socionômica estabelece que só é possível conhecer a sociedade humana no que ela tem de dinâmica, no movimento, na ação. Portanto, o pesquisador realiza sua pesquisa participando do grupo, em conjunto com ele, assumindo sua subjetividade e procurando colocar-se como instrumento do projeto grupal:

“(...) Se o cientista é parte implicada na própria realidade social, ele que se valha de sua posição como uma abertura e estratégia metodológica; senão é nada mais do que um sujeito lançado na interioridade, no entrecruzamento de correntes subjetivas, isto significa tão somente que sua posição não o privilegia mais do que aos outros sujeitos implicados e que, nesse sentido, o experimento tem que ser um projeto movido do interior e envolvendo a participação conjunta de todos” (Naffah, 1997, pág 139).

Para Moreno (1983), não basta a transformação do investigador em participante, como também, ser completada pela atribuição do papel de investigador a todos os membros do grupo. Para que a pesquisa se concretize é necessário que todos os membros sejam também investigadores, participando na condução da pesquisa e na explicitação das vivências grupais. Em vários momentos de sua obra, Moreno se refere a tal processo como a realização do duplo

⁸ “Pessoa em torno da qual se centraliza a dramatização, traz o tema para dramatizar e, ao mesmo tempo, encena-o. É autor e ator ao mesmo tempo. Quando o protagonista é o grupo, denomina-se o trabalho terapêutico de Sociodrama Grupal” (Seixas, 1992: p. 31).

papel do pesquisador: investigar e participar. Assim como é duplo o papel do participante: participar e

investigar. Se o pesquisador-experimentador não estiver atento a isso, não realizar esse duplo papel para ambos, corre o risco de tornar-se um participante e, ao mesmo tempo um “agente secreto” do método científico (Moreno, 1983).

A realidade é construída na interação do observador com o mundo. “O Observador-participante é esse indivíduo investido de atenção, memória e sentimentos correlatos à observação do tempo e do espaço e à observação de cada indivíduo em relação aos demais e ao grupo como um todo, na consumação dos enredos sócio-individuais apresentados” (Zampieri, A, 2002, p. 150/151). De acordo com a teoria do momento de Moreno, só é possível compreender um sistema se levarmos em conta o *locus*, o *status nascendi* e sua matriz. Para o autor, só é possível investigar um grupo, uma organização em funcionamento, em situação, no momento em que o átomo social⁹ está em ação, em plena manifestação de sua espontaneidade e criatividade. A terapia com a família (Sociodrama familiar) é um trabalho no grupo ou átomo familiar e o terapeuta deve passar a fazer parte dele, desenvolvendo um conhecimento compreensivo da trama de relações, conflituosas (transferências) e adequadas (téticas), em um processo conjunto. À medida que todos vêm as relações se co-construindo, podem discuti-las e reformulá-las dramaticamente, conseguindo liberar a espontaneidade retida e fixada em eventuais papéis cristalizados e descobrindo novas alternativas de funcionamento. Para o Psicodrama a terapia familiar é um instrumento de transformação social e interacional. (Seixas, 1992).

Assim, recriar a cena, por meio da dramatização é estar em *locus*. Segundo Thiollent (apud Nery, 2003), “a ação não constitui um fim em si mesma, mas uma possibilidade de ampliar o conhecimento e a consciência dos participantes, além de permitir que os limites sejam transformados em desafios, uma vez que profundidade, envolvimento e participação, dentre outros aspectos, estão presentes nessa interação”. Segundo Moreno (1983), os homens são co-criadores do Universo, por meio da liberação da espontaneidade e criatividade, que é transformadora. É através da ação que se cria a história.

⁹ “É a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento” (Gonçalves, 1988 p.63).

A ação e a linguagem (narrativa) podem parecer inconciliáveis, mas na prática são complementares.

“O sociodrama procura o “significado” para os “dramas” familiares através da dramatização e não abandona o verbal (...) O significado às novas realidades são decorrentes de discussões, discursos sobre o drama comum, mas também de dramatizações conjuntas, que produzem visões e vivências do mundo comprometidas com o novo contexto em que são realizadas. Para o Sociodrama Familiar Sistêmico a finalidade do Universo é a criatividade contínua, decorrente de relações espontâneas entre os homens (...)” (Seixas, 1992: p.127).

No Construcionismo a história também é construída pelos homens que a integram. “O homem é um ser que vive imerso em uma trama de significados que ele próprio constrói no convívio e no diálogo com os outros. Esses significados são configurados pela linguagem na forma de narrativas” (Grandesso, 2000:p. 31). A narrativa, segundo um enfoque pós-moderno Construcionista Social¹⁰, convida a uma multiplicidade narrativa à medida que reconhece a contingência histórica e cultural de nossas construções de realidade. Grandesso (2000) esclarece que a narrativa busca uma forma de manter uma coerência em relação ao sistema de significados do indivíduo, apresentando uma “dimensão histórica,... ao sentido de continuidade da existência. As narrativas organizam a experiência em um fluxo contínuo, estabelecendo conexões entre os eventos de nossa vida” (Grandesso, 2000: p. 207).

Narrativa é a organização por meio do discurso, por meio de termos, símbolos ou metáforas, de um fluxo de experiência narrativa, em uma sequência temporal significativa. Se tivermos uma narrativa, necessariamente teremos uma história e um narrador de história e poderemos dizer que cada relato se apresenta como um ato de (re) criação isolado.(Grandesso, 2000).

White (1994) considera que as narrativas são construídas em uma dimensão histórica e “negociadas” nas comunidades e nos contextos das instituições e estruturas sociais. Assim, a produção narrativa resulta não de um ato da mente individual, mas, sim, da natureza interpessoal da produção discursiva (Gonçalves, 1998). Situando-a no campo do discurso a narrativa independentemente de sua forma, veícula determinados sistemas de valores por

¹⁰ Ênfase nas práticas sociais de intercâmbio entre as pessoas, construindo as experiências nas práticas discursivas (Grandesso, 2000).

meio dos quais se sustentam determinadas práticas sociais e visões de mundo. Grandesso concorda com White (1994) quando observa que “há uma dimensão canônica nas histórias vividas, estruturadas pelos conhecimentos, valores e crenças culturais dominantes de um mundo pré-configurado pelas práticas da linguagem”. Se por um lado nossa cultura com seus valores e práticas configura nossas narrativas, por outro lado, nossas narrativas, uma vez estabilizadas, constroem nossa cultura.

Da articulação teórica e técnica destes dois campos do conhecimento, o Sociodrama e o Construcionismo Social, através do Sociodrama Familiar Sistêmico, as abordagens Sistêmica e Psicodramática, darão sustentação às histórias individuais e da família, na construção da visão de mundo, salientando que a “*realidade não é única*”, “*objetiva*”, ou “*está aí*”, mas é “*algo que produzimos e algo que pode mudar também*” (Monk et al. apud Fiel, 2006). O Sociodrama, busca o conhecimento da realidade no “aqui e agora”, por meio de respostas espontâneas e criativas com o método de concretização pela dramatização do drama social. O Construcionismo busca o intercâmbio entre as pessoas, derivados dos relacionamentos sociais, com o método da externalização do problema onde o processo de compreender resulta de uma ação cooperativa de pessoas em interação (Grandesso, 2000). A relação entre a Teoria Sistêmica e o Sociodrama Familiar, tem como vantagens a fundamentação das técnicas psicoterápicas de ação, enriquecendo o significado que o terapeuta atribui ao material do uso da técnica e o processo de mudança do sistema familiar (Seixas, 1992). Do ponto de vista teórico a contribuição da Circularidade¹¹ e a linguagem sistêmica enriquecem o Sociodrama por meio de uma nova maneira de ler as sessões. O Sociodrama, por outro lado, torna mais acessível à exteriorização dramática do intrapsíquico, possibilitando um trabalho em dois níveis, o intra e interpsíquico.

“O psicodrama pode ser considerado um meio para multiplicar perspectivas e tornar acessíveis formas múltiplas de definir os fenômenos. Ele é co-construído (Anderson, Goolishian & Windermant, 1987) pelo protagonista, pelo diretor e pelo grupo, e permite explorar uma multiplicidade de possíveis cenários. Ele se baseia na ação, e permite experimentar o comportamento em níveis diferentes e vê-lo de muitos ângulos tanto pelos observadores quanto pelos sujeitos da ação” (Farmer, 2004, pág 18).

¹¹ A característica do padrão de interação em um sistema

Laurice Levy (2003) resumiu esta nova visão de mundo, colocando que:

*“na visão sistêmica, a consciência de que em um sistema (seja qual for) **todos** os membros envolvidos no sistema influenciam e são influenciados; o sistema vivo nos obriga a aceitar as incertezas. Morrem os dogmas e as surpresas aparecem. Há circularidade: perceber que ao se modificar um foco sistêmico, logo surgirão outros focos; como consequência da circularidade, fica mais difícil basear-se em uma leitura linear de causa e efeito; abre-se, desta forma, um leque de opções. Surge um horizonte de eventos que nos leva a ampliar o nosso olhar; caminhamos assim para um mundo de possibilidades onde temos que “ver” que não vemos tudo; acreditar no eterno devir. Abandonar a crença em um destino imutável. A espontaneidade e a criatividade surgem como peças indispensáveis para lidar com a vida; parar de procurar **a verdade**. É preciso desistir da idéia de que possa existir uma única realidade para compreender o mundo, as pessoas e suas questões. Para isso é preciso uma grande dose de flexibilidade; retomar o nosso lugar no mundo observado, entendendo que a realidade é co-construída, dependendo do olhar do observador, do contexto e das variáveis que influenciam o seu surgimento; compreender que a subjetividade do observador é aceita pela ciência como um fator primordial, conforme pesquisas feitas em laboratório; por isso, é preciso valorizar e utilizar a figura do observador para entender qualquer fenômeno estudado; uma vez que a neutralidade é impossível, assumir a responsabilidade das escolhas em nosso “estar no mundo”; abandonar a visão simplista (micro) em prol de um pensamento complexo (macro); deixar de lado a análise de uma única perspectiva privilegiada... já que esta não existe; surge a idéia de um holismo que integra muitas variáveis; trazendo como consequência a possibilidade de complementação de polaridades”*(Levy, 2003: p. 17).

O Sociodrama familiar sistêmico, fundamentalmente trabalha na interação entre as pessoas, fortalecendo o grupo em si mesmo, potencializando a comunicação e reduzindo focos de tensão. Compartilhar a própria experiência e enfrentar diretamente ou indiretamente a ira, ansiedade e culpa quase sempre associado às lembranças traumáticas permite a muitas pessoas confrontar de forma eficaz suas lembranças, suas emoções e integrá-los em sua vida cotidiana. Concebe-se a terapia familiar “com o objetivo de propiciar uma visão diferente, nova, das realidades interno-externas” (Fonseca, 2000).

9.2 Sociodrama Familiar Sistêmico

Utilizaremos a terapia familiar sistêmica e o psicodrama, por meio do Sociodrama Familiar Sistêmico.

O Sociodrama Sistêmico considera a família em tratamento, como um sistema, um todo organizacional e como já foi citado anteriormente, constituindo o que Bentovim (2000) denominou “*sistema organizado pelo trauma*”. Esse sistema faz tentativas constantes de elaboração do trauma e busca maneiras de sobreviver numa sociedade que reproduz a insegurança, a violência e a impotência.

O Sociodrama Familiar Sistêmico, considera:

“(...) a família é um sistema aberto, mantendo interação constante com o social. (...) Por isto, dizemos que o sociodrama trabalha ao mesmo tempo com os três contextos: grupal (elementos da família presentes na sessão, mas a equipe terapêutica), contexto dramático (pessoas que participam da dramatização naquela sessão) e contexto social (pessoas, elementos, idéias, etc, que os presentes trazem à sessão, oriundos do meio social em que vivem e também através do co-inconsciente familiar), mantendo uma interação intra-sistêmica e social permanente” (Seixas, 1992, p.128).

Nas sessões de terapia familiar identificamos três fases básicas:

- 1- Aquecimento – consiste em procedimentos que permitem estabelecer contato uns com os outros e de onde surge o tema grupal, o tópico central da ação. Serve para colocar o sistema em movimento, criando condições para que ele se revele. O pesquisador/diretor apresenta a metodologia de trabalho e pode utilizar técnicas específicas. Pode-se subdividir o aquecimento em: aquecimento inespecífico (acima descrito) e aquecimento específico, onde se prepara a ação sociodramática ou a narração. Trabalhamos com as questões trazidas pelas famílias e identificávamos o que iríamos trabalhar;
- 2- Dramatização - ação dramática, onde cada um pode se deparar com seus papéis; onde se concretiza e observa as inter-relações. A Dramatização é a produção dramática dos processos emocionais da família com o compromisso de “tornar o conhecimento objetivo e a verdade como resultados das várias perspectivas dos integrantes da família,

onde as diferenças coexistem e são legitimadas” (Zampieri, A., 2002 p. 148). Utilizamos várias técnicas como; duplo, espelho, inversão de papéis, escultura;

- 3- Compartilhar – onde se compartilha o que se sentiu, pensou e vivenciou e se elabora. Os comentários no final visam um compartilhar destas vivências e a possibilidade de articulação entre o vivido e a realidade objetiva, de “reflexão das emoções, das idéias e pensamentos surgidos na etapa anterior. Nesse compartilhar, o conhecimento co-construído é elaborado e sistematizado” (Zampieri, A., 2002: p. 148).

Estas etapas acontecem dentro do atendimento da família, não existindo bastidores. O pesquisador é membro co-participante. Os dados de observação que o pesquisador obter durante as entrevistas também farão parte do material de análise.

Trabalhamos durante as sessões com “tarefas” para elaboração do trauma baseadas nas propostas de Pauline Boss (2001):

- 1- Confrontar-se e aceitar a realidade da perda;
- 2- Reconhecer as emoções que surgem com a perda;
- 3- Adaptar-se à vida sem a presença da pessoas ou coisas que se perdeu;
- 4- Reinvestir as energias emocionais em um novo projeto de vida que leve as pessoas a concentrarem-se na vida e nos vivos.

O Sociodrama Sistêmico adota técnicas entrelaçadas das duas teorias. O “drama” é vivenciado por todos, em um novo contexto e portanto são histórias re-contadas, co-criadas. A ação pode situar as palavras assim como as palavras podem ser o indicador para a ação: se o conteúdo de uma narrativa for palavras, então a ação é o processo e vice-versa. É preciso ressaltar que não utilizamos técnicas dramáticas em muitas das sessões, tendo trabalhado com questões interventivas.

No sociodrama familiar pensamos na interação das pessoas levando em conta o momento, por meio das características das relações (coalizões, expulsões, alianças, superenvolvimento) e das formações diádicas, triangulares e as tele-relações.

O trabalho terapêutico é um elemento provocador de mudança, pois cria um novo contexto às situações vivenciadas. A narração de suas vidas tem um final aberto: as ações vividas e os acontecimentos futuros tendem a ser incorporados na trama presente, no “aqui e agora”. “O que se faz significativo e interessante é o modo como ocorrem as conexões entre os eventos. As histórias de nossa vida falam da interação entre o previsível e o inusitado, a matéria-prima da comédia e da tragédia” (Farmer, 2004, p.26).

Os membros da família desse modo devem ser compreendidos em sua particularidade vivencial, em que cada membro da família expressa o seu modo de ver o trauma e a repercussão na vida dele mesmo. É nessa perspectiva de que a família e seus membros estão em constante troca e interação que propomos a existência de um espaço de ação-dialógica em que se possam construir histórias e dar outros significados às suas experiências.

Podemos concluir que há dois assuntos centrais na abordagem deste “luto” após o seqüestro: a escuta clínica e a possibilidade de se proporcionar o espaço onde se permita desconstruir, reconstruir e construir sua própria história de uma maneira mais crítica, reflexiva e funcional. Quando se adota o modelo do luto, é importante saber que não se trabalha com uma única perda, a última, mas que implica em um processo em que se realçam diversas perdas nas quais não se tinha dado conta e que muitas vezes são obstáculos para resolver a perda atual.

A abordagem dos conflitos vivenciados e narrados pelos seqüestrados e suas famílias podem propiciar o Fim do Silêncio. Entendemos que uma compreensão e uma identificação da violência sofrida quer pelo indivíduo, quer pela família, instituição ou sociedade, poderiam não só favorecer intervenções, para novas construções de relacionamentos, como também seriam úteis para justificar programas sociais.

9.3 Participantes

Participaram desta pesquisa 02 famílias com indivíduos que passaram pela situação de seqüestro com cativo. As famílias eram compostas respectivamente por Família I: pai, mãe e filha e Família II: pai, mãe, filha, filho e namorada do filho. Busquei pessoas independentemente de sexo, raça, classe socioeconômica, e que tinham o diagnóstico de Estresse Pós-Traumático. As famílias participantes foram a mim encaminhadas, após diagnóstico psiquiátrico e/ou psicológico de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático) e foram atendidas em local e horário pré-determinado pela pesquisadora, de acordo com a conveniência dos entrevistados.

Todos os participantes foram informados sobre a pesquisa e a pesquisadora e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3), onde consta, o título da pesquisa, o procedimento de investigação, o número de encontros, a não obrigatoriedade do participante a dar continuidade na participação da pesquisa, a qualquer momento, a autorização da utilização dos dados por eles fornecidos como elementos de estudo nesta dissertação e em publicações posteriores, ou apresentados em Congressos Científicos, tendo o direito à privacidade, assegurando-lhes a não identificação. Foram também alertados sobre o risco mínimo deste procedimento, sendo-lhes esclarecido que os encontros iriam ser gravados e após serem transcritos seriam apagados. Foram informados sobre o local em que poderiam ter acesso a esse estudo e aos resultados obtidos. Desta forma, aspectos éticos foram garantidos.

9.4 Instrumentos e Procedimento.

Foram realizadas 08 sessões, semanalmente, de uma hora e trinta minutos com cada família. Os encontros aconteceram com hora, local e dia pré-determinado.

Tendo obtido a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, dei início à coleta de dados, por meio de sessões de Sociodrama Familiar Sistêmico.

As famílias foram convidadas a participar destes encontros, após avaliação de equipe psiquiátrica e psicológica, que as encaminharam com o diagnóstico de TEPT.

A pesquisadora entrou em contato com as famílias, por telefone ou pessoalmente, agendando o primeiro encontro.

Foram convidados todos os membros que os familiares acharam pertinentes à pesquisa, sendo aqui considerado família, como observa Pauline Boss (2001), um grupo íntimo de pessoas com que se pode contar, realçando o critério psicológico e não o biológico. Não foi obrigatória a participação de todos os membros convidados, ocorrendo as sessões com as pessoas presentes no dia marcado.

As sessões foram gravadas em áudio, mediante autorização prévia da família. Posteriormente, foi realizada a transcrição literal¹² das gravações¹³ e também os dados de observação obtidos durante os encontros, que constituíram o material de análise. Vale lembrar que todos os nomes que apareceram nos trechos utilizados das sessões são fictícios.

¹² Transcrições apresentadas em anexo (Anexo 4)

¹³ Algumas gravações não puderam ser transcritas, pois ocorreram problemas na aparelhagem.

10. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS SESSÕES

A análise das sessões é uma tentativa de promover um diálogo entre a teoria aqui exposta e o material obtidos a partir das sessões do sociodrama familiar sistêmico.

As narrativas, as cenas vividas, as observações e as referências teóricas, foram geradoras dos temas que constituíram a base dos eixos norteadores e assim, a discussão final, uma reflexão deste conhecimento co-construído, pois a pesquisadora também é participante.

Os assuntos foram organizados em temas, identificados dessa forma por permitirem estabelecer relações entre eles e dar sentido ao material coletado. Durante a leitura das sessões procuramos elementos no discurso da família que estivessem relacionados com:

- a) compreensão na perspectiva dos familiares, do que significou esta experiência (trauma, seqüestro, TEPT);
- b) organização familiar, as mudanças na vida familiar, as mudanças na vida de cada membro da família, o sistema organizado pelo trauma, a perda ambígua;
- c) as soluções para os conflitos, traumas, e;
- d) o sociodrama familiar sistêmico e as dinâmicas relacionais familiares para o Fim do Silêncio.

Realizei então, a escolha de momentos marcantes e distintos de cada família para depois analisá-los em relação a estes assuntos centrais.

Ilustraremos com trechos das sessões (Anexo 4) nos quais aparecem as falas da família e com algumas cenas dramatizadas, que serão citadas. As falas foram identificadas pela codificação Família I e Família II, pelos nomes dos familiares (nomes fictícios) e o número da sessão. Entendemos que esta seria a forma mais fiel de reproduzir as falas e cenas das famílias, a fim de que o leitor possa acompanhar as construções resultantes.

10.1 *Compreensão na perspectiva dos familiares, do que significou esta experiência (Trauma, Seqüestro, TEPT):*

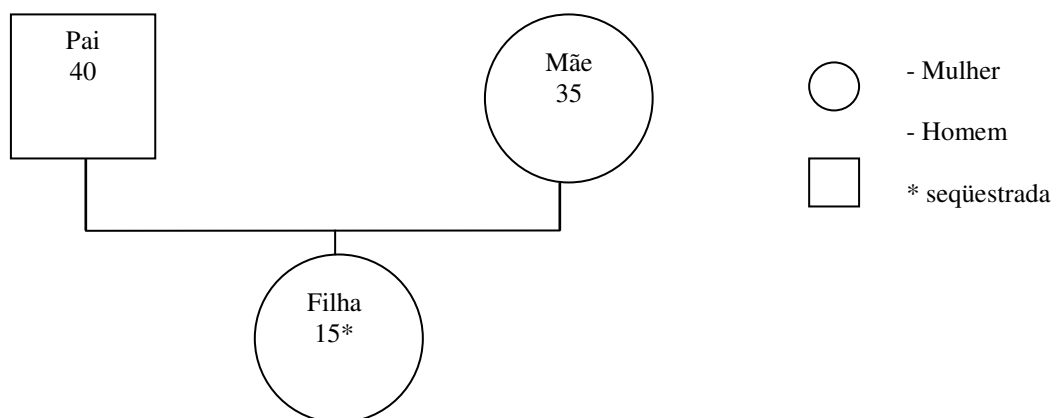
Subdividirei este item em dois momentos: em um primeiro momento farei um resumo das histórias do como ocorreu o seqüestro com as duas famílias e depois uma análise do impacto destas histórias.

10.1.1 *Resumo das histórias:*

Este histórico familiar foi retirado da 1ª sessão com as famílias. Esta sessão não pôde ser gravada, pois foi neste encontro que foi realizada a proposta e a aceitação de participação desta pesquisa.

Pudemos obter, após análise da primeira sessão, uma série de informações de todas as etapas, já descritas (p. 51 desta dissertação), geradoras desta crise como: a captura e a notícia do seqüestro, o cativeiro, o período de adaptação e negociação, o desenlace através da libertação, e o reencontro familiar, que gerou o encaminhamento para esta pesquisa. A última etapa, a superação do trauma, é a proposta desta dissertação.

Família I: João, Maria e Clara.



Genograma 1 – Família I
Fonte: Elaboração própria

Família constituída pelo pai – João, 40 anos. Trabalha em uma repartição pública São Paulo. Ficou afastado por dois meses do trabalho por problemas de saúde após 3 meses do seqüestro. A mãe – Maria, 35 anos. Trabalha como professora primária na rede municipal de São Paulo. Ficou afastada por problemas de saúde três meses após o seqüestro. Estava fazendo uso de antidepressivos. A filha – Clara, 15 anos, estudante, seqüestrada.

Família de classe média, residente em bairro afastado do centro de São Paulo, em casa própria.

Clara ficou seqüestrada por 64 dias em cativeiro. Foi seqüestrada junto com seu namorado Francisco, em frente a uma escola particular, onde ocorrera um baile de formatura. Relatou que ao saírem no portão para ligar para o pai do namorado ir buscá-los, um carro, Corsa, encostou, dois rapazes desceram, com arma na mão e mandaram eles entrarem. Ela tentou correr, mas foi ameaçada e jogada para dentro do carro. Logo que entraram no carro, mandaram que abaixassem e jogaram um pano por cima, mandando-os “*calar a boca, quietinhos*”. Uma das pessoas perguntou a eles se sabiam o que era um seqüestro, pois a partir daquele momento, eles iam ver como era, e deu risada.

Clara relata que demorou a entender o que estava acontecendo e ficou quieta, esperando. Ficaram andando de carro por muito tempo, enquanto os seqüestradores iam perguntando sobre as suas famílias, se tinham bens, aonde moravam, se podiam pagar resgate, dinheiro no banco, imóveis, ou outras coisas a mais. Relata que os dois respondiam que os pais podiam pagar, e com medo ela contou que o pai tinha como conseguir dinheiro, o que não era uma realidade. Depois de rodarem por muito tempo e com todas as informações colhidas, os seqüestradores pararam o carro perto de uma casa, em um beco. Os seqüestradores os mandaram ficar esperando dentro do carro e não fazer nada. Segundo Clara, demorou muito e já estava quase amanhecendo, quando apareceu um dos seqüestradores com uma mulher e disse: “*são aqueles ali*”. Foram vendados até um barraco onde ficaram em cativeiro, permanecendo amordaçados e algemados. Quando chegaram encontraram uma moça que estava neste mesmo cativeiro, há 30 dias. Ela contou que tinha sido seqüestrada da mesma forma que eles e que os seqüestradores iriam cortar os cabelos deles, o que aconteceu, rasparam os cabelos deles no mesmo dia. Clara diz que não teve reação alguma, pois não tinha o que fazer. Mudaram de cativeiro algumas vezes e foram cuidados por diversas

pessoas, inclusive por uma mulher com crianças, que Clara ajudou cuidar. Foram levados a passear por dentro da favela, *“para ver como é”*. Clara relata que quase não comia e que quando comia, muitas vezes era farinha com água, raramente uma marmita. Foram muito ameaçados, pois diziam que os pais não queriam saber deles, não queriam pagar resgate. Em momento algum soube de detalhes da negociação, mas sabia que estavam sendo feitas pela forma que eles os tratavam, ora agressivos, ora compreensivos. Um dia sem nenhuma explicação, chegaram dizendo para se preparem que eles iam embora para casa. Foram encapuzados, os três, e soltos muito perto da casa dela, em frente a um restaurante japonês muito conhecido na região. Mandaram eles esperarem uma hora e depois ligar para os pais e se despediram dizendo: *“a gente se vê por aí”*. Clara voltou para casa 6 quilos mais magra e com a cabeça raspada.

Os pais João e Maria relataram que nunca imaginaram que um seqüestro poderia acontecer com eles, pois são pessoas simples. Com o namorado Francisco, *“isso eu tinha certeza, porque eles ostentam muito. A gente mora perto um do outro, bairro simples e o cara fica se demonstrando, carro do último tipo, sabe aquele tipo caminhonete, chama atenção”* (pai de Clara, João). Relataram momentos de muita tensão, desde não saber o que tinha acontecido com a filha, até o momento do retorno.

“Ficamos esperando ela voltar, já que era a mãe do Francisco que ia buscar, pelo menos foi o combinado. Estava demorando muito, quando o pai do Francisco me liga perguntando se era eu que ia buscar. Bom já começou tudo, aquela confusão. Liga para um, para outro, e nada. Os amigos dela diziam que os dois tinham saído juntos do baile e que voltariam de carona com alguém, mas ninguém sabia direito com quem. Aquela noite eu acordei muitos pais. Quando eu vi que ninguém sabia direito, chamei um primo que é policial e fomos atrás deles. Aí veio a notícia, pelo pai do Francisco que eles tinham sido seqüestrados. Bom o mundo acabou, minha única filha...” (pai, João).

“Foi muita confusão na nossa vida, entre a gente, era um monte de informações de todos os lados e nenhuma que respondia a minha questão: a minha filha” (mãe, Maria).

Os pais relataram, também que os seqüestradores pediam valores altíssimos, impossíveis de se ter.

“A polícia foi avisada e eles nos ajudaram muito, mas também nos pediram uma coisa que foi horrível. Fomos morar na casa dos pais do Francisco, pois como eram eles que tinham dinheiro e também era para ele que os seqüestradores ligavam, a polícia quis centralizar as informações. Aí foi o meu segundo inferno” (mãe, Maria).

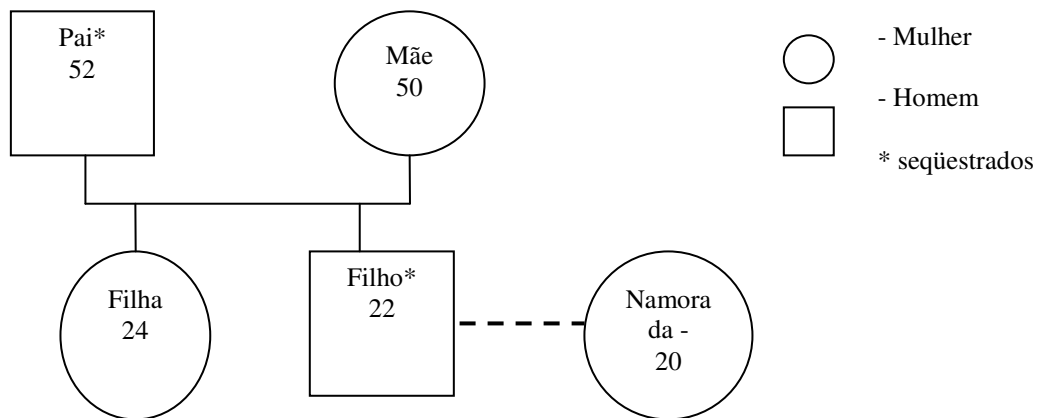
Segundo o relato dos pais, eles passaram a dormir, comer, conviver com esta família que nunca tinham visto, já que o namoro dos filhos era recente.

“Eu nunca tinha visto nenhum deles, e era uma grande confusão. Se eu não fazia comida ninguém comia e além de tudo chegavam um monte de parentes deles para comer. Nós nos tornamos os empregados da casa, e eu não sou e não queria ser louco como eles. Eu só chorava. Tinha dias que eu era tão louca como eles, berrava que não agüentava mais, aí um acalmava o outro. Foi horrível. A gente só brigava” (mãe, Maria).

Depois de muita negociação, o resgate foi pago e os dois foram devolvidos.

O seqüestro aconteceu 6 meses antes da procura por ajuda médico-psicológica, pois logo depois Clara ficou bem e os pais também. ‘Ela nem parecia ter passado por toda aquela violência’ disse a mãe. Depois de aproximadamente dois meses, Clara começou apresentar alguns problemas: não dormia direito, tinha pesadelos, ficou mais agressiva e rebelde e os pais não estavam bem nem fisicamente nem emocionalmente. O namorado Francisco também buscou ajuda terapêutica. Após avaliação psiquiátrica e psicológica de TEPT, foram encaminhados para Terapia Familiar.

Família II: José, Antonia, Lia, Júnior e Melissa.



Genograma 2 – Família II
Fonte: Elaboração própria

Família constituída pelo pai – José, 52 anos. Dono de uma empresa de construção industrial no interior do Estado de São Paulo. Foi seqüestrado junto com o filho, ficando em cativeiro por três dias. Não apresentou nenhum quadro sintomático após o evento. Voltou a trabalhar assim que o filho retornou. A mãe – Antonia, 50 anos. Dona de casa. Apresentou problemas de saúde após 6 meses do seqüestro. A filha – Lia, 24 anos, casada, trabalha na empresa do pai. Começou a ter sintomas físicos e emocionais depois de 4 meses do seqüestro. O filho – Júnior, 22 anos, estudante universitário, trabalha na empresa do pai. Ficou afastado do trabalho, pois “*não conseguia ir ao local onde foi seqüestrado*” por 4 meses. Apresenta muitos sintomas físicos e emocionais. Namorada do Júnior, Melissa, 20 anos, estudante universitária, iniciando estágio em órgão público. Ficou morando com a família durante o seqüestro do namorado e vem apresentando muitos problemas emocionais: não consegue sair de casa sozinha, dificuldade para dormir, entre outros sintomas.

Família de classe média alta, residindo atualmente em condomínio residencial fechado, para terem mais segurança. A mudança para este condomínio aconteceu de forma rápida e abrupta: “*não voltei mais a morar na minha antiga casa depois do seqüestro*” relata Antonia (mãe de Júnior).

Júnior ficou seqüestrado 33 dias em cativeiro e foi libertado após dois pagamentos de resgate. O seqüestro aconteceu em uma cidade no interior de São Paulo.

Segundo Júnior dois homens armados com pistolas renderam a empregada doméstica da casa, quando ele e seu pai estavam saindo de carro para o trabalho. A empresa ficava ao lado da residência e eles tinham o hábito de tirar o carro da garagem da casa e colocá-lo no pátio da empresa para depois visitar as obras. Júnior diz que os seqüestradores sabiam de todos os movimentos da família e da empresa, pois ficaram por meses observando-os através de um furo no orelhão da esquina de sua rua. Fingiam que estavam falando ao telefone e observando o movimento.

O pai, José, foi seqüestrado junto com o filho e ficou em poder dos seqüestradores por três dias, mas foi libertado para negociar o pagamento, pois só ele poderia conseguir o dinheiro do resgate.

Júnior descreveu que ambos foram encapuzados e amordaçados logo que entraram no carro. Ficaram rodando por muito tempo e só mandavam eles não falarem nada. Não consegue lembrar quanto tempo ficaram no carro até o cativeiro. Em momento algum eles retiraram as vendas. Palavras, palavrões, empurrões e chutes foram dados. Os seqüestradores nada perguntaram, pois sabiam muito de sua família. Eles só falavam que eles tinham muito e agora tinham que dividir. Segundo Júnior, ele ficou assustado com as informações que os seqüestradores tinham da vida deles: *“eles sabiam de tudo, todos os detalhes”*.

Descreve que um dos momentos mais fortes, durante o seqüestro, foi quando o pai foi embora por dois motivos: um que ele não sabia se o pai seria morto ou não e outro que nos três dias que *“viveram este terror”* eles puderam recuperar uma relação de pai e filho que estava muito desgastada. *“Foi no momento mais difícil da minha vida que realmente eu vi o quanto meu pai gostava de mim e eu era importante para ele e ele para mim”* (Júnior).

Júnior passou por vários cativeiros, sofreu tortura psicológica: ameaça à própria vida, a vida da família, uma falsa indiferença familiar, ficou muito tempo sozinho, sem contato de ninguém, passou fome, chorava muito.

A família ficou toda junta em casa. Não saiam para nada. A firma ficou parada. Segundo a mãe, Antonia, eles ficaram muito fortes, pois *“ninguém queria mostrar para o outro que estava fraco”*. Ainda segundo ela, todos estavam muito abalados, principalmente o pai, que estava em estado *“desesperador; ele era um homem transtornado, não dormia, não comia, não fazia mais nada, só dizia que queria o filho de volta”*. Ela colocou que o pai queria vender tudo para resgatar o filho.

Após 19 dias do início do seqüestro, mesmo a polícia pedindo para que não pagasse nada, o primeiro pagamento foi feito, com a promessa de que Júnior seria solto após três dias, o que não aconteceu. Voltaram a fazer contato com a família dizendo que foi pouco e que *“se conseguiram aquele valor podiam conseguir mais”*. Um segundo resgate foi feito e depois de 33 dias, Júnior foi libertado em um bairro na capital paulista.

Júnior apresentou muitos problemas desde o retorno: ficou depressivo, agressivo, não dormia, chorava muito, não comia, muito medo, entre muitos outros sintomas. Procurou ajuda médica e psicológica após dois meses do seqüestro. Relatou que mesmo assim não conseguia se sentir bem. A família não sabia mais como lidar com as crises de Júnior. Resolveram procurar ajuda sendo encaminhados para Terapia Familiar após avaliação de TEPT.

10.1.2 Análise do impacto¹⁴:

Os relatos dos familiares e das vítimas vão nos dando a noção do horror vivenciado durante o processo todo. A violência, a agressão pessoal e interpessoal, a ameaça à vida, à integridade física e a sensação de insegurança produziram uma resposta emocional nestas pessoas, o Transtorno por Estresse Pós-Traumático. O seqüestro foi tão estressante, que caracterizou a situação de trauma psíquico.

As famílias vão nos descrevendo sentimentos, emoções, sensações. Na Família I a sensação de ter sido vítima¹⁵ provocou o não saber o que fazer e como se encontrar, ficando evidenciado nas falas de João e Maria.

¹⁴ Grifarei nas falas das famílias as partes mais relevantes para a compreensão desta análise.

¹⁵ O conceito de vítima usado neste trabalho está esclarecido na página 5, nota de rodapé.

Pai: Bom o mundo acabou, minha única filha... (1ª sessão)

Mãe: Não, eu acho que a gente somos vítimas de nós mesmos... Eu não vejo a gente vítima. Eu vejo a gente vítima da gente mesmo, no sentido que a gente está perdido no meio disso. (2ª sessão)

Pudemos também observar que para a Família II, o medo foi evidenciado pela mudança nos hábitos, quando a mãe, Antonia, descreve não querer voltar para casa onde ocorreu o seqüestro e quando o filho fala sobre o pai não querer mais usar o carro que usavam no dia:

Mãe: Eu não quero nunca mais voltar para aquela casa, o meu sogro vive pedindo e eu falo para o José convencer, falar para ele, ele é de idade, não entende bem as coisas. Eu estou muito nervosa e não estou conseguindo cuidar do velho. Ele não entende que depois do que aconteceu não volto lá de jeito nenhum. Fiquei traumatizada... (1ª sessão)

Filho: Ele não quer mais usar o carro (fala sobre o pai). Não tira da garagem, tem medo. Eu falei, então vende esta porcaria, vai ficar aí parado, só me faz lembrar do que aconteceu, vende esta porcaria de uma vez.(1ª sessão)

A necessidade de se encontrar uma segurança, algo em que se possa agarrar, também criou na Família II, entre o filho, Júnior e a namorada, Melissa, propostas de mudança na relação e hábitos tão simples como usar uma calça jeans:

Filho: Eu quero saber de tudo, ela não pode não atender ao telefone. Até comprei este só para falar com ela (fala do telefone da namorada). Se ela não me atende enlouqueço, fico desesperado... (1ª sessão)

Namorada: Eu não coloco calça jeans, porque fica apertada e chama a atenção e eu não quero chamar atenção... tenho medo das pessoas na rua, no ônibus... (1ª sessão)

O seqüestro provocou uma mudança no estilo de vida, nas rotinas, nas relações, nos planos, na relação com o tempo, na qualidade de vida. É um outro inimigo silencioso que se generalizou, expressado agora em alterações somáticas, no estado de ânimo, nas relações distorcidas e em uma gama de alterações da saúde em geral. O pai da Família I, João, relatou

que vem fazendo exames médicos, pois apresentou dores no peito, alterações no sono, não consegue se concentrar e os resultados foram todos negativos:

Terapeuta: E aí, os seus exames? ...

Pai: Não deu nada. Nada, nada, nada, nada. Graças a Deus.

Terapeuta: Que bom!

Pai: Agora vou procurar um neuro, né? ... Ele mandou eu procurar um neuro. Vou marcar essa semana.

Mãe: Nessa parte é importante a cabeça. Eu já achei que não pode [dá risada]

Pai: Mas não deu nada, nada, nada. Tireóide testosterona, triglicérides. Fiz o eletro, fiz o holter.

Mãe: O doppler... holter de novo.

Pai: Duas vezes.

Mãe: Eu falei acho que doppler [dá risada]

Mãe: Um aqui, outro aqui.

Pai: Fiz a...a esteira. Nada, nada, nada. Mas, nenhuma alteraçãozinha, nada.

Terapeuta: Aí você volta a trabalhar? Ou eles te dão...

Pai: Eu entro de férias. ... Vou sair à semana que vem. [mãe ri] É. Por mim eu não... Eu falei pra você. ... Eu perdi a vontade de trabalhar.

(2ª sessão)

A mãe, Maria, assim como acabou de colocar o pai, fala desta dificuldade no trabalho e também da síndrome de pânico que já tinha sido diagnosticada anteriormente:

Mãe: Aí tem um dado ruim, para mim que é o meu trabalho. Quer dizer, a luta que eu faço para conseguir estar lá, mesmo não tendo qualidade. Não é na qualidade, é não dar conta. ... Não, eu vou ter que ir, eu vou ter que dar conta. Sabe? Eu vou ter que ir a fundo e...

Pai: Tem que ser agora.

Mãe: É a luta contra o trabalho, que é a consequência da síndrome.

(5ª sessão)

Na Família II a doença se concretiza na diabete, depressão e estresse da mãe. O nervosismo do filho é identificado pela família como um problema emocional muito sério.

Filha: Então, e aí agora ela tava achando que ela tá com diabetes (fala sobre a mãe). Mas... Antes ela tinha mesmo. Agora ela... Então assim,

eu acho que ela fica caçando algumas coisas para fugir um pouco dos problemas, né? O foco muda, né? Quando ela tá com alguma doença. A doença é o foco.

Filho: A doença é o foco (3ª sessão).

Mãe: Então, agora eu vou esperar os resultados dos exames, tudo, ver se é mesmo diabetes, porque antes era um pré-diabetes. E não é todo o motivo dessa magreza minha. Eu emagreci... Eu tô, eu tinha cinqüenta e nove quilos, e tô com cinqüenta. Eu emagreci nove quilos desde que... E, ela disse que é da depressão, que eu tô com um estresse muito forte, né? E agora, esse assunto né, que tá deu aí que eu tô. (6ª sessão)

Filho: Nossa, eu fiquei mal ontem eu tava... Nossa senhora!

Terapeuta: Subindo pelas paredes?

Filho: Tava muito irritado. ...

Filho: É, eu não... Ninguém podia falar comigo, se conversasse cinco minutos, já era motivo já para brigar e já... arrumar algum problema e já ficar nervoso. (4ª sessão)

*Filha: Agora, é, é, agora ele ficou descontrolado
(fala sobre o irmão na 6ª sessão).*

As mudanças de comportamento chamam a atenção e provocam discussões e incompreensões. João e Maria (Família I) relatam com muita emoção a mudança de Clara, quando perceberam que a filha não é mais a “*menina obediente*”, “*cheia de frescurinha*” de antes do seqüestro, para uma menina “*rebelde*”, com atitudes fora do padrão esperado por eles.

Pai: E não falava, né? Ela nunca foi. Ela era toda... cheia de frescurinha. Mudou muito. Mudou completamente (falando da filha). (2ª sessão)

Pai: Além de ser inédito, né? Foi essa mudança... de cabeça, de pensamento. Isso acho que mexeu muito, né? ... Isso bagunçou muito, o seqüestro em si. É uma...

Mãe: Uma agressão.

Pai: Tá é louco.

Terapeuta: E vocês acham que mexeu o que nela? ...

Pai: Mudou a personalidade. Mudou o jeito. (2ª sessão)

Pai: Ela mudou bastante, uma menina muito obediente, pôs óculos, pegou o carro... Óculos escuro cobriu a cabeça,... e batom, com uma touca.

Mãe: Que é? Louca? Com um calor desse!

Pai: Sabe o que pareceu? É tudo que a gente não gosta.

Pai:... Porque é o que eles gostam: é óculos escuro, é rap, esses funk, esses raio dessas músicas aí.

Mãe: Cacunda, andar de moto, a gíria. Ela não para de falar gíria. (2ª sessão)

Os pais de Clara (Família I) se deram conta de atitudes que prejudicavam a filha, a super proteção e que foi aumentada depois do seqüestro. A seqüência a seguir ilustrará os momentos em que os pais vão se dando conta deste movimento:

Pai: E o meu medo de tudo, e que todo mundo que tinha medo e comentava. ... Se é um moleque de rua... um moleque, meu filho, mas é... mais espertinho. Meio que conhece um pouco da malandragem, alguma coisa assim, tudo bem. Mas a Clara não conhecia nada. Então, todo mundo me falava: “Meu, e a sua filha?” Todo mundo a família toda. “Ela não sabe nada de malandragem, de ela não sabe nada”. (2ª sessão)

Mãe: Então, aí quando a gente fala. E aí, o que a gente faz? “Mãe eu vou na casa do fulano, que é no condomínio do lado.” “Eu levo” “Mãe, daqui a ali...” “Não interessa, eu levo.” Né? Ou então: “ Me liga quando chega”. Né? Mas aí, eu já não fico sossegada, já quero levar, quer dizer. Será que eu não tô sufocando mais? Será que eu não, sempre ela não foi dependente? Né? Porque a gente sempre agiu por ela, a gente sempre decidiu por ela. Porque a Clara sempre foi assim, a gente ditava, ela fazia e... paparicava. (2ª sessão)

Mãe:... Porque ela fica contra a gente. Qualquer coisa que não esteja do jeito dela. Não foi a gente que fez. Mas, o primeiro que aparecer na frente pra falar, ela saí, saí soltando os cachorro, né? E aí fica um. Quer dizer, eu fico fazendo de tudo pra agradar. Eu tento comprar o quê é melhor, dar o quê é melhor. De repente, comprar e dar não é o melhor...

Pai: Eu me preocupo com ela. Vou falar não. Tem que saber que pra certas coisas o não é não. E o não, tá sendo difícil. Esse é o problema. O não, tá sendo, tá sendo difícil. (4ª sessão)

Ao mesmo tempo em que sofrem, aparecem forças e comportamentos inesperados. Vamos observando o aparecimento de características entre as pessoas que os outros não suspeitavam e que são vistos como surpresas para eles mesmos. O pai, José, na família II, que é visto pelos familiares como um homem que só trabalha, um homem rígido, fica sem trabalhar durante o seqüestro, “*desesperado e transtornado*” como relata Antonia. Propõe depois uma mudança na rotina, nos hábitos: “*Ah, agora eu vou a pé, vou tentar acordar mais tarde, tudo, sair...*”. A filha Lia, também percebe esta mudança: “*Não, ele tá mais ausente. Ele tá mais ausente*”(3ª sessão).

Outro momento deste comportamento inesperado é quando Júnior relatou que seu pai nunca tinha feito um elogio a ele, que só o fez em momentos extremos: “*Eu nunca tive. Eu tive uma semana antes do seqüestro. Primeiro elogio em toda a minha vida. Que ele tava já há dez dias viajando, né? Só que também eu tinha me acabado. Em dez dias eu tava completamente*”.(3ª sessão); e em um segundo momento, quando juntos no cativado, o pai fala da admiração e o amor que sente pelo filho: “*... choramos e nos abraçamos muito e meu pai disse que me amava e que ia fazer tudo por mim. Eu fiquei surpreso, mas feliz*” (1ª sessão).

A mãe, Antonia, que sempre demonstrava ser uma pessoa que aparentemente “*não estar nem aí com as coisas*”, também tem atitudes inesperadas, que fizeram a filha se surpreender:

Mãe: Eu sempre pensava desse jeito. Tudo o quê acontecia, eu, eu olhava, nem tava aí, sabe? Até acho que pensavam: “Deus ô livre, eu não estar nem aí com as coisas e tal” Eu ia fazer isso e me sentia bem. Mas agora, é que mudou muita coisa, né? Eu resisti tudo. Agüentei tudo, os reveses... E com força, com muita força. Muita força.

Filha: Eu até me surpreendi com ela. Porque eu fui assim... Nunca imaginei que fosse passar por uma situação dessas. Mas quando nós passamos, quando tava passando, eu falei: “Aí meu Deus do céu, e

agora? Eu vou ter que internar minha mãe, porque ela não vai agüentar.”.

Mãe: Até eu me admirei com o quê aconteceu comigo.

Filha: E no fim ela teve uma força assim que, admirável sabe? Ela resolveu o pai, ajudou eu, ajudou todo mundo. E agora ela precisa de ajudar ela, e as forças dela já foram embora, né? Então, agora que ela mais precisa se ajudar é a hora que ela tá, mais, cansadinha. (6ª sessão)

O impacto fundamental, a resposta ao estresse traumático do seqüestro, tanto no indivíduo seqüestrado como na família é o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Pudemos identificar este quadro clínico complexo nas duas famílias. Reviver o trauma, por meio de sonhos e de pensamentos, evitar comentar qualquer coisa que lembre o seqüestro, diminuição do interesse por coisas ou atividades significativas, irritabilidade e um sentimento de vazio foram algumas das características identificadas nas famílias. Os próximos trechos das sessões elucidaram estes sintomas.

Família I:

Pai: E ela fala muito. Ultimamente ela anda falando muito do seqüestro. Todo dia qualquer coisa, né? (2ª sessão)

Pai: É difícil, porque... tem horas que, que não dá, quer dizer. Que você tem que ficar policiando as palavras. ... Porque que nem eu: Fui falar dela, tava no telefone e fui fazer um comentário e falei: “Favela é onde você tava, não aqui”. Então, bateu nela e ela começou a chorar. No outro dia, sem querer eu falei não sei o que do cabelo. “Filha, tá bonito seu cabelo, filha não sei o que, seu cabelo tá bonito”. Aí eu olhei. Aí não sei o que ela fez que eu falei do cabelo. ... Ah, já não tá ficando mais de pé, não sei o que, que cresceu, né? “Corta de novo”... Aí ela já: “Corta de novo, corta cortinho de novo, passa uma máquina, passa gel, passa não sei o que pra ficar legal.” Então qualquer coisinha que você fala... (2ª sessão)

Pai: Além de ser inédito, né? Foi essa mudança... de cabeça, de pensamento. Isso acho que mexeu muito, né? ... Isso bagunçou muito, o seqüestro em si. É uma...

Mãe: Uma agressão.

Pai: Tá é louco.

Terapeuta: E vocês acham que mexeu o que nela? Quer dizer, ela mudou?

Pai: Mudou a personalidade. Mudou o jeito...

Pai: Eu não sei. Eu acho que trabalharam muito a cabeça dela, lá. (2ª sessão)

Família II:

Mãe: [...] Aí chegou lá no quarto, e falou para a gente: “Pai, eu não tô bem. Eu sonhei de novo que eu ia ser seqüestrado. E tem dia que eu tava melhor, que eu tava bem mesmo”. Aí eu fui, peguei uma água gelada assim, mas aí foi forte. Sentamos lá na cama, eu, o José. Conversamos com ele, demos conselhos, bastante. E a coisa foi, melhorou. Já deixamos ele lá na cama. (6ª sessão)

Filho: [...] Eu não sei o quê falar. Eu tô totalmente perdido, totalmente perdido! Eu não sei o quê eu faço, eu tô de uma forma que eu nunca tinha visto. (6ª sessão).

Mãe: E agora o sofrimento não me deixa. Ele assim, né, a gente queria que ele... [...] Não é? Esquecesse disso, tentasse esquecer, é, tirar isso... (6ª sessão)

Mãe: Ele faz duas semanas que ele pegou uma dor aqui no pescoço. [...] Ele tá com um problema no pé também. Fazem duas semanas que eu tô tentando. Marco e desmarco. Marquei no clínico geral: “Ah, mas eu acho que não é o clínico geral, eu acho que é neuro”. “Ah, mas eu acho que não adianta, né? Aí marca um dermatologista porque o meu problema maior é o pé. [...] Então é desse jeito. Toda hora ele chega: “Aí, eu não tô agüentando o meu pescoço!” “Vai ao médico José. Eu vou te levar. Vamos no hospital.” Esse daqui também falou: “Pai, o pai quer ir no médico? Eu levo o senhor lá.” Ele tava com a pressão alta. [...] E não, ele não quer. Ele não quer que você ensine ele, não sei o quê. Mas ele fala. (8ª sessão).

Uma situação interessante apareceu na família I quando descrevem situações sobre denunciar os suspeitos ou quem são os seqüestradores.

Pai: E nós não denunciemos, que é a primeira coisa quando ela veio, ela falou: “Pai, se tiver que reconhecer, eu não quero reconhecer ninguém, porque eles me trataram muito bem”. A primeira coisa que ela falou! Eu falei “Tá bom filha, esquece isso, tal, não sei o quê, né?”.

Mãe: É, mas nós não denunciemos entre aspas, né? Oficialmente, oficioso...

Pai: Foi feito um reconhecimento.

Mãe: Tanto é que acharam o cativo, porque não deve, não dá pra você... (2ª sessão)

Mãe: Tem uma coisa de pizza também, o cara da pizzeria. Eles não contam. Você viu que você pode espremer e eles não abrem a boca

Pai: O cara que entrega a pizza lá. Que eu acho que ouvi uma coisa meio de pé do ouvido: ele sabe!

Mãe: Eles deixaram escapar alguma coisa. “Não é por causa da pizza,” eles falando. Ouvi eles falando alguma coisa. “Por causa da pizza”. “Aquele mãe, que usa aparelho.” O cara não usa aparelho. ... nos dentes. “Aquele, não sei que.” “Pera aí, o cara entrega pizza aqui em casa?” “É, ele entrega a pizza aqui no bairro, entrega aqui, não sei o quê.” “Não, não vi”. Aí, essa semana, a gente pediu pizza e a gente foi colocar gasolina no carro. Nisso, o cara chegou pra entregar e nós chegamos junto. Aí, ele parou a moto e eu vi que ele falou ainda, aí não deu... Ele parou na frente da nossa casa e então não dava pra estacionar. Tivemos que esperar. Eu eu vi que ele falava alguma coisa na caioral [?] pra ele e virava pra o lado dele e olhava pra nós. Que estranho! Me deu uma sensação que o cara tava falando alguma coisa que não é legal. Será que é do seqüestro? Será que é esse cara? Eu pirei na hora. Aí, a gente saiu... e eu entrei na rua e ela falou: “Você viu aquele cara? É ele que a gente falou. E ele falou pra mim.” “E aí meu, o que é isso, esse brinquinho, veadinho. E esse cabelo aí? A polícia pegou? Isso é coisa de polícia, heim meu!”. ... Falando assim. E ela se sentiu toda agredida, porque o cara falou isso, né? Aí você vê o quê que é ficar na nóia, né? Aí eu falei “E aí filha, mas quem que é esse cara?” “Nada mãe, é um cara assim, não sei o quê” e aí já não quer mais falar. Mas aí eu dizia: “E aí, quem é esse cara?” “Não, é que eu já conheço o primo dele”. Aí já, e ao mesmo tempo que eles querem falar, eles tem medo... da reação da gente, sei lá. (2ª sessão)

Quando lemos estas passagens, nos perguntamos se Clara teve Síndrome de Estocolmo¹⁶.

A Síndrome de Estocolmo caracteriza-se por ser um estado psicológico onde a vítima estabelece um relacionamento com seu captor. A vítima desenvolve por uma questão de

¹⁶ Recebeu esse nome pelo criminólogo e psicólogo Nils Bejrot, que utilizou o termo durante uma entrevista. O caso mais conhecido da doença é o de Patrícia Campbell Hearst, que após ser seqüestrada e libertada, juntou-se aos seus seqüestradores num assalto a Banco. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Patty_Hearst).

sobrevivência, pois acredita que poderá ter o controle sobre a situação. A pessoa criaria uma estratégia para afastar-se emocionalmente da situação real.

Segundo o relato de Clara durante o seqüestro ela ajudou a cuidar das crianças do seu cativeiro, passeou pela favela e viu a pobreza, a miséria muito de perto. Ela mesma nos revela que não ficou envolvida com os seqüestradores, mas sim com a situação. Ela também coloca que não denuncia, pois o medo é real, os seqüestradores são pessoas conhecidas ou tem conhecidos na região em que mora. Devemos lembrar que Clara reside em um bairro de periferia da cidade de São Paulo, o que facilitaria que essa situação realmente aconteça.

Pai: E você pode ter certeza, que se ela encontrar um seqüestrador na rua, e tiver do meu lado e eu aqui, e o cara olhar pra ela. Ela não vai falar. [mãe concorda] Ela não... Ela pode até depois falar: “Olha, no dia que nós passamos lá, eu vi o cara...” Mas ela não fala, ela não fala.(2ª sessão)

Quando os pais de Clara a criticam pela forma de se vestir, o modo de falar e chegam a dizer: “eu acho que trabalharam muito a cabeça dela lá” (pai) ou “ela tava de um jeito. Aí some 64 dias e aparece de outro” (mãe), poderíamos considerar uma Síndrome de Estocolmo, que também não foi confirmada. Clara é uma adolescente que depois de uma situação traumática como a do seqüestro, que vem de uma família super protetora, resolveu buscar novas alternativas para se posicionar frente ao mundo: “viver o que eu vivi, não dá para continuar igual”.

As famílias estão percebendo, de forma distorcida, o ambiente e reagindo inadequadamente a ele, adoecendo. O trauma é a falta de espontaneidade e criatividade que podem ser vistas em ambas as famílias.

Eles não conseguem encontrar novas possibilidades, saídas como quando Maria (família I) descreve a cena que chega do trabalho e encontra um pai bebendo cerveja, a filha revoltada e ela entre os dois.

Mãe: O João é assim. Se ele não beber nada. Ele tem, ele não fala muito as coisas. Quer dizer, ele faz como a Clara, ele se fecha. E aí quando vai enchendo, enchendo, enchendo, aí ele fala algumas coisas.

Então, quando ele toma uma cerveja. Pode ser uma, duas, três, não importa a quantidade. Aí, ele começa. Então, ele quer colocar pra fora, tudo que tá lá incomodando. Né? Então, ontem eu cheguei do trabalho, com umas fichas do semestre pra fazer pra amanhã. Isso tá pronto pra amanhã. E eu não consegui. Né? Porque ele reclamava dela, e ela escutava, mas nunca descia a escada. Porque ele falou: “Coitado do Francisco. Como é que o Francisco. agüenta ela” E ela já ficou brava. Quer dizer, eu aqui ouvindo ele e vendo ela descer com aquela cara. Aí, eu me meti assim: “Oi, fica na sua” Entendeu? E eu assim no meio dos dois, e não consigo fazer. Então, a, a postura que eu acho que a Clara tá, não sei se é isso que. Mas é assim, ele foi sempre muito carinhoso. Ele nunca foi pai. Foi pai e mãe, tudo que tem direito, pra falar com a Clara. Então, à parte de pegar pesado, eu acho que sempre ficou com o pai aqui, né? (4ª sessão)

Ou quando José (família II) faz uma brincadeira com o filho na frente de amigos e o filho sente-se atacado ou como dizem “*alfinetado*”. O aumento da sensibilidade, uma auto-estima rebaixada, estão evidenciados neste diálogo:

Filho: Eu não tava nervoso, eu peguei a idéia.

Pai: Na verdade, ele entendeu que fosse uma alfinetada, mas na verdade é justamente isso que eu tô expondo. Não tinha o quê falar e eu fiz uma brincadeira que acho mexeu na ferida dele. Aí que eu me toquei que mexeu na ferida dele, exatamente porque ele, ele [...] ele, ele...

Filho: Eu só acho que...

Pai: Então ele entendeu que essa, que essa brincadeira que eu fiz com ele, é, foi uma alfinetada. Porque ele chegou com um telefone novo, com outro... com dois telefones na mão, eu falei: “Agora, ele tá com mais um telefone, aí ele vai pro... Chegou tarde, mas vai produzir bastante. Não é filho?” Falei assim para ele ainda. Falei desse jeito. Para ele já foi uma alfinetada. Então eu acho que... [...] Então nós vamos ter que parar a tempestade...”(6ª sessão).

O sistema familiar parece não conseguir se adaptar em novos papéis, pois a elaboração das perdas esta dificultada. Esta postura direciona para que olhemos está questão do trauma como um elemento que compõe um sistema organizado por problemas, pois o problema seqüestro cria um sistema diferente do anterior.

10.2 Organização familiar, as mudanças na vida familiar, as mudanças na vida de cada membro da família, o sistema organizado pelo trauma, a perda ambígua:

Pudemos observar as dinâmicas e regras familiares criadas e desenvolvidas ao longo da vida destas famílias. A família exerceu o seu lugar de matriz de identidade, possibilitando aos seus membros a experiência de pertinência a um grupo, assim como a experiência de autonomia. Esta matriz transmitiu os papéis que orientaram o comportamento no mundo.

Quando a família I relembra fatos do dia-a-dia, dos papéis de pai e mãe, do pertencer a uma família e as diferenças entre elas, vão iniciando esta percepção da matriz.

Pai: E elas acham que eu sou o melhor pai do mundo, porque elas falam pra Clara Porque elas vem dormir em casa, e eu não ligo. Eu faço comida pra elas, e não sei o quê, né? Levo elas numa balada. Ân?

Mãe: Faz waffles, faz waffles. [mãe ri e bate palma]

Pai: É, então, e a, e a...

Mãe: Faz ovos de maneiras diferentes. Elas comem ovo.

Pai: Elas comem qualquer coisa. ... E elas, e elas falam pra Clara, né? ... E as outras vêem que não tem...

Mãe: É diferente.

Pai: O tratamento que a gente tem. Ninguém faz isso na casa delas. Então elas falam pra Clara. Porque é legal. Seu pai e sua mãe é legal. A tia, o tio. (2ª sessão)

Pai: Mas eu não acho que não é só isso. Quando... eu tive uma família... A questão é parente. Mas, muito diferente. A minha família tinha muita coisa assim, muita comida, muita coisa assim. Mas um relacionamento frio. Né? Não tinha... Eu lembro de beijar a minha mãe uma vez só. Né? Ela me chamou de lado e me deu um beijo É. Eu já era grande. Eu tava na pia, não esqueço até hoje, que eu tava assim. Então, eu até falei... E era assim. Meu pai era muito seco e tal... com o próprio irmão e tal, assim, não sei o quê. E quando eu entrei para a família dela, era tudo dez, são cantorias, eram festas para tudo quanto é lado. E vem aqui e canta. “O quê que você vai fazer aí?” “Trás para cá, trás para cá.” Foi assim. Então, eu entrei nesse mundo aberto dos relacionamentos de fazer as coisas. Porque eu não fazia nada. Até eu aprender de fazer as coisas, é quase o dobro disso. (6ª sessão)

Com a família II identificamos a matriz de identidade, quando o pai relembra a infância para confirmar o seu jeito de se posicionar com os filhos e como os filhos devem se posicionar também:

Pai: [...] Eu vou voltar lá atrás, quando eu tinha, é dez anos de idade. O meu pai... Eu estudava meio período, e meu pai fazia eu trabalhar meio período. Na roça, trabalhava junto com ele lá nos capins, capinando. Eu tinha um certo serviço para fazer. E eu ganhava na época meio de meio salário mínimo. Desse meio de meio salário mínimo, ele dizia para mim: “Metade disso aí, é para mim comprar comida para você, para a família. Ajudar na comida. E metade disso aí, você vai comprar suas roupas, vai fazer o quê você bem entender com ele. Mas você vai comprar suas roupas, seus pertences é com essa metade aí.” E eu fazia. Agora, no instante, eu acho que... Na época, eu achava ruim. Eu tinha que comprar tudo e tal. Então, como que eu fazia? Isso me cativ... Se eu fosse uma pessoa honesta, uma pessoa econômica, uma pessoa, é, cumpridora dos dever. Porque é, eu comprava minhas roupas com o mascate que passava na fazenda. Então, para mim comprar uma calça, eu tinha que pagar em cinco vezes. Então, se eu não pagasse pontualmente, quando o mascate vinha eu não tinha, eu não tinha mais aonde comprar. Meu pai já me, já me, me deixou para lá. Ele disse que eu tenho que me virar. Eu tenho que me virar. Então isso é, eu até conto com orgulho, porque ele me ensinou o patrimônio e preparou para vida. Entendeu? Ele me colocou de uma forma para mim encarar a vida. Era daquele meio de meio salário mínimo que eu tinha que me virar. E eu, e eu encontrei meios de me virar, que foi comprando uma calça e pagando em cinco, seis vezes. E foi daí que eu encarei a vida, você entendeu? E eu não consigo... Eu, eu... Veja bem, eu já não quis fazer da mesma forma, porque eu paguei isso para eles. Até hoje a mãe compra tudo para ele, para ela. (6ª sessão)

A transmissão de papéis ligados a gênero também pode ser observada quando a filha colocou o que pode uma mulher fazer e o que pode um homem fazer (o filho). A diferença na liberdade que o filho tem de escolha profissional é um dos exemplos:

Filha: [...] Eu acho que porque eu fui fraca, no sentido de seguir uma linha e, por exemplo: Eu fiz técnico de administração, fiz administração na faculdade. São coisas que eu gosto, mas que eu fui para ajudar o meu pai. Eu não me imaginaria trabalhando em outro lugar. Agora ele, ele já tem um leque de opções. Ele quer terminar essa faculdade, ele quer fazer Direito, ele quer, é, ingressar numa carreira política. Então assim, ele teve mais liberdade e tranquilidade para

escolher. Porque fala: “A Lia já tá lá, então se ela quiser, ela segura, enquanto eu tô fazendo outras coisas, depois quando eu volto”. Assim, nessas conversas que a gente tem, eu tenho essa sensação [...] (3ª sessão).

As famílias foram dando conta da estrutura e da organização familiar. Lia, filha da família II, descreve esta estrutura familiar de forma clara quando comenta como ficaria a família se Júnior optasse por ser político:

Filha: Mas, por mais que a família inteira tenha um posicionamento com relação a isso, eu acho que a única pessoa mais rígida com relação a essa postura que, essa profissão que ele quer seguir é o meu pai. Então o quê que vai acontecer? Forma-se um grupinho, eu e a minha mãe apoiando o Júnior e o meu pai não querendo que ele faça, ou argumentando contra a princípio.

Namorada: Mas ele é tão contra assim?

Filha: Não, não sei se é tão contra, a princípio eu tô falando. A princípio eu acho que vai ser assim. É eu e a minha mãe para amenizar a situação, a gente vai ficar: “Não, mas é bacana, depois ele vai ver como funciona, não sei o quê”. Então eu acho que a gente vai, vai conseguir estar convencendo o meu pai. (3ª sessão)

A partir do seqüestro instaurou-se a necessidade de se assumir novos papéis e cumprir funções na matriz interrompidas abruptamente. Começam a se questionar de como essa estrutura está agora e que devem iniciar por se conhecer, como diz Maria (família I) “*é a gente se achar*”:

Mãe: Quando a mudança... O que aconteceu? E aí, né? Então eu acho assim, acho que a maneira como ele acha que a Clara tá fazendo de rebeldia, de, de, por conta da idade, de querer impor o que ela pensa. Ele tá fazendo o melhor dele, dentro do que ele, ele sabe fazer, né? Mas, eu acho que o problema da gente é a gente se achar. Aonde a gente pode melhorar. Que a gente nunca vai fazer o melhor, enquanto a família tiver desse jeito. É sinal que a gente tem que mudar, a gente que abrir alguns pontos. E eu acho que isso é tudo pra Clara, pra mim, pra ele. (4ª sessão)

João (família I) também demonstra o reconhecimento desta estrutura quando percebe que a filha mudou porque tinha que mudar, fazendo parte da estrutura:

Pai: [...] Ninguém muda em 64 dias, assim de uma hora pra outra. Eu sou o bom e fico nervoso. Em 64 dias não. Ninguém muda assim. Ela já vem. Cresceu de 13 pra 14, de 14 vai fazer quinze aí no mês que vem, né? E vai fazer dezesseis, dezessete. Em cada fase. E daqui a pouco já tá com vintinho, 19 e oh, não pode... (2ª sessão)

Ou como coloca Lia (família II):

Filha: Porque eu acho que a família não está bem. Então todas... Assim, quando alguma coisa não está bem, quando... Por exemplo, tudo se torna mais doloroso. Então, vamos dizer: “Aí, o meu irmão não está bem.” Você acha que eu vou ter tranquilidade de pensar alguma coisa para cima? Alguma solução, ou alguma... Eu sabendo que ele não tá bem. “Ah, a minha mãe está passando por essa situação.” Não é, não é muito mais complicado você não estar bem assim, é, pessoalmente para conduzir um trabalho produtivo? É difícil! E eu acho que a gente não vai encontrar nenhuma saída, enquanto a gente não está bem. A gente é família. (6ª sessão)

Eles tentam manter o equilíbrio, mas o que se vê é o ressurgir conflitos anteriores não resolvidos e perdas passadas não assumidas. Os problemas familiares que existiam antes do seqüestro vieram à tona e a partir deste evento, tornarem-se piores e, por conseguinte, aumentaram os atritos. O seqüestro foi o detonador para que começassem a aparecer os problemas de relacionamento, dos pais com os filhos, do relacionamento do casal, das questões profissionais, como vemos nas falas:

Família I:

Pai: Com todo o abalamento, tinha uma estrutura que achávamos que era certa. Aí, o quê aconteceu, não só o seqüestro, outras coisas. Abalou.[...] Sei lá, né? Ela tá falando um monte de coisa, não sou eu. Ela tá chorando, tá? Agora que começa, também não dá para judiar, relembrando essas coisas. É não sei! (6ª sessão)

Família II:

Filha: Mas eu acho que é, uma coisa que eu e o Júnior vai ter, e que não existe na nossa relação com o meu pai, é assim: Nós dois partimos do pressuposto que nós dois temos que, que gerenciar aquilo ali juntos. E o meu pai já tem uma figura que ele não aceita. Que a gente... Assim, ele adoraria que a gente tomasse a frente de tudo, e tal. Mas ele também não deixa.

Namorada: Não permite.

Filha: Não dá abertura. Então, ele vai ser sempre a pessoa que começou e que ele sabe de tudo e que a gente não sabe de nada. Agora eu e o Júnior, já vamos estar assim no mesmo patamar.

[...].

Filha: Mas se bem que eu estou a oito anos, nove anos lá com ele.[...] E sempre chorei, porque ele sempre me deu esporro na frente de todo mundo. Então assim, tem gente que não precisa, é, que precisa levar um esporro, então o foco é a Lia. Não, Lia que tem que levar. Então, isso para mim foi muito, muito difícil no começo. Aí, comecei a falar: “Viu, eu faço tudo errado? Tira alguma coisa que eu faço certo. Eu não vou fazer igual a você, e tal, mas arranja alguma coisa”. E é essa briga que a gente tá tendo com ele agora.

[...].

Filha: Que igual o meu pai?

[...].

Filha: Eu tenho muito ainda para aprender. (3ª sessão)

O que faz com que eles falem sobre estas questões? Dores do passado e a identificação que o seqüestro não foi o único motivo das questões familiares; percebem que já existiam muitas outras coisas e que, portanto, o seqüestro, foi o mobilizador de outras dores.

Uma situação limite de ameaça de perda aguçou todas as questões familiares e fez surgir todas as questões de vínculo, ameaças que tinham acontecido em outros contextos e não tinham sido trabalhadas. Surgiu muito clara uma ameaça de perda da relação do casal, da família idealizada, possibilidade de perda da filha, do filho, do pai. As primeiras sessões foram contextualizando o problema e foi nos mostrando como uma situação limite de ameaça, de perda, potencializa as dificuldades relacionais existentes, ressalta as diferenças, os medos, as dúvidas, as mágoas. Isso é uma reação na situação de trauma e remexer toda a organização

trazendo à tona uma série de outras questões que ofenderam, que feriram, que foi a ressonância da ameaça de perda.

Na família I retomam questões antigas como a separação do casal, um câncer do pai e como estes momentos ficaram e não foram elaborados.

Mãe: Mas na realidade, a gente nunca falou a verdade pra Clara, né?

Pai: Do quê? A gente pode não ter...

Mãe: Eu acho que no momento que você voltou pra casa, você tinha que ter tido um momento comigo e um momento com ela, não teve.

Pai: É (2ª sessão).

Mãe: Na época da separação, do casamento, tudo. Ela, ela não questionou o pai, né? É óbvio que ela sofreu com isso. Ela gritava no ouvido dela: “Quero meu pai”, berrando, chorando. Pra mim ela disse isso. Porque eu tinha, o que eu tinha vontade de fazer,... mesmo gostando muito dele e o que eu tinha que fazer por ela e pela gente, né? Então, eu fiquei numa... numa situação difícil. A ele, em nenhum momento, ela nunca deixou transparecer nada disso, né? [pai concorda] Nunca tocou no assunto, nunca falou nada. (2ª sessão)

Pai: Nunca conversamos sobre isso, né filha?

Filha: Pois é [...] (5ª sessão).

Pai: Foi o problema de seis anos pra vir. Todo mundo torcendo, a família toda. Só veio ela, então...

Mãe: O câncer.

Pai: Depois do câncer, nunca falei sobre isso. Então, todo mundo, a família toda, Clara, Clara, Clara, é ela, é ela, é ela. (2ª sessão)

Pai: E a gente quer todo mundo junto. Qualquer coisa que a gente faz, que a gente chama. Se é. Quando eu tive câncer, eu tenho um tio que foi muito...

Mãe: Você não pôs o câncer.

Terapeuta: É, você não pôs o câncer. Ninguém pôs, né? A doença.

Pai: É, é.

Mãe: É que eu acho que a vinda da Clara, superou a doença, pela cura, né? (5ª sessão, quando foi elaborado um cartaz em forma de linha do tempo da história familiar; a elaboração partia de quando eles identificavam o início da família, os dias atuais e o futuro).

O fato de não conseguir ressignificar as perdas vividas fez surgir sentimentos de culpa, impotência e desesperança. Na medida que fomos trabalhando o que estava se passando, naquele momento, é que eles começaram a perceber como essa situação de ameaça mostrou o valor das coisas que não estavam sendo ditas, feitas.

Essas situações, limites, que abalam, que causam sofrimento acima de qualquer expectativa, enfraquecem a estrutura dos relacionamentos e afloram o medo, as mágoas, os ressentimentos, as culpas que não são faladas.

Outro ponto importante é a questão dos limites. Como já descrevemos o limite se expande ou retrai conforme o clima emocional. Quanto mais ampliados os limites de si mesmo mais engolidos estão os papéis exercidos pela pessoa. Isto ficou evidenciado quando foi proposta uma cena sobre limites com a família I:

Terapeuta: Qual é o limite que vocês tem, de cada um de vocês?

Pai: Não tem limite. Nunca teve limite. Não tem medida.

Mãe: Esse é o problema, nós nunca tivemos limite. [...]

Terapeuta: Como é que a gente vai construir esse limite?

Mãe: Depende do quê a gente vê como limite, né? De repente, se namorar o Francisco. Ou pegar o telefone e falar, por exemplo: “O meu, para de encher o saco, que é madrugada, e eu quero dormir, porque eu tenho que trabalhar amanhã.” De repente, eu tô invadindo a vida dela. Mas, de repente, depende de como é que a gente vê a situação.

Pai: Depende da onde tá o limite.

Mãe: Né? Que eu acho que o meu limite vai até onde, o meu vai até onde começa o do outro. E assim vai. Agora, se a gente não sabe aonde termina o da gente, como eu vou saber onde começa o do outro. Entende? Pra nós é difícil.[...].

Mãe: Agora. Aí que a gente precisa introduzir até onde que vai o meu limite. Então, enquanto mãe. Eu posso exemplificar: “Não, no quarto não Clara. A hora que ele vier namorar, eu não quero você no computador, eu quero você aqui em baixo”. Né? Eu agiria dessa forma. Agora eu não sei, se isso é estar entrando na privacidade dela. Se eu estaria... [...]

Pai: Esse limite, ele é. Tem que partir dos três e partir, né? Porque “o meu pai quer que eu faça isso” E não tem querer. Eu posso até reclamar, e ela também. Você tem que saber do meu limite e eu tenho que saber do limite dela. Da vida dela também. (4ª sessão)

Foi proposto depois deste diálogo a seguinte cena: um de cada vez ficaria em pé, de frente para os outros, em um canto da sala e os outros (um por vez) deveriam ir se aproximando deste primeiro. Um olhando para o outro, deveriam dizer até onde o outro poderia chegar, dando um limite para aproximação. As distâncias que cada um deu ao outro foram marcadas no chão com fita adesiva e obtivemos esta imagem:

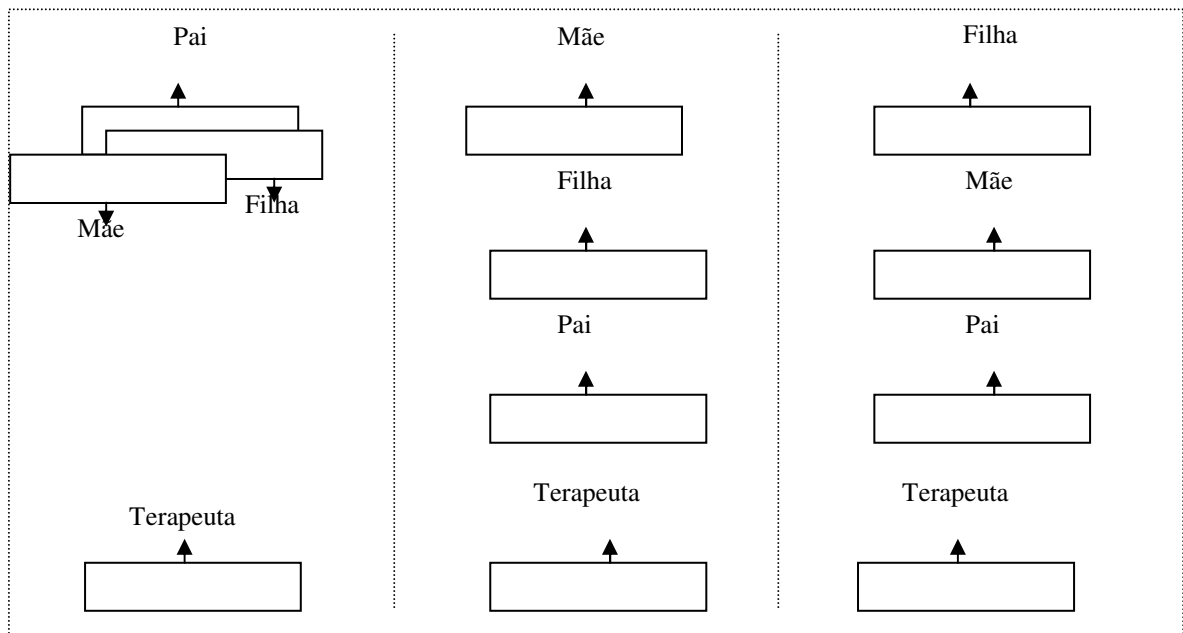


Figura 4: imagem obtida após dramatização
Fonte: Elaboração própria

Quando terminaram ficaram surpresos com as posições:

Mãe: Agora o João... está sem limites.

Pai: Sem limites.

[...].

Mãe: Eu tenho, mas os outros não, né? Eu não respeito...

[...].

Pai: É uma coisa sufocante, né? Porque, quando se trata do, do, do bem-querer, do prazer, não tem limite não. Eu penso assim, um limite, né. No geral, existe, tudo tem limite, não é só você. Mas, eu me relaciono as duas, a gente perde o limite mesmo e aonde eu vou o quê eu faço, em relação as duas é...

[...].

Mãe: Eu não sei porque. Eu não sei. Eu tava aqui tentando pensar, pra conseguir falar. A coisa do limite do João, né? Eu não. Eu sei até onde os outros pode ir, mas eu não sei até onde eu posso. O meu problema é

esse. Eu tô invadindo e ainda não sei o que tô fazendo. O João já foi o contrário. Ele deixa chegar lá, e tal. Só que ele não muda. Ele não faz nada pra, pra impor as coisas, pra mudar as coisas, né? Então, isso é na cerveja, isso é no futebol. Hoje não tem mais, mas futebol. Ele, ele tem dificuldade pra limite. Se eu disser pra ele: “Oh, você tem três dias por semana pra você fazer isso”. Ele faz sete. (4ª sessão)

Podemos perceber que nesta família os papéis não estão diferenciados, os limites não podem ser identificados. O pai é “pai e mãe” e a mãe é “pai” (fala da Maria). O pai com seu limite pessoal ampliado não consegue perceber o limite do outro.

Na família II, não trabalhamos com nenhuma cena, mas o tema fez parte da 3ª sessão e pudemos identificar os limites entre os irmãos:

Filho: [...] É, eu acho que o limite é às vezes quando eu tô... quando ela, ela faz uma coisa que eu não gosto, eu tenho, tenho um limite. (3ª sessão)

Terapeuta: Você diria tudo ou você acha que tem um limite?

Filho: É, tem um limite, tem uma tolerância. Só que a gente pode...

Filha: É, existem coisas que eu acho que ele não fala, que ele não vai falar para mim nunca. (3ª sessão)

Filho: Que eu procuro respeitar ela também. Para evitar uma briga.

Filho: Na verdade, a gente já... Às vezes não evita, às vezes... não que não evite, mas a gente muda à maneira de como vai falar. [...] A gente evita, que eu evito a briga às vezes. Às vezes ela também me evita, evita falar comigo porque ela sabe que eu tô nervoso. (3ª sessão)

Filho: Porque a gente quer poupar uma briga entre os dois.

Filha: Ah, porque a gente não quer de repente que fique um... clima chato. (3ª sessão)

Uma grande dificuldade de colocar limites entre pai e filhos e vice-versa:

Pai: É, para você imaginar de qual, qual é o relacionamento nosso. Não seria uma queixa, porque normalmente a gente se fala desses assuntos também. Então eu acho que a gente tem que, tem que se

colocar no lugar da gente. Né? Porque eu, eu ainda acho que ele ainda não sabe se, se é fácil ou difícil ganhar dinheiro. Você entendeu? Porque a empresa, eu enxergo a empresa, é, inteirinha. Inteirinha eu enxergo a empresa. Ela me ajuda muito. O setor que ela trabalha, ela domina perfeitamente, ela... Eu não esquento a cabeça, porque ela me ajuda demais. Eu tô tentando introduzir ele também de uma forma, é, para fazer exatamente aquilo que eu faço. (6ª sessão)

Filha: Ah, mas isso... É assim: Eu acho que enquanto o pai tá vivo, é, a gente é filho dele, quem manda é ele, sabe? É... Até os funcionários vêm a gente dessa forma também. [...] Eu tenho essa impressão que a nossa autoridade é praticamente nula assim.

Filho: É uma coisa que a gente também tem que impor. (4ª sessão)

Filha: Foi, ele impôs que a empresa era daquele jeito, que a gente deveria agir de tal, tal e tal forma e que isso não mudaria. Foi uma imposição dele. (4ª sessão)

Pai: Ele tá rebaixado porque ele quer. Porque... [...] É, Na verdade, ele se coloca em uma posição que eu sou o pivô de tudo.[...] Eu nunca vou contestar. E também não sou de ficar também elogiando. Nunca elogiei. Nunca cheguei e: “Filha, nunca. Pô parabéns você isso, você...!” (6ª sessão).

E entre o casal:

Mãe: Ele é um homem difícil, a gente não se falava muito, porque ele é assim, sempre foi e eu respeitei. Nunca disse nada para não brigar... (1ª sessão)

Como colocou Rojas-Bermudez (1978) quando os limites não estão identificados possuem uma má delimitação, uma vivência de confusão no pensar-sentir-perceber é constante.

Família I:

Mãe: Mesmo que der espaço. Eu acho que a gente não, não se estruturou pra...

Pai: É, mas eu não sei também se existe alguém... com essa estrutura toda para agüentar qualquer problema, e resolver, e saber o que faz, e acho saber o que é o certo,... né? Você pode às vezes fazer com a maior intenção do mundo de tentar e você agiu errado.

Mãe: Agiu errado, com certeza!

Pai: E quem é que sabe... na verdade qual é o certo. (2ª sessão)

Família II:

Filha: É, e é bem isso mesmo. Porque a casa que a minha mãe mudou, meu pai construiu e não terminou até hoje. Sabe quanto tempo que eles estavam morando na casa? Mais de vinte anos. Então, para você ver assim: Se em casa é desse jeito, que o foco dele não é em casa imagina a empresa também? Na empresa também é do mesmo jeito.

Terapeuta: Tá, e aí, como é para vocês saberem que a estrutura é assim?

Filho: A gente fica triste. Sei lá.

Terapeuta: Mas não é isso que o pai de vocês, pede para vocês. [filho concorda]

Filho: É difícil, porque a gente não consegue... (4ª sessão)

Filha: E ainda mais porque a gente já entra derrotado, né? (4ª sessão)

Pai: Na verdade, não é fácil. Não existe uma faculdade que ensine você como criar um filho, como tratar um filho, como...[...].

Pai: [...] Você não sabe se você, se você reprimir ele, ele vai se revoltar. Se você passar a mão na cabeça dele sempre, ele pode entender isso de uma forma diferente. Então, é difícil, é difícil! A coisa mais difícil é criar um filho. (6ª sessão)

As famílias no decorrer do processo começam a perceber as regras de seu funcionamento, suas fronteiras. As interações e organizações familiares mostram sua peculiaridade.

A questão da super proteção na família I:

Mãe: Tem hora que ela não sabe nem o que fala.

Pai: Quer dizer. E às vezes não dá. Não consegue fugir da... do que é. Você tem que... ficar pensando em coisas pra falar.

Mãe: E a gente já se questionou também o que é certo, né? Quer dizer, porque ela passou por isso, é uma situação difícil? É. É uma coisa agradável? Não é. Não foi por vontade dela, mas aconteceu. E aí, como é que a gente lida com isso? E a gente. Por que que a gente não se achou ainda? Né? Porque a gente tem medo de agir do jeito que a gente agia antes, por conta que ela passou por um seqüestro, porque ela sofreu, nós sofremos. E a gente tá meio que mascarando a coisa. Ao invés de estar cuidando, de estar educando. Não é? (2ª sessão)

Mãe: Que nós não preparamos ela pra vida.

Pai: É que nós não preparamos. Sim, é isso que eu tô falando, que a gente...

Mãe: Continuamos com a redoma lá.

Terapeuta: Quer dizer que antes já tinha uma redoma?

Pai: Já tinha, sempre teve. Desde que nasceu. Foi o problema de seis anos pra vir. Todo mundo torcendo, a família toda. Só veio ela, então...

(2ª sessão)

E a questão da rigidez, autoridade na família II:

Filha: [...] Porque eu acho que os meus pais eles são... É, assim... Vamos dizer: A gente, a gente não tem essa troca, porque eu e o Júnior, nós somos iguais. E o meu pai e a minha mãe, eles são iguais para gente, porque eles são autoridades. Mais ou menos assim. Então a gente não está no mesmo patamar que eles. Eu e o Júnior a gente tem um livre acesso para conversar do quê for. Embora a gente tenha um diálogo bom com a minha mãe e o meu pai também, mas é... existe essa barreira, sabe? A hora que você tá se soltando a ponto de ficar uma relação mais transparente e sem muita mágoa assim de: “Eu sou pai, você é filha.” Aí eles não, já puxam: “Não, mas você não pode falar assim com o seu pai. Mas você não pode falar assim da sua mãe. Ela é sua mãe, ele é seu pai.” Tem ainda assim, essa, essa barreira assim. (3ª sessão)

O que fomos notando é que ambas as famílias apresentaram fronteiras difusas, ambíguas, entre eles e o mundo externo. Não conseguem impor os limites. João (família I) não consegue falar não a um amigo que levou o cachorro à sua casa e não tem a mesma liberdade com o outro:

Pai: Eu que nem, eu não me sinto bem de ser convidado para ir na sua casa. “Oh fulano, você vem aqui em casa? E tal, oh” E liga para alguém. Agora o pessoal quando vem em casa, ou vai na casa dos outros. Meu! Os caras vai na piscina, trás o cachorro. Os caras foi em casa e levou um cachorro. Um labrador desse tamanho! Babou tudo no sofá, fez porqueira no sofá. Subia no sofá. Mergulhado no sofá o cachorro. Vai em casa e leva um cachorro? (6ª sessão)

Também Antonia (família II) descreve a liberdade que sempre deram e que continuam dando a todos:

Mãe Lá em casa entrava qualquer um. Tocava a campainha eu já ia no portão, sem preocupação nenhuma, abri, fazia entrar...
Mãe: ele cuida de todo mundo (fala dopai), é ele que sustenta a família, os irmãos, o pai mora com a gente até hoje. Sempre foi assim, mesmo antes dele ter dinheiro. (1ª sessão)

Assim utilizando o esquema da estrutura familiar de Minuchin (1982) podemos fazer a seguinte leitura da estrutura interna familiar:

Família I:

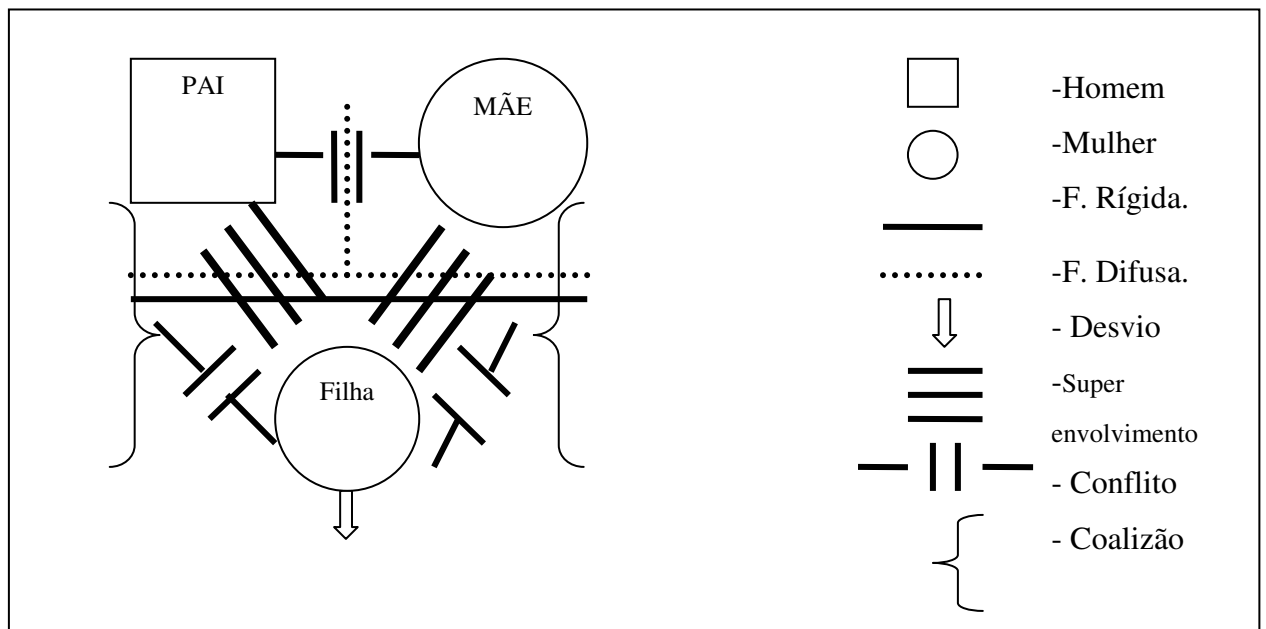


Figura 5: esquema da estrutura familiar da família I

Fonte: Elaboração própria

filha da filha; ora a filha é filha, ora é mãe da mãe. Entre ambas vemos uma coalizão contra o pai. Mãe e filho também possuem fronteira difusa com um super envolvimento pela questão do seqüestro. Entre os irmãos, fronteira difusa e uma aliança. Entre filho e namorada, fronteira difusa e um super envolvimento. Eles estão abertos ao mundo externo, todos os amigos e familiares interferem muito no relacionamento do casal.

Lia, a filha da família II, nos traz uma informação muito importante que revela o quanto a família se estrutura também no trabalho de forma desordenada e rígida, provocando uma limitação. Fica-se com a sensação que o pai, cercado a empresa, faz um seqüestro da família, pois impossibilita a mobilidade:

Filha: Ele cresce, mas ele cresce desordenadamente. Se você vê a estrutura da nossa empresa é uma estrutura que existe á [...] quinze anos, mais ou menos. Então, chega em um ponto em que a gente não pode, não pode passar daquilo, porque ele não vai querer mudar. Então assim, a gente está sofrendo... Pode ser que nós estamos sofrendo alguma falta de cliente, justamente pela falta de estruturação da empresa. Tem muita coisa errada que acontece, e que não deveria acontecer, mas que a maneira com que se trabalha é desse jeito. E foi imposto isso para a gente e foi colocado de uma forma que não vai mudar.(4ª sessão)

Podemos dizer que ambas as famílias apresentam-se abertas ao mundo externo, facilitando a entrada de qualquer pessoa, coisa, situação. Poderíamos dizer que estavam abertos para situações como o seqüestro. Abertos ao mundo externo, mas fechados no intrafamiliar. Abertos para serem seqüestrados e seqüestradores deles mesmos.

Pauline Boss (2001) colocou que para um sistema familiar manter suas fronteiras, as pessoas devem saber quem está dentro e quem está fora da família, o que é uma grande dificuldade nestas famílias, como estamos descrevendo.

Na família I a questão das diferenças entre a família do namorado e do namoro em si, foi um desses momentos de não reconhecimento da fronteira familiar.

As diferenças familiares iniciaram antes da aceitação e convívio familiar. Os pais de Clara relatam que não queriam o namoro, pois existia uma diferença social: a família de

Francisco “*ostentava muito, carro importado, aquela caminhonete*” (fala do pai). O seqüestro foi um reforço:

Pai: E além de tudo, ela começou a namorar com o menino, logo em seguida aconteceu... A gente já não queria que namorasse com o menino, que já tem aquele problema ali. ... Vinha de uma situação, aí... deu certo, vamos deixar namorar. É da mesma idade. Então, quer dizer, já tinha um monte de probleminha. Depois teve esse, e vai ter sempre um... um monte de, de problemas, mas... mais um pepino, né? que a gente acaba se envolvendo, né? (2ª sessão).

Durante o período do seqüestro, os pais foram morar na casa do namorado, segundo eles, por um pedido da polícia. Mesmo sendo uma situação diferente, estranha e inédita, já que não conviviam com a família, aceitaram prontamente. Eles tentam encontrar um ajuste na posição que a polícia lhes indica, mas pelo contrário a situação se complica por um lado.

Ao conviver com a família vivenciaram situações de desqualificação e a única reação declarada para o outro foi o choro. A tranquilidade e equilíbrio do casal desapareceu. Entre eles, brigavam, não se entendiam. Por outro lado, aparentemente, a posição que eles conseguiram assumir, “empregados da família”, deu a eles a estrutura familiar muito necessária nestes momentos. Como Boss (apud Walsh, 1998) propôs que em situações de incerteza assumir responsabilidades, redistribuir papéis tradicionalmente designados, manterem rituais é a grande saída funcional. Eles, mesmo sendo desconsiderados, conseguiram manter a estrutura afetiva familiar, ao cozinhar, manter a casa arrumada, estar junto um do outro, se apoiando nos momentos difíceis.

Eles não se deram bem com a família, não aceitaram o funcionamento dela, mas não colocaram nenhuma restrição do convívio deles ou da filha para com esta família. Um exemplo desta abertura é no dia do aniversário de 15 anos de Clara, os pais comemoram com um churrasco e além dos pais do namorado também aparece uma tia do Francisco. Observamos que além de não conseguirem colocar limites a quaisquer pessoas, se abrem à invasão, sentindo “dó”:

Pai: Mas não é só isso. A vida da gente sempre teve gente. Tá lá a festa, que teve lá. Foi tudo perfeito, tirando a tia do Francisco que eu não suporto e ela apareceu. Também não ia pegar e por para fora, né? Não ia chamar o segurança [ri] porque ela apareceu.

Terapeuta: Engraçado isso: “Não ia pegar e por para fora.” Por que não? [...]

Pai: Porque tem o pai do Francisco.

Terapeuta: Sim. Mas a casa é de quem? A festa é de quem?

Pai: E ela ia falar: “Eu sei que eu não fui convidada, mas eu vim, tal e não sei o quê.” Eu vou falar: “É, eu devia falar: É, você não convidada [...].

Pai: E ela ia continuar lá.[...].

Pai: [...]É o jeito, é o senso crítico deles. Eles vivem de dó. (6ª sessão)

Da mesma forma que super protegem a filha, fazem com o namorado e não sabem como lidar com as consequências desta posição:

Pai: [...]E com o Francisco é ela que escolhe. Eu nunca. A gente gosta do menino, eu procuro até nem me envolver muito. Na realidade, agora a gente se envolve mais, porque...

Mãe: Eu adotei.

Pai: Adotou. Mas, eu não. Eu trato normal. (4ª sessão)

A filha reclama:

Pai: É, que eu acho que também ela fica assim, porque dá a impressão que às vezes a gente tá defendendo.

Terapeuta: O menino?

Pai: Principalmente a Maria que é a mais, [...] quem conversa mais. E dá a impressão. Eu acho que às vezes, ela fica sentindo que ela tá mais fora. Que a gente tá dando mais atenção pro Francisco, o protegendo. Segundo ela fala assim. “É, mas só vai cuidar do Francisco, não sei o quê.”. (4ª sessão)

Colocam restrições à atitude da filha frente ao namorado. Culpam-na por não conseguir por limites, restrições a atitudes dele, mas eles não o fazem:

Pai: Não. Eu sempre, sempre me incomodei. Desde o começo. [Umh] Eu nunca abri esse tipo de coisa. Sempre falei pra ela.

Terapeuta: Sim, mas como é que chegou nisso. Quer dizer, se não abriu, como é que chega?

Pai: Chega porque elas né? Vão fazendo. Vão aceitando, vai ficando, foi ficando, foi ficando. Ainda depois do quê aconteceu, né? Não ia, falava nada desse tipo.

Mãe: Você facilitou[...].

Pai: Quando eu conversei com ela, né? Eu falei que cada um tem hora que tem que ter o seu espaço, né? Não pode ficar o tempo todo. Ele liga depois que vai embora, pra falar que o cachorro fez cocô. ... Ontem?

Filha: Seis horas.

Pai: Tinha que falar firme. Aí ela começa a ficar nervosa, começa a ficar nervosa, e eu já começo a ficar irritado. Porque ele começa a encher o saco. “Porra Clara nada dá errado. Mas quando ele enche o saco, enche o saco, até eu não agüento, eu vou pegar o telefone e amanhã...”.

Mãe: Deveria, porque não pega? (4ª sessão)

No fim, passada a fase mais aguda, onde os ânimos foram se acalmando, quando se apercebem da super proteção, aceitaram o namoro, reconhecendo que a filha não tem ainda condições de se defender, porque nunca lhe foi ensinado, nunca aprendeu.

Pai: [...] Certas coisas, a gente fala. Eu falo pra ela falar. E já virou um... de casa, né? E é complicado, é complicado. Ficar o tempo todo dentro de casa. Você não tem liberdade, né? Acabou aquele tempo, que a gente ficava tranqüilo.

Terapeuta: [...] Como é pra você assim? Seu pai tem razão ou não. Seu pai tá dizendo...

Filha: De uma certa forma ele tem, mas...

[...].

Pai: É que eu misturo ainda. Eu não consigo separar.

Terapeuta: Isso...

Pai: Se eu tô irritado, eu tô irritado. Eu não consigo... deixar o problema lá e[...].

Terapeuta: O quê sua filha está te dizendo é que essa coisa, que você sabe que tá misturando, é isso que tá incomodando.

Pai: Com certeza. Eu tô insatisfeito. Talvez se falaria de outro jeito.

[...].

Pai: A gente tava conversando sobre isso aí. Inclusive sobre a família do Francisco lá. Que também, a relação. Eu não sei eles estão errados, se eles estão certos. Alguém né? De qualquer jeito, eu acho que a gente quer tanto, sabe? Fazer as coisas assim, de família mesmo...

Mãe: A gente achou que a gente errou na estrutura de tanta coisa que no fim a gente se perdeu.[...] (4ª sessão).

Na família II, duas situações podem nos revelar este não reconhecimento das fronteiras: a primeira foi o pagamento de dois resgates e a segunda a valorização que o pai faz dos outros.

Porque dois resgates? A resposta imediata é que os seqüestradores aproveitando a facilidade que o pai teve em conseguir o dinheiro conseguiria mais. Realmente este é o raciocínio dos seqüestradores. Um dado interessante e importante, a polícia avisou ao pai que não pagasse o que eles estavam pedindo, que aguardasse um tempo maior de negociação, que suportasse um pouco mais, pois é comum eles cederem. O pai, não conseguindo escutar quem está mais próximo, mantém a posição de olhar primeiro o outro, sustenta o que o outro quer, passa por cima de tudo e paga o primeiro resgate, sem que a polícia saiba: “*Filha: É, acho que ele ficou em uma situação assim tão “p” da vida que não se comunicou*”(2ª sessão). Podemos colocar que o pai abriu mais aos seqüestradores que estavam fora, do que à polícia que estava dentro.

O segundo resgate foi pago, agora sim com grandes perdas pessoais, pois abalou muito as questões financeiras familiares. Um mal familiar é aparentemente mais fácil de ser resolvido, é uma forma de demonstrar a luta:

Pai: Eu vou lutar com unhas e dentes para que isso não aconteça. Nem que seja para mim parar, usar o sapatão, eu vou usar [...] o mais barato. Vou transformar o meu carro em um fusquinha lá em baixo. Eu vou ter humildade para descer de uma, de uma Hilux e entrar em um fusquinha. Ainda fiz uma coisa. Entendeu? . [...] Não, não vou me sentir fracassado porque eu lutei.(6ª sessão)

A segunda questão é a valorização que o pai, José, faz dos outros e não dos próprios filhos:

Filha: Mas porque assim, sempre o filho dos outros [...] Ah, O filho lá do U., que é um sócio dele, de uma outra empresa “Ah, o filho do U. tá independente do pai dele. Ah, ele ao mesmo tempo...”.

Filho: Aí você percebe quem é o verdadeiro bundão. [namorada ri].

Filha: Então: “Ah, porque o filho do U., ele tem uma imobiliária. Nossa, precisa ver como que ele tá ganhando dinheiro!” Então assim, como se, é, o filho do U. trabalhando em uma imobiliária, e ele não trabalha na empresa do pai dele que é a outra, né? Ele trabalha em uma imobiliária. Então aí fica contraditório. Aí eu não sei, se ele quer que a gente fique ali, ou se ele quer que a gente voe, voe com as nossas próprias asas e constitua alguma coisa sozinhos. Não dá para entender.

Filho: Na verdade, ele compara os filhos dos outros. Na verdade, ele tem exemplos que pode, que ele pode ver e falar: “Não, porque meus filhos são ótimos!” E ele não vê, ele só vê o exemplo dos outros filhos.

Filha: Ou ele não fala para gente. (3ª sessão)

A abertura para que os outros façam parte da vida familiar é tão grande que concluímos que estas famílias foram sempre seqüestradas, violentadas sem se darem conta. Pauline Boss (2001) ao colocar que a falta de clareza a respeito das perdas, “o não saber da família sobre quem está dentro e quem está fora do sistema” é a ambigüidade. O seqüestro foi uma perda ambígua, mas não era a questão central. Foi um desorganizador de uma estrutura que já era ambígua e que podemos verificar nos seguintes diálogos:

Família II:

Filho: Não. É como se isso fosse uma coisa que fosse essa semana que está acontecendo. Isso aí já está há anos desse jeito. (6ª sessão)

Mãe: É, foi a bomba né, que...

Terapeuta: Então eu falo: “A bomba estourou.” E aí vão vir milhares de outras bombas. E é isso que vocês estão enfrentando agora.

Filha: É, isso é verdade. (6ª sessão)

Não existe família normal, qualquer evento que perturbe, que reverta a ordem, ressalta, potencializa, escancara os problemas que foram ficando pelo caminho. Se de um lado aumentou a carga emocional, rever todas as relações e redefinir o que cada um sente pelo outro, as perdas, os medos, se poderiam realizar ações positivas, se são importantes um para o outro, o quanto é importante terem esta família, mesmo tendo problemas.

Família II:

Terapeuta:... Quer dizer, o trabalho é uma das relações fundamentais na vida de vocês? Parece que ela é uma das primeiras relações.

Filho: Ah sim

Filho: Antes do seqüestro era a primeira.

Terapeuta: E agora?

Filho: Para ele, eu não sei se mudou. Para a gente mudou, para ele...

Terapeuta: Tá. Então qual é a relação importante agora para vocês?

Filho: Para a gente é a família.

Filha: Para a gente é estar bem, todo mundo estar bem, sabe? Estar feliz. É...

Filho: É uma coisa que já tava pegando até... (3ª sessão)

As famílias viveram esta situação traumática, tiveram seus recursos emocionais e físicos minados e seus problemas exacerbados. A percepção da perda pela própria família pode começar a responder às perguntas sobre os porquês relacionais.

10.3 As soluções para os conflitos, traumas:

As famílias ao darem novos significados para o sistema familiar começam a elaborar e reconhecer todas as perdas já vividas. Clara pela família I e Júnior pela família II trazem esta perspectiva:

Clara: Quando eu falo que a gente é vítima da gente mesmo, é porque se a gente tivesse bem estruturado. ... O quê que eu tenho que fazer no meio disso, né? Porque um dia pode ser um seqüestro, outro dia pode ser outra coisa, né? (2ª sessão)

Júnior: A gente fica, né, a gente fica sempre tentando se, tentando se moldar para a gente se encaixar do jeito que ele quer. E a gente, lógico que a gente sofre. E às vezes...

[...] Muitas vezes, muitas vezes a gente não é de acordo com aquilo. Mas a gente tem que, tem que se moldar porque senão a gente vai arrumar, vai arrumar uma confusão. A gente vai ter uma estrutura estagnária, para você dentro de casa. Não é isso que eu quero. (7ª sessão)

Recuperar a própria dignidade, tanto como encarar a verdade são fundamentais para o processo de cura. Moreno (1993) colocou que pelas relações que a cura poderá acontecer e que: “(...) *Os processos de cura psíquica exigem a espontaneidade para serem eficazes*” (p.350). Em outro momento ele acrescenta: “(...) *este desdobramento da vida no domínio da ilusão não funciona como uma renovação do sofrimento; ao contrário, confirma a regra: cada segunda verdadeira vez é uma libertação da primeira*” (Moreno, 1984, p.107-108).

Esta reflexão que Maria, a mãe na família I faz, nos dá a dimensão deste momento de recuperação:

Mãe: Né? A gente tem o problema da Clara. Quer dizer, a Clara, eu acho assim: a gente passou um momento de distância entre a gente. Mas isso ficou pra trás. Ficou. Eu acho que a gente tem que começar. A gente tá procurando a terapia que é pra gente se reorganizar, se achar, né? Deixar pra trás essa sensação ruim, né? Então ela fala pra mim: “Mãe, eu sonho. Eu sonhei com o seqüestro de novo, e não sei o quê” “Filha cada vez que você sonhar, diz o sonho pra você, eu sei que não é fácil, né? Mas aí, se você falar: Eu não tô mais, que isso não me pertence mais, igual a mulher da televisão, né? Eu não tô aí, e tal.” Então, eu acho que a gente precisa trabalhar isso, né? Porque a gente não pode usar disso pra se fazer de vítima também. E eu tô sentindo que a gente usa isso o tempo inteiro. Ele é vítima, porque ele sofreu, porque ela foi seqüestrada, porque ele não podia fazer nada, ele queria dizer um monte de coisa pro seqüestrador, e não podia fazer nada, né? Ela é vítima porque foi seqüestrada, ela foi tirada da gente, foi tratada de qualquer jeito, num lugar que não era o lugar que ela, que era da família dela. Que dizer, e eu, por um momento, eu fico vítima porque eu fico ouvindo os dois, e o quê eu faço no meio dos dois. Eu falei não. A gente tem que fazer alguma coisa nesse ponto! Agora eu acho que a gente tinha que pensar. O que a gente quer, né? O que é importante. O monólogo insatisfeito que eu quero dizer. Quais as, quais as opções

que ele tem? Se ele não tem a opção de parar de trabalhar, ele tem que encarar o que ele tem e, e levar. Porque eu acho que nem tudo na vida a gente leva porque a gente gosta. Não sei se eu tô certa? É isso que eu tô pensando, né? Ele não pode estar misturando esse sentimento dele de insatisfação com o trabalho, com tudo, tá?(4ª sessão)

Os pais de Clara, começaram assim, a rever a posição da super proteção e a entender o porque da “mudança” da filha:

Mãe: Mas é que para a gente foi... Essa mudança aconteceu em um momento que, que tumultuou mesmo, né? Ela sempre foi “amém, amém, amém e amém.” E de repente, volta e “não, não, não e não.” E só sabia falar não. Quer dizer, que raio é isso? Esses desgramados... Eu já queria matar os caras mais do quê eu já queria. [mãe ri]

Pai: Não, é ela mesmo... (8ª sessão)

Pai: É porque ela tá crescendo, e ela tem as coisas dela. E a gente, não admite.

Mãe: É a perda também, eu acho.

Pai: A falta dela com a gente, entendeu? Porque antes, onde eu ia, aonde a gente ia, ela ia junto.(5ª sessão)

Começaram a levantar a necessidade da escuta e respeito para com o outro. O limite de cada um começa a ser percebido:

Mãe: É isso que eu tô falando. Isso é uma consideração ao outro. Se o outro vai fazer isso para mim, eu não fico esperando. [...] (6ª sessão).

Pai: [...] O não dela é não. Tá certo! É que a gente não consegue não acompanhar, e entender o não, né? Tá dando para, para perceber algumas coisas que ela tá decidida a não fazer, e a não passar. E ela não vai passar e não vai fazer. E ninguém vai obrigá-la a passar alguma coisa que ela não quer passar mais.

Terapeuta: E você pode oferecer para ela outras possibilidades.

Pai: E ela tem o direito de, de, de achar o quê é bom para ela. [...] E o quê é bom para ela. (6ª sessão)

Este processo de reconhecimento das perdas através da ressignificação deu-se de uma forma muito interessante na família II. A filha Lia, reconheceu o valor paterno e as limitações dele, dela, da relação:

Filha: Porque teoricamente para ele... Teoricamente, eu acho que isso é real, né? Ele está na frente da gente, assim, na minha frente ele está uns vinte e três anos, mais ou menos. Ele está um pouco mais. Ele está bem na frente. Do meu irmão, mais ainda. Então, essa coisa de que ele sabe mais, é... Uma coisa assim que fica muito explícito na nossa relação. Então, muitas vezes eu acho que o Júnior fica quieto, porque não tem como a gente De repente, dialogar com uma pessoa que ele sabe mais. E aí que entra a coisa que a gente tem que entender. Então, a gente tem que entender e tirar daquilo que ele fala, alguma coisa para acrescentar na nossa vida, para quando a gente tiver os nossos filhos a gente falar: “Oh, o seu avô, foi tudo, tudo, tudo isso. Eu ajudei o meu filho...” [todo mundo ri] (7ª sessão).

A namorada Melissa, também faz esse reconhecimento quando comenta da relação dela com o pai e a compara com a relação do namorado com o pai:

Namorada: [...] mas se o pai dele faz qualquer coisa, o dia dele acaba. Eu fiquei pensando, porque comigo já aconteceu muita coisa com o meu pai, sabe? Eu já vivi coisas aí, que você pega e acaba o seu dia por causa disso. E até quando isso vai acontecer, entendeu? Aí ele, eu quis dizer isso para ele e ele falou para mim assim: “É, eu sou diferente de você com o seu pai, porque você não trabalha com ele e eu trabalho.” Mas eu acho assim, se ficar sempre assim, isso vai ser uma coisa que nunca vai parar. Como se tudo fosse assim: Se o pai dele está feliz, ele fica bem. Se o pai dele está triste, ele fica mal-humorado também. O pai dele ajuda a fazer a vida diferente? É! Assim: Lógico que entende, um pai é um pai. Só que assim, é demais! (7ª sessão)

O pai João reconhece depois que entende e se apercebe da forma do funcionamento familiar:

Pai: [...] Foi comentado de uma forma bem clara. Eu acho que eles também entenderam perfeitamente, porque eles [...] Enxergaram como, como que, que nós chegamos nesse, nesse ponto. Eles parecem que querem mais. Eles enxergaram a minha dúvida. E eles compartilharam dela também, né? Então... [...] Nós não podemos... [...] Tem que dar uma continuidade nisso. Tem que... Não pode parar por aí. (6ª sessão)

E pode assim tomar uma atitude diferente, como descreveu a filha Lia:

Filha: Eu posso falar que ele só teve a decisão de falar para o Júnior, que não dava para ele ir viajar, depois daquela vez que nós viemos aqui. Porque até então, ele ia tirar o dinheiro da onde não tinha, para não desagradar ele. Ele tava com um movimento, e conversando comigo já, que faz tempo: “O quê eu vou fazer com o Júnior? E agora? E agora? Não sei o quê.” E ele ia fazer esse esforço, para dar a viagem para ele. (7ª sessão).

A mãe, Antonia, coloca que é através da união que eles vão conseguir encontrar a resposta e reconhece a estrutura familiar quando coloca que foi a forma que criaram os filhos diferente do que foram criados:

Mãe: Mas eu acho que tem que se ajudar dos dois lados, né? [...] Tanto do lado dele, como do lado do pai também, né? Eu acho que os dois tem que se entender aí, procurar fazer ... Que nem eu falo para ele: “Você tem que procurar fazer as coisas direito, para ele não precisar falar. [...] Né? Nem que seja para você andar atrás dele o dia inteiro. Mas ele quer isso, vai atrás dele.” Até ele cair na realidade, porque o defeito do, do, do pai dele, é que ele acha que todo mundo tem que ser igual a ele. [...] E não é. Ninguém é perfeito também, né? Nem se fosse, não tinha graça, né? Ele sabe tudo, ele mexe com isso e com aquilo, mas ele ... O Júnior não foi criado. Não nasceu assim. Aí foi outra a criação que nós demos para ele. Já começou em uma história particular, tendo tudo coisa diferente, coisa de marca, a gente ... Nós que erramos, demos tudo que ele queria. Então agora, olha o tanto [?]dele. E ele, o João. não. Ele foi criado na roça. Desde os sete anos ele trabalhou, ele tinha a conta dele, ele comprava a roupa dele. Sofreu muito! Então, a gente não vai querer que os filhos da gente ... Se a gente tem possibilidade de dar coisa melhor não vai querer que eles vão passar por tudo que a gente passou. (8ª sessão).

O filho Júnior, assim também precisou rever suas posições. É muito interessante a forma que ele foi se dando conta e fazendo as conexões, inclusive o reconhecimento das suas posições: “É o caçula da família tentando se colocar em uma, em uma posição” (7ª sessão).

Filho: Eu quero dormir com os cachorros. Quero fazer alguma coisa para mim. Porque a minha vida inteira eu, sei lá, é o maior [...] Todo

mundo sempre cobrando. Eu quero parar um pouco para mim, entendeu? (8ª sessão).

Ambas as famílias começam a ver como eles são: os defeitos para um são qualidades para o outro, como nesta fala entre os pais da família I:

Pai: Tem que respeitar o jeito de ser. Se começar a falar só de bebida aqui. Na verdade é,

Terapeuta: O que não seria defeito, seria diferente.

Pai: É, o que pra um não é defeito, pode ser pro outro, né? Sei lá!

Mãe: Mas quando as deficiências incomodam mais de um...(4ª sessão)

Reconhecer o outro como o outro é, perceber de forma clara, télica, os papéis e contra-papéis, se comunicar, é a solução encontrada pelas famílias.

Na família I, a mãe esclarece o medo que tinha em mexer, em olhar, em falar sobre eles. As dúvidas, as fantasias, de como o outro escuta, se devo ou não falar, assim como o receio sobre o processo terapêutico pode ser observada:

Mãe: A princípio, quando a Clara começou, “Ih, ferrou! Né? ” Será que a gente tá preparado. Achei que a gente tinha medo juntos. Aí, depois que começou, eu senti a dificuldade dela. Quer dizer, é óbvio que ela não vai dizer pra gente, com a mesma naturalidade que ela diz pra ela, pra você, pra longe da gente. Intimida, né? Mas ao mesmo tempo, eu acho que a gente nunca ia estar pronto pra dizer: “Agora tudo bem. Pode vir a Clara” A Clara: “Não, pode vir meus pais”, né filha? E eu acho que é um momento importante. (4ª sessão).

Mãe: Então, quando a gente tá falando, a gente se envolve. E eu tava ali falando, e com um medo terrível de, de que ela ouvisse aquilo[...] né? E que era necessário. Eu acho que foi necessário sim. Foi bom pra ela dar uma acordada também, né? Por outro lado, ele também foi por um lado que não precisava tanto, enfatizar tanto assim, né? Mas é legal, porque a gente, eu consegui enxergar aquilo.[...] (2ª sessão).

Na família II os filhos percebem que precisam fazer algum esforço para provocar a mudança e não só esperar do outro, no caso o pai:

Filha: É, e assim, eu acho que a gente tá tão acostumado a tudo que a gente faz ser desacreditado, que daí a gente não tem vontade de fazer esse esforço, porque pensa: “Não sei se isso vai acontecer.”.

Filho: Pensa que vai ter outra decepção.

Filha: Que o resultado vai ser o mesmo de todas as outras vezes. E agora você falando, eu falei assim: “Nossa, de repente a gente fazendo essa movimentação, o pai pode gostar muito, ou ele pode viver com a.” “Não, não é assim, não quero assim.” E esse...

Filho:[...] Não precisa fingir o tempo todo.(4ª sessão)

A ameaça real, o seqüestro, provocou um isomorfismo, isto é, eles sentiam-se presos nas próprias culpas, nos medos das próprias perdas. Ao se resgatarem do seqüestro que eles fizeram de si próprios, trabalharam melhor as relações, ficando mais protegidos. Ficaram mais unidos, fronteiras menos difusas e mais claras.

Nas famílias o processo de elaboração das fronteiras, no decorrer das sessões, foi se modificando, como podemos observar nas figuras a seguir:

Família I:

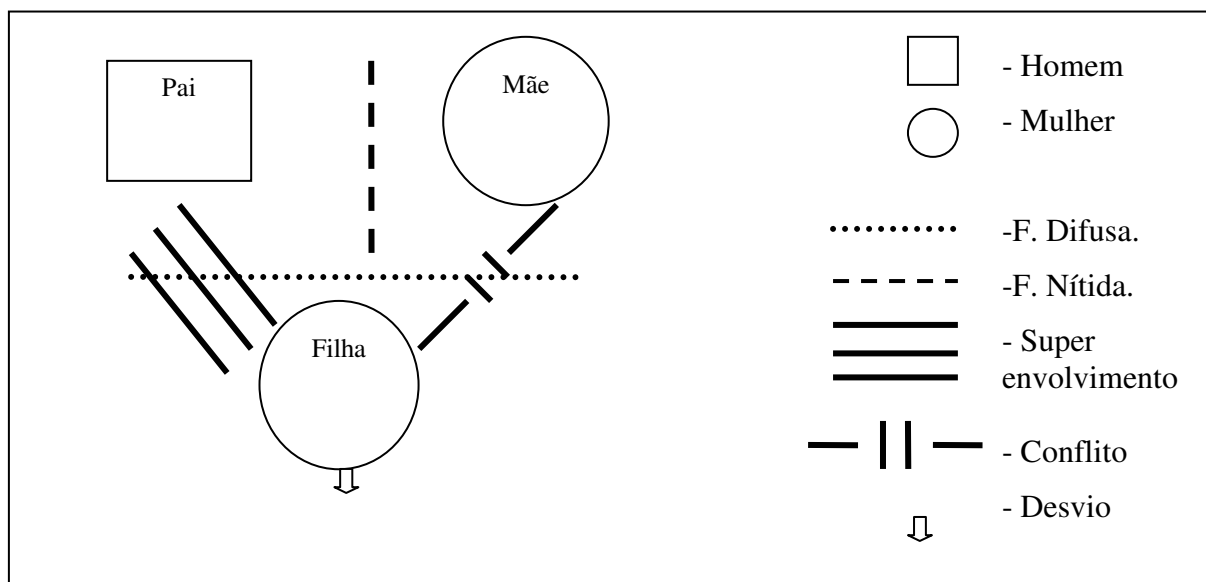


Figura 7: estrutura da família I apresentada no meio do processo terapêutico.

Fonte: Elaboração própria

O pai apresentou uma fronteira mais nítida com a mãe, começando a dar apoio emocional mútuo. Não conseguiram ainda, com a filha. O pai continua apresentando um super envolvimento com a filha, mas sem conflito. A mãe tem a mesma mudança com relação ao pai. Com a filha mantém um conflito, agora ligado a posição adolescente (independência da filha que é muito incômoda para essa mãe especificamente). Entre a filha e os pais a fronteira é difusa; a filha está muito menos periférica. Percebemos que a filha agora se comunica muito mais com a família. Há mais diálogos entre eles, a filha se coloca mais nas sessões.

Família II:

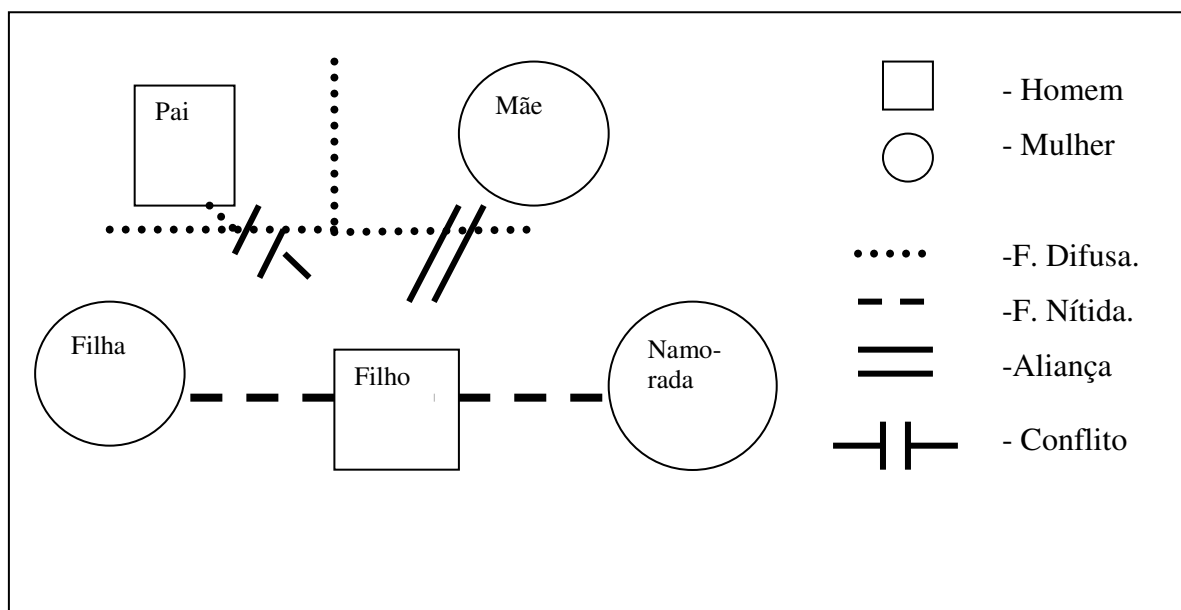


Figura 8: estrutura da família II apresentada no meio do processo terapêutico
Fonte: Elaboração própria

A fronteira entre o pai e todos os outros membros da família também muda: agora ela é difusa, o que possibilita a aproximação com receios. Os conflitos continuam com o filho, mas desaparecem com a mãe e a filha. Mãe, filha e filho fazem uma aliança. A fronteira continua difusa. Entre os irmãos a fronteira é nítida o que favoreceu muito o vínculo entre eles. Entre o filho e a namorada acontece um distanciamento saudável, fronteira nítida e a relação mais clara. Os dois agora não precisam controlar uma ao outro, como no início.

Para as famílias, resgatar algumas coisas do passado, elaborar as perdas, darem-se conta que não conseguirão resolver todos os problemas, como, por exemplo, não conseguirem

prender os seqüestradores, é a possibilidade da elaboração desta perda ambígua. Para conseguir elaborar estas perdas vão colocando pontos finais nas situações em aberto, resolvendo as ameaças das outras perdas. O aprisionamento, o controle exagerado, não significou o alívio da perda. O que os deixaram bem foi vivenciar a situação de grupo e reconhecer o sistema familiar.

Nas propostas que Pauline Boss (2001) descreveu de como elaborar a perda ambígua pode-se verificar que:

1- As famílias assumiram as responsabilidades em equipe:

Família I:

Pai: É. A gente é... Nós até conversamos sobre isso de, de, de não deixar nada interferir. E como... E não tão... E a nossa opinião valer.{...}.

Mãe: Que ninguém faz com a gente, aquilo que a gente não deixa. Mesmo que...

Pai: É isso que nós estamos conversando. É o fato da gente aceitar várias interferências. Não aceita mais e eu não vou engolir mais.{...} (6ª sessão).

Família II:

Mãe: É. Tem que se unir. Eu acho que cada vez unir. Se tá pior, aí que a gente tem que se unir. Eu falo para ele isso. Para o João Eu falo: “Não é na hora que tá tudo...” A firma tá em crise, que a gente vai ficar esse, sabe, esse: Conversa não responde, saí falando. Um chega, falando alto, não sei o quê. Eu falei: “Aí que a gente tem que se unir, para um dar força para o outro.” (8ª sessão).

2- Tornaram-se mais flexíveis, redistribuindo os papéis designados tradicionalmente:

Família I:

Mãe: Tem que conversar. Não é conversar? Você não disse que a gente mudou? Que aqui serviu para um monte de coisas? Principalmente para ver que você tem que conversar.

Pai: Serviu. Tanto é que... Tanto é que agora mesmo... Tanto é que eu tô tranqüilo, eu nem... [...] “Quer que eu falo?” “Não.” [...] Não quer

que eu falo, então vai ficar para o outro lado, para eu não ter que ficar escutando. Agora, ficava difícil. Agora é que as coisas também está mais fácil, porque ficava difícil. Você alisando, alisando, alisando, aí chega o durão aqui, o ignorante e vai falar tudo ao contrário. [mãe concorda] Uma que você vai chutar na minha frente, né?

Mãe: É, eu também podia chutar, porque eu não tinha essa visão, né? [pai concorda] (8ª sessão).

Família II:

Filha: Esse vínculo eu acho que a gente nunca vai conseguir quebrar. Eu acho que é uma coisa assim, que não corta igual um cordão umbilical. Não é assim. É um vínculo de amor, né? (7ª sessão).

Filho: Não mudou cem por cento. Mas uma coisa, a gente se respeita mais, entendeu? (8ª sessão)

Mãe: Na sala. Aí tudo bem, passou, tudo. Aí depois: “Eu quero uma mesa redonda aqui, assim do jeito que eu... Será que nem isso, vocês não vão fazer o meu gosto? Uma coisa só?” Eu falei: “Vamos fazer. A mesa sim, mas o resto das coisas não. Eu quero do meu gosto também.” Então, eu achei que melhorou bastante, porque eu tô conseguindo também fazer as coisas do meu gosto, não só do gosto dele, do jeito que ele quer. E ele respeitou a minha opinião. (8ª sessão).

Filho: Ficou um pouco do meu jeito, um pouco do jeito dele, e aí... (8ª sessão).

3- Continuaram com seus rituais e comemorações. A família I fez, mesmo com muitas dificuldades financeiras, a festa de 15 anos da filha. Na verdade foram duas festas: uma festa para a filha e os amigos e um churrasco para eles e os “velhos”, como se descreveram. Para esta família ter este ritual, foi mais que resgatar valores, foi confirmar a própria família. Na família II os almoços passaram a fazer de novo parte da vida, agora não mais como um peso e sim como um momento de troca e encontro. O encontro com os amigos, as brincadeiras puderam ser retomadas sem atritos. O filho Júnior descreveu com muita alegria a sua formatura e principalmente o orgulho pela presença dos pais.

4- Usaram períodos de descanso – férias e contato com outras pessoas. Ambas as famílias viajaram e buscaram estar com os amigos, em festas, reuniões familiares, entre outros.

A terapia tem como objetivo principal remover tanta ambigüidade quanto possível para que não fiquem bloqueados no controle de uma situação. “Quando algumas ambigüidades não podem ser esclarecidas ou resolvidas, as famílias devem aprender a viver com a incerteza”. A ambigüidade é reduzida quando há uma expectativa clara de que o desfecho da situação é incerto. (Boss, apud Walsh, 1998 p.196). Na família II identificamos esta posição quando o filho é chamado para reconhecer os seqüestradores, que possivelmente foram presos:

Filho: Tudo voltou, todo mundo voltou a perguntar, e a gente não tinha certeza de nada, não... Sabe? [...] Então, voltou a mesma história de novo. Isso mexeu um pouco comigo. Mas totalmente, totalmente independente de uma coisa da outra. (8ª sessão).

Ou quando precisaram resolver as questões na empresa:

Filho: Eu acredito que sim. É até uma coisa que eu falei esses dias. [...] Até brinquei, né? Porque, com a... Como agora as coisas está ficando bem, e tudo, não sei o quê. Eu falei: “Ah até a gente ficar sem dinheiro. Até a gente ficar sem dinheiro.” Que é nessa hora que é complicado. Quando tá com dinheiro, tá tudo ótimo. Você não tem problemas. Você está trabalhando, tá com dinheiro e tudo. Agora a gente tem que ver, quando estiver com essa dificuldade de novo. (8ª sessão).

Ou quando percebem que são ambíguas na estrutura:

Filho: É que eu tenho medo assim. [...] Que isso seja passageiro, entendeu? Porque isso tem acontecido muito. É muito inconstante a nossa, a nossa família. Uma semana está bem, há outra semana não está. Aí uma semana a gente está bem, a empresa está bem. Agora na outra semana: “Aí eu tô precisando de não sei quanto de dinheiro. Não sei o quê.” Fica aquele estresse, e... Então é muito inconstante (8ª sessão).

Com orientação e apoio apropriados, o trauma pode ser transformador. O trauma tem potencial para ser uma das forças mais significativas para despertar a evolução psicológica, social e espiritual. O modo como lidaram com o trauma influenciou, em muito, a qualidade de

vida. O trabalho terapêutico de um sistema determinado ou organizado por problemas (no caso o trauma) pode, agora, ser visto como uma nova via de comunicação.

10.4 O sociodrama familiar sistêmico e as dinâmicas relacionais familiares para O Fim do Silêncio:

As famílias foram resgatando, revendo, reescrevendo suas histórias. Reavaliando o valor das coisas e refazendo as prioridades, o que estas famílias buscaram então foi o diálogo.

Família I:

Mãe: [...] Então eu acho que, que isso é importante.[...] De dizer que tá tudo legal, não, eu tirei de letra. Não, eu falei e você não gostou, mas eu soube compreender. A gente precisa disso, um diálogo mesmo. (2ª sessão)

Terapeuta: O quê que a gente quer para o nosso futuro?

Filha: Diálogo!

Mãe: Que bonito! (5ª sessão)

Família II:

Pai: [...] Eu acho que a hora de passar a mão na cabeça, tudo bem, é uma hora difícil de falar. Eu acho que tem que ser dessa forma. Para a gente procurar um caminho. Porque a gente não vai encontrar, se a gente não chegar nesse, nesse instante. A gente tem que ficar correndo atrás da situação.

Filha: Ficar nessa sinceridade.

Pai: Então eu acho que [...] Na hora de passar a mão na cabeça, tem que passar. Na hora de ser rígido, tem que falar também. (6ª sessão)

Mãe: {...}Ele melhorou muito, depois que ele começou a tomar essa atitude de antes conversar. Então, eu acho que os dois estão superbem. (8ª sessão)

Entre as condutas ligadas ao medo e às perdas, encontramos o Silêncio, inexpressivo, inibitório e autocensurado. Fomos notando que durante o decorrer das sessões

fomos tendo um aumento nos diálogos dentro das famílias. Na família I, nas primeiras sessões quase não se conseguia escutar a voz da filha, que ficou por muito tempo calada ou monossilábica. A partir da terceira sessão começa a se colocar mais e termina no último encontro descrevendo o que vivenciou durante o processo, com toda a sua emoção. É ela que pede mais diálogo e a família dialoga entre si. Na família II também ocorreu este fenômeno. O filho fala, mas sempre na referência de que o pai não o deixa livre, sente-se preso. Mesmo o pai só tendo participado uma única vez das sessões, parece que se tornou mais aberto para o diálogo. O comentário ao final é o quanto estão trocando mais idéias. Colocaram um fim ao silêncio. As famílias se reencontraram:

Família I:

Mãe: Eu coloquei, a terapia, como reconstrução familiar. (5ª sessão).

Família II:

Filha: A gente tem que, de repente também [...] Dar um pouco de crédito para as coisas que ele fala. Porque muitas vezes a gente fica nessa: “Aí, eu não agüento mais. Mais uma lição de moral, mais um...” Sabe? Não, vamos enfiar alguma coisa boa na nossa vida com o quê ele tá falando, sabe? Vamos tentar trabalhar aquilo que altera, sei lá, alguma coisa para a gente. Vamos transformar em alguma coisa construtiva (7ª sessão).

Minuchin (1982) e Moreno (1991), colocaram a importância de se observar em ações “aqui e agora” as relações familiares, a qualidade das fronteiras. Quando se reconheceu a área de disfunção nestas famílias, pode-se criar um novo sistema por meio da interação terapeuta-família. O terapeuta pode, junto, com as famílias, ajudá-las a restaurar o processo interacional e construir padrões comunicacionais positivos. A terapia propiciou o questionamento do padrão estrutural familiar, proporcionando papéis intercambiáveis, transformando as relações familiares. O fato de experimentarem posições relacionais diferentes permitiu aos membros do sistema saírem de um *script*, no qual cada um possuía um papel definido, para este *script* da rede de relações.

Família I:

Filha: Ajudou. [...] A esconder os segredos. [filha ri] Não, eu tô brincando. É...

Pai: Não, eu acho que foi bom. Deu para aprender um, um limite. Não querer ser dono, né? Que na hora a gente quer...

Mãe: A gente quer não, a gente age.

Pai: Age como, né? E deu para dar uma, uma clareada nesse tipo de coisa. Enxergar de uma outra maneira, né? Muito mais fácil [...] Respeitar o limite, lógico de até aonde pode ir.

Filha: Olha eu também, eu vou falar uma coisinha. [mãe ri] Não tem essa não, você tem que me respeitar, da mesma forma que eu tenho que te respeitar. (8ª sessão).

Mãe: Não é sério. Eu acho assim: Eu acho que para a gente estava muito difícil. Porque a gente não sabia o que era da adolescência, o que era... O quê eu resolvia no tapa, e o que eu resolvia na conversa, ou o que eu precisava ajuda. Estava nesse pé. E eu acho que ajudou bastante. É lógico que a gente não, não se demitiu ainda, porque eu acho que falta muito para a gente ainda avançar aí. Mas eu acho que deu para clarear muito, principalmente essa coisa do limite. Quer dizer, tem que ter limite. (8ª sessão).

Família II:

Mãe: Eu estou me sentindo bem. Deu para dar uma...Uma relaxada aí. Cada um falar o que sente, né? Precisava disso, né?

Filha: É, eu estou me sentindo aliviada. E ao mesmo tempo, é confiante que, de repente a gente possa conseguir mudar a situação.

Mãe: Certamente! Mas isso não é movimento de uma pessoa só. (6ª sessão).

Filho: Mas para mim foi, foi bastante produtivo, eu acho, viu? [...] Bastante produtivo, porque tinha muita coisa que antes não falava. [...] Ou sei lá, não era tão explícito. Aí... Eu acho que me fez focar outras coisas. [...] Daí, deixar de lado outras. Com certeza mudou algumas coisas. (7ª sessão).

Mãe: Para mim foi ótimo! Eu achei que foi muito bom. Mudou bastante, principalmente quando ele veio aqui. Sabe, a gente se abriu mais. (8ª sessão).

Os padrões interpessoais, interacionais são explorados pela ação. Somos “terapeutas das relações”, disse Moreno (1991). O sociodrama familiar sistêmico procurou possibilitar às famílias se auto-definirem de modo tal que faça sentido para todos os seus membros. Os

dados obtidos, por diversas técnicas como perguntas circulares e reflexivas, dramatizações, as narrativas, ajudaram as pessoas a se verem mais claramente em e na relação com os demais (grifo da autora).

O que ficou para estas famílias ao final do trabalho foi à possibilidade de se verem com outros olhares:

Família I:

Mãe: Eu acho que eu senti muito mais resultado aqui. Mesmo para... Quer dizer, eu não estava tratando do meu problema específico antes, né? E sim do seqüestro. Mas fez mais efeito em toda a minha vida, em toda a minha, a minha maneira de ser. A gente tratando de um outro problema que não tinha nada a ver, do que todas as terapias que eu fiz para, para chegar alguma coisa e não chegava a nada. Aí eu dizia: “Eu não vou mais”.

Pai: Ela está elogiando as suas atitudes profissionais. (8ª sessão).

Terapeuta: [...] Mas esse trabalho todo só foi possível, por causa de uma situação muito difícil que foi o seqüestro. Como é que ficou para vocês após esse tempo da nossa conversa, essa questão do seqüestro?

Pai: Olha, eu nem venho aqui pensando nisso. Sinceramente. No problema do seqüestro. (8ª sessão)

Família II:

Filho: Eu só me arrependo um pouco, do meu pai ter vindo uma vez só. [...] Não, não é arrepender.

Mãe: Você queria que ele viesse mais, né?

Filho: Não usei a palavra certa. Porque eu acho que ele devia ter vindo mais.

Mãe: Eu acho que se ele viesse mais, para ele teria sido melhor.

Pai: Eu acho que ele devia ter vindo mais.

Mãe: Eu acho que se ele viesse mais, para ele também ia ser bom. [...] Que foi bom uma vez. Eu achei que ele mudou bastante. Que ele precisava de uma pessoa que, que falasse mais que ele. Que não fosse mais baixo que ele. Que fosse mais alto. E mais vezes. Mas eu vou tentar levar ele para a gente fazer lá em I. (8ª sessão).

Filho: É. Depois que eu vim aqui,[...] eu vi que ela não pega, não analisa alguns pontos assim, que a gente consegue ver aqui.[...]

Mãe:[...] Eu venho aqui, das vezes que eu venho aqui, eu saio realizada. Eu saio, que parece que eu me abro, eu falo tudo, sabe?[...]

Filho: É. Eu acho que tem que achar os porquês das coisas e saber discutir.

Mãe: Sim.

Filho: Chegar no ponto, entendeu?[...] “Por quê que você tá bravo?” Então, eu acho que isso também é válido.[...]

Mãe: Parece que tinha medo de, de, de falar comigo, de chegar nos pontos fracos meus, e tal. E você não. Parece que você, você fica ouvindo e você fala tudo o quê tá aqui guardado. Você entendeu? É uma coisa bonita, né? Eu acho que é um dom muito bom que você tem. Deus te ajude que continue assim. (8ª sessão).

Quando terminamos o número de sessões programadas, a família I deixou por escrito o que foi para eles este período. Transcreverei para que assim como eles possamos terminar este trabalho:

Pai: Eu, José, cheguei aqui com muitas duvidas e graças a esta santa terapia, hoje me sinto muito mais confiante e preparado para outros problemas que vierem. Obrigado.

Filha: Sem dúvida melhora muito, pois aprendemos a lidar com muitas situações. Uma coisa horrível que nos trouxe aqui mais que hoje está sendo maravilhoso.

Mãe: Gostaria de dizer-lhe que hoje, graças a Deus e a você, estou me sentindo muito mais leve e segura das “rédeas da minha vida”. Pensei em cuidar da minha filha e fomos premiados com o seu trabalho que veio cuidar de uma família inteira. Sinto meus passos mais seguros, uma leveza na alma e um desacelerar que muito me incomodava!

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, propus entender como se apresentavam às dinâmicas relacionais e a reconstrução das famílias com vítimas de seqüestro. A proposta desta dissertação foi tornar a pessoa seqüestrada e suas famílias, donas de suas histórias, a partir de narrativas e vivências que incluíam o não historiado. Acredito que conseguimos fazê-lo.

A compreensão dos temas violência, trauma, perdas e estrutura familiar não foi uma tarefa fácil, mas promoveu conhecimentos inquestionáveis e únicos para todos.

As famílias durante e pós-seqüestro tiraram forças de onde não se sabe, e seguiram na luta para se ajudarem. As famílias necessitavam expressar seus sentimentos de dor, raiva, culpa e indefinição do que aconteceu. Durante as sessões, as famílias demonstraram suas dúvidas, seus temores e expectativas. Um aspecto muito relevante com relação ao que foi vivenciado foi o medo de que acontecesse de novo alguma coisa ruim com a família. Foi então necessário buscar e encontrar mecanismos que permitissem manter o respeito com seus próprios sentimentos como seres humanos.

As famílias viveram, assim como as vítimas do seqüestro, um cativeiro virtual, sem serem retiradas do convívio social, sem ter uma arma na cabeça, mas com situações que apareciam e desapareciam de maneira repentina, como fantasmas, caracterizando o TEPT. Reviver o trauma através de sonhos, pensamentos, evitar falar sobre a situação, se fechar para as relações, duvidar de tudo e de todos, foram alguns dos sintomas apresentados.

As crenças que estas famílias tinham no mundo, nos outros e em si mesmas, de que as coisas ruins, negativas, só aconteciam com os outros, desapareceram e a partir deste fato, começaram a perceber a sua própria vulnerabilidade. Uma boa integração, uma boa adaptação depende em grande medida da posição que a família assume frente à própria vulnerabilidade. A possibilidade de aceitar a própria vulnerabilidade e aprender a manejar as ameaças presentes ao redor é que permitiu ajustarem-se bem e reassumirem a rotina. Uma readaptação inclui as reconstruções das situações que são vulneráveis. Ao descobrirem-se vulneráveis e verem que há situações que não se pode controlar, mostraram que apesar das dificuldades, ainda existem alternativas para se manejar o sistema organizado pelo trauma. Como não se

consegue controlar o que acontece, concluiu-se que surpresas acontecem, mesmo que nos preparemos. Temos que saber que podemos tomar cuidado, mas não eliminar os riscos. Não se pode culpar a nós mesmos pelo o que aconteceu nem tão pouco nos sentir como vítimas. Não existe nada nas pessoas, ou nas suas histórias pessoais que favorecesse o seqüestro. Existem sim circunstâncias, como ações imprudentes, fronteiras abertas, que puderam favorecer o acontecido. “Talvez isto pareça um exagero, mas a consciência da própria participação em uma estrutura autoritária e da própria responsabilidade na manutenção de suas regras é muito necessária para conseguir transformações desejadas. O problema é que se trata de uma consciência muito dolorosa e difícil de adquirir” (Ravazzola, 2003).

Pudemos então verificar que as famílias apresentaram fronteiras ambíguas, onde a rigidez e a super-proteção não produziram um funcionamento eficaz nem estabeleceram limites claros. Este funcionamento ambíguo também apareceu no sistema familiar, como um todo, para responder a eventos do ciclo de vida (adolescência, namoro, casamento), situações e vinculações emocionais dos membros da família (relação pais-filhos, casal, irmãos, separações, doenças, atritos). Portanto, a estrutura familiar em situação pós-traumática, onde a situação limite de perda de um membro da família foi concretizada através desta ameaça violenta, criminosa, mobilizou nas famílias a necessidade de rever, de reorganizar, de reestruturar os vínculos. O sentimento de culpa, por não ter conseguido evitar, fazer que não acontecesse, não provocar sofrimento, e muitos outros sentimentos, fizeram com que revivessem toda a vida familiar. As pessoas se sentiam culpadas como se tivessem feito alguma coisa que facilitasse o acontecido e isto mobilizou as próprias faltas, fez com que revisassem os próprios padrões relacionais, reavaliando a maneira como estavam os relacionamentos, os códigos afetivos, as expressões de afeto, o grau de importância de um para o outro, que na rotina foram se perdendo.

As famílias também apresentaram uma comunicação falha, pois a regra de funcionamento familiar não estando clara, o diálogo não era efetivo. Não se tem palavras para representar o que se viveu, fez-se o silêncio. A sustentação do silêncio só manteve a sensação de falta de controle do mundo interno e externo, do qual a violência faz parte, contribuindo para a organização dos sistemas organizados pelo trauma.

Os atendimentos ofereceram espaço de diálogo protetor e seguro para que as famílias que sofreram trauma pudessem contar suas experiências e pudessem, assim, reviver suas dores. O fato de se ter um espaço de escuta, fazer perguntas, reconhecer-se neste sistema, quebrou o ciclo e permitiu que as pessoas pudessem escolher outros significados para darem a sua história. Um contexto de contenção para que pudessem se olhar e com o apoio do terapeuta, tratar de assuntos complicados, para alguns, feios e ruins.

O Sociodrama familiar Sistêmico foi à forma eficaz para se processar a tensão que produziu esta situação traumática e favoreceu uma adequada assimilação desta experiência. As palavras foram o indicador para a ação. O conteúdo das narrativas foram palavras e a ação foi o processo. “O importante foi à unidade e não a uniformidade que permitiu as diferenças” (Farmer, 2004, p.26). Reviver a experiência dentro de um contexto em que se possa dar apoio e produzir integração, favoreceu a reconstrução, a co-construção de uma história familiar e uma realidade nova.

Bentovim (2000) afirmou que a necessidade de se reviver essas experiências em um ambiente seguro e apoiador provocaria uma mudança nas falas que de queixosas, passariam a ser por justiça. Ao viver situações de violência como esta, descobrimos como estamos desprotegidos. Decepcionados, reduzimos a confiança nas instituições, na aplicação da justiça, no Estado. A confiança se deteriorou de forma geral; perdemos a confiança em tudo. Este tipo de situação não tem afetado somente a família, mas toda a sociedade. Por esta razão citamos Martin-Baró (1989) que fala dessa situação como um trauma psico-social, referindo-se à psiquê de uma coletividade que está sendo continuamente traumatizada gerando um elo de terror e impotência. Os efeitos psicológicos do seqüestro vão além dos que o sofrem. A sociedade paulatinamente fica mais limitada na sua capacidade criadora, dedicando toda sua força e energia em defender-se do horror que diariamente nos acompanha. Moreno (1992) colocou que o mundo vem desencorajando e reprimindo o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade, derivando então as “*patologias psicológicas e sociais do homem*” e acrescenta que “*a ansiedade resulta da perda da espontaneidade*” (p.149-150). Até quando, então, seguiremos simplesmente sobrevivendo, defendendo-nos sem reagir construtivamente, não favorecendo nossa criatividade e espontaneidade?

Como profissionais da psicologia clínica não podemos deixar de reconhecer nossa função social. Compreender o ser humano, suas redes relacionais, sair do micro para o macro social, faz com que ao estudarmos a violência não consigamos vê-la fora da sociedade que a produziu. Ela se nutre de fatos políticos, econômicos e culturais traduzidos nas relações cotidianas que, por serem construídas por determinada sociedade, e sob determinadas circunstâncias, podem ser por ela desconstruídas e superadas (Minayo, 1998). A violência constrói e mantém a violência, portanto somos todos co-responsáveis por esta sociedade. Trabalhar com a violência na nossa sociedade implica encontrar também permanentemente com os desejos humanos, entre eles os desejos de transformação, de crescimento e de elevação. Por isso, a referência constante a essa fonte é a disponibilidade, a entrega, que deverá ser elemento fundamental na tarefa do profissional envolvido.

Para encerrar, é necessário reforçar a idéia de que a violência só pode ser estancada se quebrarmos o circuito do medo e do silêncio. Dar voz, tornar-se dono da própria história.

A situação aguda, a ameaça concreta, desvelou, tirou-se o véu, abriu-se a possibilidade do Fim de um Silêncio.

12 .REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUDELO, Diana Maria V. *El Horror de lo Incierto* – Intervención Psicológica con Víctimas de Secuestro., 2001. Disponível em:
(<http://medicina.udea.edu.co/Publicaciones/iatreia/Vol14%20No2%20-%20Jun%202001/EL%20HORROR%20DE%20LO%20INCIERTO.doc.>)
Acesso em agosto de 2006.
- ANDERSON. H.; GOOLISHIAN, H. Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, n. 27, p.371-393, 1988.
- AURÉLIO, Dicionário: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Versão 5.11ª correspondente à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo, 2004. Windows 2000 1. CD-ROM.
- BALLONE, G. J. Transtorno por Estresse Pós-Traumático. *PsiquWeb*, Internet, Disponível em (<http://www.psiqweb.med.br>) ; revisto em 2005 Acesso em: junho de 2006.
- BARÓ, Martin. *Sistema, grupo y poder*. Psicología social desde Centroamérica II. San Salvador: UCA Editores, 1989.
- BARÓ, Martin *Psicología social de la guerra: trauma y terapia (compilación de textos)*. San Salvador: UCA Editores, 1990.
- BARÓ, Martin (www.martinbarofund.org) Acesso em 2006.
- BENTOVIM, A. *Sistemas Organizados por Traumas: El Abuso Físico Y Sexual en las Familias*. Buenos Aires, Paidós, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a Alma Humana* São Paulo, Cultrix, 2000.
- BERNIK, Dr. Vladimir -_Estresse: O Assassino Silencioso, 2005 *Cerebromente*. Disponível em: (<http://www.cerebromente.org.br/n03/doencas/stress.htm>) Acesso em: junho de 2006.
- BÍBLIA SAGRADA Traduzida por João Ferreira de Almeida - 39ª impressão de 1977.
- BORGES, Gerson. *Seqüestros: A liberdade tem preço*. Rio de Janeiro: Quartet, 1997.
- BOSS, Pauline. *La Perdida Ambigua* – Cómo aprender a vivir con un duelo no terminado. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 2001.
- BRODY, Jane E. *A dor que nunca vai embora*, Reportagem New York Times Disponível em: (<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/paginadois/2001/09/20/jorpg220010920001.html>) Acesso em 2006.
- CIA, A. H. *Transtorno por Estrés Postraumático*. Buenos Aires, Imaginador, 2001.

- COLORADO, F. D. Seguridad vs. Paranoia. 2002 *Psicologiacientifica.com*. Disponível em: (<http://www.psicologiacientifica.com/publicaciones/biblioteca/articulos/ar-fdiaz02.htm>) Acesso em: março de 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- DATASUS – Disponível em: (<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/extSP.def>) Acesso em: janeiro de 2007.
- ESPARZA, David Puchol. El Trauma Psicológico. 2002. *Psicologiacientifica.com*. Disponível em: (<http://www.psicologiacientifica.com/publicaciones/biblioteca/articulos/ar-puchol02.htm>) Acesso em: março de 2006.
- ESPARZA, David Puchol Estratégias de Intervención Frente al Estrés Postraumático. *Psicologiacientifica.com*. Disponível em: (<http://www.psicologiacientifica.com/publicaciones/biblioteca/articulos/ar-puchol01.htm>) Acesso em: março de 2006
- FARMER, Chris. *Terapia Sistêmica e Psicodrama*. São Paulo: Agora, 2004.
- FERREIRA-SANTOS, Eduardo Avaliação da Magnitude do Transtorno de Estresse Causado pelo Trauma do Sequestro em Adultos. 2006.. *Virtual Psy*. Disponível em : (<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=387&sec=35>). Acesso em 09 abril de 2006.
- FERREIRA-SANTOS, Eduardo *Avaliação da Magnitude do Estresse causado pelo Trauma de sequestro* Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Doutor em Ciências Área de concentração: Patologia Orientador: Prof. Dr. Paulo Hilário Nascimento Saldiva, São Paulo, 2006a.
- FIGUEROA, Coronel (GN) Juan Francisco Romero *El Delito del secuestro y su implicación en la seguridad hemisférica con énfasis en Venezuela y Colombia*. Venezuela, 2003. Disponível em: (<http://library.jid.org/en/mono42/romero.doc>.) Acesso em janeiro de 2007.
- FIEL, Maristela Silva *Sequestro Relâmpago: O sistema familiar organizado pelo trauma*. Monografia para obtenção do Título de Especialista em Terapia Familiar e de Casal no Núcleo de Família e Comunidade da PUC-SP (não publicada)- março de 2006.
- FONSECA, José *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Agora, 2000.
- FUNDACIÓN PAÍS LIBRE. 1999. Bogotá. (Vía Internet). Disponível em: (www.inter.net.co/paislibre/informacion.htm) Acesso em: abril de 2006.

- GARRIDO MARTIN, Eugenio. Psicologia do Encontro: J.L. Moreno. São Paulo: Agora, 1996.
- GONÇALVES, C. S. Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno. São Paulo, Ágora, 1988.
- GRANDESSO, Marilene A. Sobre a Reconstrução do Significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
- GREGIO, C. Antes e Depois do TRAUMA: Vivência Traumática e o Mundo Presumido. TM, PUC/SP, São Paulo, 2005.
- HERMAAN, J. L. Trauma and recovery. New York: Basic Books, 1992.
- KEILSON, H. Sequential traumatization in children: The Magnes Press Jerusalem Hebrew University, 1979.
- LEVY, L. Tributo a Moreno, aquele que sobreviveu... Resgatando um Moreno científico 2003. Disponível em: (www.febrap.org.br/biblioteca/textos.asp - 27k) - Acesso em: 2003.
- LIPP, M. E. N. (Org.) Pesquisas Sobre Stress no Brasil Saúde, Ocupações e Grupos de Risco. Campinas – SP, Papirus, 1996.
- MELLO, M.I.V. Homicídio em famílias: implicações na reorganização familiar. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica apresentado na PUC-SP, 2004.
- MENEGAZZO, Carlos M. Dicionário de Psicodrama e Sociodrama. São Paulo: Agora, 1995.
- MINAYO, M.C. de S. e SOUZA, E.R., Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, IV(3): 513-531, nov.1997-fev-1998. Disponível em: (<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a06.pdf>). Acesso em janeiro de 2007.
- MINISTERIO DA JUSTIÇA – (http://www.mj.gov.br/Senasp/home_estatisticas.htm)
- MINUCHIN, S. Técnicas de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- MORENO, J.L. Psicodrama. São Paulo, Cultrix, 1991.
- MORENO, J.L. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo, Summus, 1983.
- MORENO, J.L. O Teatro da Espontaneidade. São Paulo, Summus, 1984.
- MORENO, J.L. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Campinas, S.P., Editorial Psy, 1993.
- MORENO, J.L. Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama, volume I. Goiânia: Dimensão, 1992.

NAFFAH NETO, Alfredo. Psicodramatizar. 2ª ed., São Paulo, Ágora, 1990.

NAFFAH NETO, Alfredo Psicodrama: descolonizando o imaginário. São Paulo: Plexus, 1997.

NERY, Maria P. Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo, Agora, 2003.

OMS - Organização Mundial da Saúde. Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. Genebra: OMS, 1946/2001. Disponível em (http://whqlibdoc.who.int/hist/official_records/constitution.pdf). Acesso em 08 de janeiro 2007.

OSÓRIO, Luiz Carlos. Terapia de famílias: novas tendências. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ONU. Declaração Universal de Direitos Humanos. Artigo 3, 1948. Disponível em: (<http://www.unhchr.ch/udhr/lang/por.htm>). Acesso em 01 março de 2006.

PORTAL DEL SECUESTRO. Disponível em: (<http://www.elsecuestro.freeservers.com/>). Acesso em 05 maio de 2006.

RAVAZZOLA, Cristina , De intervenciones de expertos a conversaciones colaborativas en la búsqueda de relaciones más democráticas en familias e instituciones, artigo publicado na revista Perspectivas Sistémicas n° 78, "Juventud, Suicidio, Violencia y Familia". Septiembre/ Octubre de 2003. Disponível em (<http://www.redsistemica.com.ar/ravazzola.htm>). Acesso em janeiro de 2007.

ROJAS-BERMUDEZ, J. C. Núcleo do eu. São Paulo, Natura, 1978.

SAMAYO, J., Guerra y deshumanización: una perspectiva psicosocial, in: Martín-Baró, I. (Ed.), Psicología social de la guerra. San Salvador: UCA Editores. 1990.

SCHAUER, M; NEUMER, F. e ELBERT, T Narrative Exposure Therapy: A Short-Term Intervention for Traumatic Stress Disorders after War, Terror, or Torture. USA, Hogrefe & Huber Publishers, 2005.

SCHESTATSKY , Sidnei; SHANSIS, Flávio; CEITLIN, Lucia Helena; ABREU, PAULO BS; HAUCK, SIMONE; A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. Revista Brasileira de Psiquiatria ISSN 1516-4446, 2003. Acesso em 02 outubro de 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO -SSP/SP, 2005 (<http://www.ssp.sp.gov.br/estatisticas/>). Acesso em 01 abril de 2006.

SEIXAS, M.R. Sociodrama Familiar Sistêmico. São Paulo, ALEPH, 1992.

- SLUZKI, Carlos E. A rede social na prática sistêmica; tradução Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- STRINGUETO, Kátia. Violência: O impacto na saúde de todos nós. 2002 Disponível em: (<http://www.unifesp.br/comunicacao/sp/ed07/reports0.htm/>). Acesso em 01 abril de 2006.
- TERR, L.C. Psychic trauma in children: observations following the Chowchilla school-bus kidnapping. Am J Psychiatry 1981; 138:14–19.
- TORRES & URIBE. La Estructura Familiar em Victimias de Secuestro Extorsivo. Tese de Graduação, Colômbia, 2004. Disponível em: (<http://www.sepv.org/ensayos/secuestro.html>). Acesso em agosto de 2006
- UCHITEL, Myriam Neurose Traumática Casa do Psicólogo, São Paulo, 2001.
- VACA, P. El Secuestro. Disponível em: (www.mrservice.net/serv/secuestr.htm). Acesso em agosto de 2006.
- ZAMPIERI, Ana Maria F. Sociodrama Construtivista da Sexualidade Conjugal na prevenção de HIV e de AIDS no casamento. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- ZAMPIERI, Maria Aparecida Junqueira. Codependência: o transtorno e a intervenção em rede. São Paulo: Agora, 2004.
- WALSH, Froma Morte na família: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: ArtMed, 1998. cap.9
- WHITE, M. Guias para uma Terapia Familiar Sistêmica. Barcelona, España, Gedisa Editorial, 1994.

13. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Wilson Castello de. Encontro existencial com as psicoterapias. São Paulo: Agora, 1991.

BERQUÓ, Alberto. O Seqüestro dia a dia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CARTER, Betty As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. – 2.ed. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTILLO, Teodoro Herranz. El Sintoma pensado desde uma posicion de encuentro: Sintoma Y Psicodrama. Presentado en el V Congreso Virtual de Interpsiquis, 2005. Disponível em: (<http://www.psicodrama.es/articulos/pdf/artpsit4.pdf>). Acesso em agosto de 2006.

CUKIER, R. Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto. São Paulo, Agora, 1998.

FERRARI, Dalka C. A.; VECINA, Tereza C.C. (Org.). O Fim do Silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Agora, 2002.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS SEADE, Secretaria da Segurança Pública-SSP/ Delegacia Geral de Polícia-DGP/ Departamento de Administração e Planejamento-DAP/ Núcleo de Análise de Dados. Disponível em: (<http://www.seade.gov.br/>). Acesso em: 01 março de 2006.

LANE, S.T.M. e CODO, W. (Orgs). Psicologia Social Homem em Movimento. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995

MADARIAGA, Carlos. Trauma Psicosocial, Transtorno de Estres Postraumatico Y Tortura, 2002 Disponível em: (http://www.cintras.tie.cl/textos/monog_trauma_psicosocial_espanol.pdf). Acesso em julho de 2006.

MARKUZ, J. B. Quem tem medo do Seqüestro? São Paulo: EGC, 4ª Edição.

MCNAMEE, SHEILA A Terapia como construção Social - Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MINAYO, Maria C. S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª edição São Paulo, Hucitec; Rio de Janeiro, Abrasco, 1999.

MONK, G. & GEHART D. R. Ativista Sóciopolítico ou Sócio da Conversação? Distinguindo a Posição do Terapeuta na Narrativa e Terapia Colaborativa. In Revista Family Process nº 42. Tradutora Cleide Guimarães, São Paulo, 2003.

NETO, O. V. e VIEIRA, C. M. S. (Orgs.) Transtorno de Estresse Pós-Traumático uma Neurose de Guerra em Tempos de Paz. São Paulo, Editora Vetor, 2005.

- PAX CHRISTI, Holanda. *La Industria del Secuestro en Colombia* Disponível em: (<http://www.passievoorvrede.nl/upload/lacampagne/elsecuestroinColombia.pdf>). Acesso em: 13 maio de 2006.
- PERAZZO, S. *Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim*. São Paulo, Francisco Alves, 1984.
- PERAZZO, S. *Fragmentos de um Olhar Psicodramático*. São Paulo, Ágora, 1999.
- PEREIRA, Maria da Graça; FERREIRA, João M. (Coord.). *Stress Traumático*. Lisboa, Portugal: Climepsi Editores, 2003.
- REIS, Irineu C. S. de. *Seqüestro & STRESS*. São Paulo: Eduna, 1997.
- REIS, José Roberto Tozoni. *Cenas Familiares, psicodrama e ideologia*. São Paulo: Agora, 1992.
- REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA
(http://www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/lng_pt/pid_1516-4446/nrm_iso).
- ROMANA, M.A. *Psicodrama Pedagógico*. Editora Papirus, 1996.
- ROMANA, M.A. *Do Psicodrama Pedagógico à Pedagogia do Drama*. Campinas: Papirus, 1996.
- RUIZ Rodríguez, G. La familia. Concepto, funciones, estructura, ciclo de vida familiar, crisis de la familia y apego familiar. *Rev. Cubana Med Gen Integral*. 1990.6 (1):58-63.
- SILVA, Ilma R. *Abuso e Trauma efeitos: da desordem de estresse pós-traumática e desordem de múltipla personalidade*. São Paulo: Vetor, 2002.
- SPINK, Mary Jane P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- STAKE, R. E. Case Study. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Org.), *Handbook of Qualitative Research* (pp 236-247). Londres: Sage. 1994
- TRUJILLO & VENCE. *El Duelo en el Secuestro*. Tese de Doutorado na Universidad de los Andes, Bogotá, Colômbia. 1993. Disponível em: (www.secuestro.freeservers.com/bibliografia.htm - 28k).
- UMBARGER, C. *Terapia Familiar Estructural*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, 1993.
- ZALUAR, A.M. Exclusão social e violência. In: *Sociedade Civil e Educação*. Campinas – S.P., Papirus: Cedes; São Paulo: Anped. (Coletânea C.B.E.), 1992.
- ZUMA, Carlos E. *A violência no âmbito das famílias: identificando práticas sociais de prevenção*. Rio de Janeiro: LTDS/COPPE/UFRJ e SESI/DN, ago. 2004.(mimeo).

WILLIAMS, Antony. Psicodrama Estratégico: a técnica apaixonada. São Paulo: Agora, 1994.

14. ANEXOS

Anexo 1 - CID-10 - Transtorno do Estresse Pós-Traumático

A) O Paciente deve ter sido exposto a um evento ou situação estressante (de curta ou longa duração) de natureza excepcionalmente ameaçadora ou catastrófica, a qual provavelmente causaria angústia invasiva em quase todas as pessoas.

B) Deve haver rememoração ou revivência persistente do estressor em *flashbacks*, memórias vívidas, sonhos recorrentes ou em sentir angústia quando da exposição a circunstâncias semelhantes ou associadas ao estressor.

C) O paciente deve evitar (ou preferir fazê-lo) circunstâncias semelhantes ou associadas ao estressor, o que não estava presente antes da exposição ao estressor.

D) Qualquer um dos seguintes deve estar presente:

1. Incapacidade de lembrar, parcial ou completamente, alguns aspectos importantes do período de exposição ao estressor;
2. Sintomas persistentes de sensibilidade e excitação psicológicas aumentadas (não presentes antes da exposição ao estressor), mostrados por dois dos seguintes:
 - a) Dificuldade em adormecer ou permanecer dormindo;
 - b) Irritabilidade ou explosões de raiva;
 - c) Dificuldade de concentração;
 - d) Hipervigilância;
 - e) Resposta de susto exagerada.

E) Os critérios B, C e D devem ser todos satisfeitos dentro de seis meses do evento estressante ou do final de um período de estresse (para alguns propósitos, um início demorando mais de seis meses pode ser incluído, mas isto deve ser claramente especificado).

Anexo 2 - DSM-IV - Transtorno do Estresse Pós-Traumático

- A. Exposição a um evento traumático no qual os seguintes quesitos estiveram presentes:
1. A pessoa vivenciou, testemunhou ou foi confrontada com um ou mais eventos que envolvem morte ou grave ferimento, reais ou ameaçadores, ou uma ameaça à integridade física própria ou a de outros;
 2. A resposta da pessoa envolveu intenso medo, impotência ou horror.
- B. O evento traumático é persistentemente revivido em uma (ou mais) das seguintes maneiras:
1. Recordações aflitivas, recorrentes e intrusivas do evento, incluindo imagens, pensamentos ou percepções;
 2. Sonhos aflitivos e recorrentes com o evento;
 3. Agir ou sentir como se o evento traumático estivesse ocorrendo novamente (inclui um sentimento de revivência da experiência, ilusões, alucinações e episódios de *flashbacks* dissociativos);
 4. Sofrimento psicológico intenso quando da exposição a indícios internos ou externos que simbolizam ou lembram algum aspecto do evento traumático;
 5. Reatividade fisiológica na exposição a indícios internos ou externos que simbolizam ou lembram algum aspecto do evento traumático.
- C. Esquiva persistente de estímulos associados com o trauma e entorpecimento da responsividade geral (não presente antes do trauma), indicados por três ou mais dos seguintes quesitos:
1. Esforços no sentido de evitar pensamentos, sentimentos ou conversas associados com o trauma;
 2. Esforços no sentido de evitar atividades, locais ou pessoas que ativem recordações do trauma;
 3. Incapacidade de recordar algum aspecto importante do trauma;
 4. Redução acentuada do interesse ou da participação em atividades significativas;
 5. Sensação de distanciamento ou afastamento em relação a outras pessoas;
 6. Faixa de afeto restrita;
 7. Sentimento de um futuro abreviado (não espera ter uma carreira profissional, casamento, filhos ou período normal da vida).
- D. Sintomas persistentes de excitabilidade aumentada (não presentes antes do trauma), indicados por dois (ou mais) dos seguintes quesitos:
1. Dificuldade em conciliar ou manter o sono;
 2. Irritabilidade ou surtos de raiva;
 3. Dificuldade em concentrar-se;
 4. Hipervigilância;
 5. Resposta de sobressalto exagerada.
- E. A duração da perturbação (sintomas dos critérios B, C, e D) é superior a 1 mês.
- F. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
-

Anexo 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente estudo cujo título é “O Fim do Silêncio”, tendo como Pesquisadora: Mônica Rahal Mauro e Orientadora: Profª Drª Rosa Maria Stefanini de Macedo, esta sendo elaborado no Programa de Psicologia Clínica, no Núcleo de Família e Comunidade pela PUC-SP. Tem como objetivo fundamental compreender a experiência das famílias com vítimas de seqüestro.

Declaro que os procedimentos psicológicos que serão realizados fazem parte do processo de investigação e tratamento.

Será realizada uma serie de entrevistas interventivas onde serão levantados seus problemas, sendo estes gravadas e/ou fotografadas. Estes dados irão ajudar a compreender melhor o seu problema e estas informações também poderão ser importantes para ajudar outros pacientes que apresentam os mesmos sintomas.

Estes dados serão utilizados para a criação de artigos científicos e publicados em revistas especializadas ou apresentadas em Congressos Científicos e serão à base de projeto de pesquisa.

Tais procedimentos trazem baixo risco para a saúde mental, uma vez que visam re-estabelecer seu equilíbrio psicológico, porém, durante o processo, é possível que haja uma aparente agravação dos sintomas, mas que serão imediatamente atendidos e resolvidos. Caso haja alguma emergência, contate-me pelos telefones 38-640933 ou 91-848311, que entrarei imediatamente em contato.

Se concordar com este termo, poderemos utilizar as informações destes procedimentos sem que você seja identificado. Seu direito ao sigilo e ao caráter confidencial do diagnostico e tratamento, estão assegurados. As gravações após serem transcritas serão apagadas e as fotografias não terão nenhuma identificação pessoal ou do local.

Após o termino da pesquisa a pesquisadora entrará em contato para dar retorno dos resultados obtidos e a pesquisa estará à disposição na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa, assinando em duas vias. Entendo que não sou obrigado a participar deste estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

São Paulo, _____ de _____ de 200_.

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável
RG:

assinatura do pesquisador – carimbo ou nome legível
RG: